

hoje, (6 de maio) resolvi averiguar e depois escrever o que de verdade houverse.

Hoje, 6, vim para Coimbra, no fim da tarde; nos jantares, o mesmo padre e no almoço tive a infelicidade de vir com o inspector (creio eu) dos tabacos, desta zona, o Sardinha Baldeira, que, como bom frequentador da Slavazera cá da terra, interrompeu-me na leitura do Débauche de Zola para me obrigar a desconfol-o... Elle é burro; ouve os cathedrauticos e quer reger as minhas asseiras, de modo que me ia irritando. Ao meio dia passaram-se depressa as 3 horas de viagem.

Ao chegar a Coimbra fui direito ao Museo Pinto onde o Floro e o Nicolau, sentados a uma mesa, deram-me a impressão que ali tinham ficado desde a ultima vez que ali os viam...

Alada de novo me deram, na conversação, até que vi a minha casa; porquanto resultou della a triste verdade de as academias do Porto e Lisboa se terem portado dignamente, sem ouelhas desgarradas ao passo que a de Coimbra, tem dado o mais seravel espectáculo da discordia, da indignidade da falta de leão e de coragem, mostrando mais e mais quanto é deprimente a educação universitaria.

Levei em casa; tomei posse da geladeira, e eis aqui resumido o que me lembrou de tudo quanto vi e li durante os dias que estive em Lis

boa; de conversas, de impressões que me ficou
 porque as não escrevi logo.

No entanto aqui fica o que agora mais é neces-
 saria e apanhei procurarei o Pacheco para elle me
 informar — com o seu ár.ário, grave e favelado,
 do que se passou na comissão, da divergencia, da
 circular aos raios (que encontrei no meu
 24, com data de 4 de maio e dirigida o meu) e do
 que corre como mais certo e peris a tal respeito.

E aqui vai tambem a relação dos meus que
 fizeram declarações; são os que consegui colleccionar:

Francisco Moreira dos Santos — filho de José da
 Silva, natural de Fátima, concelho de Castello de Pa-
 vos, districto de Aveiro; é do 3º anno de theologia;

Américo Viana de Lemos — filho de Luiz Gau-
 calves Viana de Lemos, de Louzã; é do 1º anº de ma-
 thematicas e philosophia; é meu condiscipulo em phy-
 sica, e um grande sedante; é dos taes que se julga
 alguém...

Francisco Cotrim da Silva Gancez — filho de Theodorico
 Cotrim da Silva Gancez, de Dornas, dist.º de Sambor-
 em; é do 5º anº de theologia e 4º de direito; foi um
 dos autores do manifesto referido a pp.º...

Luiz Affonso Viana de Lemos — irmão do Amé-
 rico, acima referido; está matriculado em cadeira
 do 1º e 2º anº de direito;

Francisco Carneiro d'Almeida e Brito, filho de

Francisco d'Almeida e Brito, de Lisboa; é calouros de direito;

Candido Augusto de Mello — filho de José inco-
gnitos, de Vizeu; é do 5.º an.º de direito;

Adelino d'Almeida Couto — filho de José d'Al-
meida Couto, de Oliveira de Frades, dist.º de Vizeu; é
do 5.º an.º de direito;

Augusto Carlos Affonso — filho de Manuel Lou-
ranço de Sá Marques, de Veiros, conc.º de Estarreja;
é calouros de theologia;

Antonio Rodrigues de Oliveira — filho de Fleuri-
que Troiz de Oliveira, de Souto de Lafões, conc.º de Oli-
veira de Frades, dist.º de Vizeu; é do 4.º an.º de direito;

José do Patrocínio Dias — filho de Claudino Dias
Agostinho e Rosa, de Covilhã; é do 5.º an.º de theologia;

Antonio da Costa Gaitto, filho de Antonio da
Costa Gaitto, natural de Valle de Matôco, conc.º de Azga-
real; é do 2.º an.º de direito; é padre...

José Teixeira Branco da Silva Ferraz — filho de
Bernardino Teixeira d'Branco da Silva Ferraz, de Fi-
gueira da Foz; é do 5.º an.º de direito.

Adelino Martinus Paulonus Carbe Real — filho de
André Diogo Martinus Paulonus Carbe Real, de Lis-
boa; é do 3.º an.º de direito;

Alvaro Augusto Diniz da Fonseca — filho de Do-
mingos Diniz da Fonseca, de Ruvina, conc.º de Sabu-
gal; é do 2.º an.º de direito;

Bernardo Pedro — filho de Francisco Pedro, de
Coimbra; é do 1.º an.º de mathe.º e philosophia;

Alberto Moura, filho do conde de Moura, de Lisboa; é calouro de direito; tem referencias especial em pagina anterior. (Pg: 174)

Com o N.º do transgênto (de p.º 147) e com estes de reseta, por mim — 31.

Gloria, Jois, aos bravos.

Coimbra =

= 7 de maio {3.º feira} =

Reconforto dos dias de Lisboa, tomada posse do meu quanto trabalho, eis-me de novo lançado a amentoar aqui, estabohadamente, documentos (com que o não, para devida, estas notas) para algum futuro Barbosa Coler the lançar a garras ademas de investigador.

Sim, porque eu ainda espero pervir de base, com isto, a futuros historisadores; a questao academica tomou muito, que entrou na historia politica de Portugal e eu conto por um greguerismo Fernando Lopes m' esta outra revolta do Mestre d'Aviz... de cajo a bati-na, elevando sobre o congo do fero-Audeiro e era no-va do engrandecimento e da libertação...

Mas vamos lá...

Quando, á tarde, sahi de casa e passava pela Alta, encontrei o Pecheco, com dois contemporaneos. Disse-me que o ia procurar, para que elle me infor-

marra de tudo, e que amanhã o procuraria com o
gar, com Zogel, com Lúcio...

— Mas isso é uma interview!...

— Exato... E levarei a minha machina photogra-
phica...

E a conversa correu, correu, desde a alta até ao
arco de S. Sebastião onde elles voltaram para trás, e
d'ahi até á rua Larga.

O Pacheco referiu-se por alto aos acontecimentos,
disse-me que me referia tudo succintamente e que
nisso levaria certamente mais de duas horas, de
modo que eu deveria agradecer dispostos a valer para
a interview...

Diz-me que estava dispostos, assim como os fa-
bricados da ilha de S. Miguel, a iram no paquete de 20,
para casa e que, num manifesto, deixariam escri-
to alguma coisa de sua justiça; e que o unico que
audava a tocar o bico ao grego era o Laroey.

— Contos longos... e crescentes.

Depois, a respeito dos condiscipulos, disse-me que
o Nicolau Gonçalves, o insubstituivel Nicolau, se
fôra despedido delle haverem, que ia para Guimarães
e que de lá enviaria aos jornaes, simultaneamente,
uma declaração; que era uma tolice não
ir a actos... que os actos viriam a ser feitos... en-
fim, uma peducação por conta do Alvaro Basto.

De modo que os trabalhos da comissãõ acade-
micos, ainda ficam para amanhã, para ficarem
com a certeza e veracidade que estes agraça-

meus exigem. Em caso othei os jereses: falam
 em numerosas adherões de Jagás; dizem que a co-
 missão executiva que jedira a demissão, voltaria
 a tomar o seu gosto o que tambem me fôra dito p.
 lo Pacheco; e no Lucto veem um artigo do Brito ba-
 macho e que não posso deixar de me referir.

Castiga pueramente os Jags que querem funar
 a greve obrigando os filhos a voltarem ás aulas
 sem querer saber dos condiscipulos; castiga os me-
uinos que tem declarado não acatar as resoluções
 da comissão, sem querer ~~saber~~ saber que Jags causa d'
 elles e de todos nós, de Coimbra, os senhores de Lis-
 boa e Porto se tem sacrificado; tembra a resposan-
 sabilidade moral deste proceder que é um deshon-
 ra e uma ignominia; e acrescenta:

« Só Coimbra poderia dar-nos o espectaculo d'es-
 sa vergonha e ainda em Coimbra elle não seria tal
 um Jossivel para a existencia d'essa famosa Facul-
 dade de Direito... »

« São estudantes de Coimbra, são algarvidos de
 bacharel todos esses filos e Jagás que tem afarecido
 e renegado o mais bello acto de solidariedade que
 ainda uma classe produzira por motivos de justiça
 e dedicação fraternal. »

E termina o brilhante artigo deste modo:

« Como tudo isto é triste e como tinha razão esse grande descausado que foi Carrillo, afegado do alto das Torres da Universidade por uns fundadores de grêves ancestraes, quando escreveu:

— Aqui está o que nos dá Coimbra afóra me-
lhões e arrufadas! »

Mas os paupristas nada veem, cegos pelo seu espirito de peita.

Bem hajam elles, que para elles está o reino do ceus!...

= Coimbra =

= 8 de maio {4.ª feira} =

Hoje, o dia glorioso da entrada do exercito liber-
tador do duque de Terceira, pela minha terra ma-
tal, com regiques e bandeira azul e branca han-
teada, foi mais fustil de impressões e considera-
veis noticias para este Diario.

Consideraveis, digo bem; não se fez só para
os livros do Esq de Suezoy a gloria consideravel...

Ora, peris meio dia, fui ao Quartel-general pa-
ra me darem o recibo do soldo como gente que
se grega; infelizmente não estava lá quem m'
o desse e assim, sem vintem, voltei á alta, pro-
curando o Pacheco.

O Pacheco não estava; e para embreter tempo

fui ao commissariado onde o Freitas já estava e substituindo, como administrador do concelho, o commissario de policia.

Entreí; estava elle vendo a correspondencia e despatchando uma garbe dos guardas das ruas; o gabinete, era um gabinete pequeno e com revólveres, facas, navalhas, armas e lembrando as garbedas, como trophes dos vencidos... Viha mais uma grande secretaria official; uma cadeira de braços; uns grandes reflexeiros desados; na mesa, um bom timbeiro de laca verde, com dois vidros e entre elles um busto de bronze... de quem?...

Ninguém, de certo, imaginará de quem é o busto que está sobre o timbeiro, no commissariado de policia, de Coimbra!

É de Voltaire!

De Voltaire...

Sim, o mesmo Voltaire, com o riso diabolico bem conhecido, meio recolhido numa espedie de tég romana e olhando na direcção da jasta do Freitas, onde elle, nessa altura, escrevia a margem de uma garbe qualquer uma ordem de intimação a uma certa Diotilda não sei de quê, me rodava na sua direita, que se queixára de que o amante, sem ser conhecido, lhe roubára umas alhices de caso de juvenes!

Sim, olhava diabolicamente, para o despatch, o mariola do Voltaire...

Eu mebei a presença d'aquelle busto, ao Freitas.

— É' g'ra que paiba, disse elle.

— Mas é que devia ter como g'raha o Tratado
polere a tolerancia...

— Lá vem o pauha!

— Prosegto, colo-nue...

E só depois do secretario pahir — um honorem
grosso, de bigodeira grossa e calida, quasi calvo —
é que se começou a fellar.

O Freitas, cubão, abriu-se; fellou sinceramen-
te, porque elle não tem cára g'ra meubir; e a respei-
to do questão dos ralgres, disse:

— Você, he t'ungo, quando algareceu um officio
meu nos jermas, mandando pahir os ralgres exful-
ros, de Coimbra, escreveu-nue de Lisboa dizendo
que me lembrasse eu do que dizia o tal cardeal...

— Cardeal?...

— ... o do Beia: Inmunicia, a humosidade
avanca!... Ora você sabe como eu sou.

— Muito bem...

— Eu tratei com os ralgres e tudo amizavel-
mente. Elles estiveram aqui, tudo correu bem
e elles nada temem que digas de mim. Lá fora é
que forem escarcar...

E acrescentou com um sorriso de barchois
e em voz baixa:

— E aquella comparação com o Clemeaueau...
era g'ada!...⁽¹⁾

⁽¹⁾ A pg^o 162 e 167.

Fiquei um tanto ou quanto aturdido com o que ouvia; aquillo para mim representava uma formal confissão de culpas... uma declaração de que estava de coração com os rapazes, mas que a posição, o cargo, os filhos...

A verdade era o que o Pleno dizia, referindo-se a elle:

— O Freitas, o unico defeito que tem, é ser franquista.

Eu então, favoreci a confidencia. Lembrei-lhe que tirasse dos olhos a luneta franquista, que visse a marcha da humanidade, que se deixasse dos conselhos do Bernardo Pedro que cheirava suggestivamente a seminário... E elle respondeu:

— Você conhece-me, que diabo!...

E continuou:

— O diabo foi quando vi o meu officio nos jornaes... Disse logo: vou arranjar secretario ou dou ordens verbaes; isto é que não serve... Mandam tudo para a imprensa e...

— E, o quê?

— ... você sabe que eu não pou meuito forte em grammaticos...

O Pleno tem ou não tem razão?

— Mas com o que dei parte, foi com uma noticia que veio no Mundo dizendo que se dava ordem para se prender o filho do Honravel Christo nos primeiros dias de greve no Lyceu, antes de 8 de abril. Ora o caso foi este: veio noticia de que no

Lycen queria fazer grãua com assuada ao que
embrassem para as aulas; como eu então fizis de
comissário, chamei o chefe Motta e mandei-o lá
com ardeus gateruas, dizendo-lhe que eram crea-
ças que se não levavam á gausada, que fivesse ja-
ciencia, etê, etê. Ora depois, veio elle dizer-me que
os cabeças de nobium eram os filhos do Sloumem Chris-
tô e Fernandes Gote e outros que, como você sabe,
já são taludos...

— Voludinhos, taludinhos...

— A isso respondi simplesmente que para eni-
tar gausada, quando visse esses provocando as-
suadas, os gaudesse a leu e cá no commissariado
se arranjariam as causas pelo methodo. Isto era ja
ferivel e das gausadas, como depois houve, mas
felizmente já com outro commissario. Ora quér vo-
cê saber o que se combere?... Esse filho de do
Motta vai dizer ao correspondente do Mundo que
eu dei ordem para que gaudesse o filho do Slo-
mem Christô isto dias depois do Sloumem Christô
se atirar a mim no Povo d'Avueiro como gato a fi-
thozos!...

— Isso era de esperar! É um melandro, esse
Motta.

— É que quér você que eu faça?... Ora veja vo-
cê como as cousas são: eu cá dentro, a querer har
monisar tudo, e esses melandros a torcerem!

— Olhe meu major: mande-me os aquella gar-
te e deixe-se de commissariados...

Mas fomos interrompidos por haurem que vinha queixar-se de algumas cousas; e depois, continuou elle, em voz baixa:

— Ora imagine você que todos os autos é que são bons; mas no commissario de quén acreditar que não ha uma relação dos hoteis, das casas de pasto, das associações?

— Mas ha um busto de Voltaire...

— Ueu busto de Voltaire e a relação das mulheres infelizes... É a unica coisa que por cá ha com rigor.

— E esse ultimo é porque go'de ser de utilidade para algum commissario judeu...

— Mas othe que os autos é que são bons. Verá que ainda páo d'aqui com fama de ladrão ou feitor!...

Mas o secretario subreiu de novo com sorriso e eu desfedi-me convencido mais uma vez de que o unico defeito do Freitas é, na verdade, o de ser franquista.

Fui então o case do Pacheco. Já estava; e sentados é mesa, enquanto o seu canário inbriado saltitava na gaiola alegremente, elle começou a narração minuciosa dos successos que houve pela comissão e que aqui não expostos, confarame elle dire, quasiadamente, facientamente, e que eu tomava em notas breves nuns folhos de papel.

Toto foi dito com alguns intervallos de descanso, quén para me mostrar um grande jarafuso

de ferro que elle ia pôr na grade do quarto, symbolo de engenharia, que'r fare me contar como subtrahio um azulijo dos generos da Universidade e que como nigual de desprezo fozera o annuenciar a mesinha de colheira.

Jssim se passáram algumas horas de interview amena, adocados com os othares meigos da filha de Augusto Cosmeheiro, esgiosa joven de othos saues-uhudos e fartos peios que de quando e quando esgiztava das janelas da casa da frente.

Vamos fozem aos trabalhos da comissáo.

No dia 2 de maio, na reuniao do costume, o quintanista de direito, Francisco d'Albas Mauro Preto Mendes Cruz, que até ali gerencia ao grupo dos que não admittiam transigencia com o governo, apresentou uma proposta para se entregar ao Paes em geral, a solucao do conflito. Esta proposta com algumas alteracoes é a que vem na circular que transcrevo adiante.

Considerando a situacao insustentavel e alem d'isso que se tem descuido uma solucao consiliatoria, os redizes entregáram-se nos braços fraternos, e elles que resolvessem.

Acudiu Santos Meito, do 5º an.º de medicina fozendo um additamento: que se fozesse como condicao prime qua non, a admissáo dos 7 expulsos.

A proposta do Mauro Preto, com seu pem additamento foi regravada, depois de uma ligeira discussáo.

No dia seguinte, 3, o mesmo Mauro Preto, com mais quatro academicos: Larocq, José Garcia de Costa, Marcellino Filho Gomes e José Martins Casiro Carrasco, todos do 5.º an.º de Direito, approvou a mesma proposta da vespera com a alteração seguinte: em vez de se entregar aos Paes a poluição do conflito, se restringisse a uma simples commissão de Paes. Não fallou na amnistia dos paté exilados e acrescentou as seguintes palavras persuasivas: se esta proposta fosse approvada pela academia, elle pedia que a circular dos Paes de Lisboa (já então em distribuição) seria considerada sem effeito, e pedia mais por vias officiaes que esta poluição seria a unica que o governo aceitava.

Solo, como era de esperar, levantou celebração. Começaram a olhar de postais para o Mauro Preto; e suas mudanças de cor não agradou, de modo que foi interrogado a respeito das affirmações que fizera. Trocaram-se argumentos, e concluíram que, dado o tom de cabeça com que fallava, bebendo tanto, do fino, affirmando que pedia cousas por vias officiaes, elle era nem mais nem menos do que um encançado por alguém do governo para fazer aquella proposta. E além disso, sendo interrogado por que se não fallava dos paté exilados, disse gaudiosamente:

— Ten communiçães diplomaticas!

Os os honores levaram gente nova que nunca lá ia, naturalmente por causa de alguma vo-

tação e na verdade, sendo a proposta sujeita á votação, foi rejeitada por 38 votos contra 18.

Segundo nos vencidos, os casaca-viradas!

No meio destas causas todas, surgiu, no entanto, um outro conflito e que poderia ter más consequências.

O quintanista, José Garcia da Costa tem uma noção em que, attendendo a que a comissão executiva tem systematicamente rejeitado todas as propostas conciliatórias e que nada tem feito a favor do conflito, propunha um voto de confiança á mesma comissão.

Dos estudantes levados lá pelos quintanistas referidos, carneirada para a votação e para o barulho, garbiaram apoiados, tal como — Devo lembrar — nas mesmas casas de parlamento.

Depois, o mesmo Garcia da Costa, explicou que propostas eram aquellas que a comissão rejeitou systematicamente: uma, do quarcionista José d'Almeida Burebis para se aceitar a solução do novo reitor, isto é, de enviar para as aulas e depois se tratar do caso; outra, de um caloso de direito Evaristo d'Algoim Torresano e Moreno, — (oh! os filhos d'algo!...) — para se ir pedir ao príncipe real o indulto dos expulsos; e a outra, a proposta em questão e que acabava de ser rejeitada.

Assim estava lançada a discordia nessa reunião de rapazes; o interesse começava a vir ao de cima, a turvar esse mar azul do entusiasmo, como na agua dos tanques quando se lhe mette no fundo.

Claramente, nessa mesma noite, a comissão executiva reuniu-se e deliberou apresentar a sua demis-

são visto o voto de desconfiança, embora rejeitado.

De facto, no dia seguinte, 4, de novo reunidos os rapazes sob a presidência de Santos Mesita, foi lido um officio em que a comissão, exceptuando o Larocq, declinava o seu mandato e pedia a sua demissão, considerando-se offendida e cuja copia mais se viu nos seus nos jornaes sob a forma de declaração:

« Os abaixo assignados, membros constitutivos da comissão executiva nomeada em Assembleia geral da Academia para formar o nucleo da comissão central, declaram de já o seu mandato nas mãos dos outros estudantes da Universidade residentes em Coimbra, pelos motivos seguintes:

1.º — Por serem accusados de estar á resolução do conflito academico não aceitando a gratiosa poluição que o novo reitor trazia;

2.º — Por serem accusados de deslealdade e incorrencias na attitude que tem seguido; e

3.º — Por não quererem a responsabilidade de iniciativas que são, no seu entender, desairosas para o bem da academia.

Os abaixo assignados declaram mais que até hoje tem cumprido os seus deveres: afirmar que a academia faz greve enquanto os sete estudantes expulsos não forem readmittidos.

Porque se tem mandado nesse dia 4 que são accusados de ter impedido a resolução do conflito e a necessidade do movimento.

Porbante, qualquer que seja a orientação futura da Academia — elle não é da responsabilidade dos abaixo assignados.

Coimbra, 4 de maio de 1907.

Alfredo Pimenta
 Binais Barreto
 Henrique Braz
 Manuel Machado Machado
 Mario Monteiro
 Alfredo França
 Francisco Luis Tavares
 Barbosa Junior
 Costa de Cabedo
 Lucinda Forjaz. »

Como é costume propôr-se para que se fosse concedida a comissão a voltar aos trabalhos propo-
 do-se igualmente um voto de confiança, voto que
 foi aprovado por 32 contra 1. Este voto isolado foi do
 calouro de direito Antônio Paes Branco, filho de
 Joaquim Paes Branco, de Sourel, Parbalegre; mas
 nos 32 que aprovaram subscreu o proprio Garcia da
 Costa.

Este Garcia da Costa, com o seu ar de grande se-
 nhor, de quasi quinceze annos, explicou jo-
 rem o seu voto e explicou-o gausadamente, como
 é o seu modo de fallar, mas de tal forma confu-
 zo e difficil que não se gerchem. O Santos Mouta
 que presidia, amavelmente, com o ar mais deli-

Caro collega:

Em vista da situação difficil em que foi collocada a questão academica pelo Governo com a sua intransigencia, e pela Commissão Academica que, fiel ao mandato recebido em assembléa geral da Academia, não pretendeu uma solução conciliatoria, attitudo esta que já devia ter mudado com as circumstancias, e em vista da Commissão nomeada pela Academia se ter demittido, nós tomamos a iniciativa de vos apresentar a seguinte proposta, pedindo-vos a vossa adhesão em carta ou bilhete postal, com a maior brevidade, no prazo de 4 dias, adhesão essa que deve ser-nos enviada com qualquer das seguintes direccões: Jose d'Almeida Eusebio - R. do Loureiro, 13; Francisco d'Antas Manso Preto Mendes Cruz - Arcas d'Agua, 21; Marcelino Fialho Gomes - R. das Flores 17; José Velho Quintanilha de Souza Larocq - R. do Borrvalho, 9.

A commissão a que esta proposta se refere será constituída pelos paes de estudantes residentes em Coimbra, podendo aggregar-se-lhe todos os outros paes que assim o julgarem conveniente.

É dever de lealdade declarar-vos que tal proposta não terá execução emquanto não obtivermos uma maioria de adhesões dos alumnos matriculados na Universidade.

Proposta

Considerando a absoluta necessidade de se resolver immediatamente, sem perda de brio, o conflicto Academico;

Considerando melindrosa e difficil a situação em que a Academia, a Universidade e o Governo collocaram a questão academica;

Considerando que esta situação é insustentavel por mais tempo, visto que, se a Academia, no actual anno lectivo, responder ao Governo e ás Escolas com o seu nobre sacrificio, não o poderá fazer no proximo anno, pelos motivos que todos conhecem, ponderando-os fria e sensatamente;

Considerando que a Academia descurou a resolução do conflicto, não entrando a devido tempo em relações directas com os orgãos officiaes;

Considerando que é para nós, estudantes de Coimbra, da mais sincera lealdade o procurar-mos corresponder á heroica abnegação de todos os nossos camaradas, que tão dignamente vieram secundar o nosso movimento;

Considerando que os nossos paes são talvez os unicos competentes para conseguirem que a sentença que incriminou os nossos sete companheiros não produza os seus effeitos;

Propomos que a Academia entregue a uma Commissão de Paes a resolução do presente conflicto, dentro dos limites da equidade mais honesta e justa.

COIMBRA, 4 - V - 07.

José Velho Quintanilha de Sousa Larocq

José Garcia da Costa

Marcelino Fialho Gomes

Francisco d'Antas Manso Preto Mendes Cruz

José Martins Caeiro Carrasco

José d'Almeida Eusebio

Sérgio Ferreira da Rocha Calisto

José Fernandes Forte

Alfredo Mendes Pereira Gil

Caro collega

Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas

Albano do Carmo Rodrigues Sarmento

José Tavares Lucas do Couto

José Mendes Pereira Gil

Luiz Lopes de Mello

Henrique Martins de Carvalho

José Francisco Soares

Armando Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho

José Maria de Mendonça Negreiros

Amancio d'Alpoim Toresano e Moreno

Pedro Tavares Mendes Vaz

Filippe Ferreira Henriques

Alfredo Mendes d'Almeida Ferrão

Manoel Pinheiro da Costa

Alvaro da Motta Alves

David da Restauração e Silva

Albertino Augusto da Silva

Antonio Bernardo de Bragança

João d'Oliveira Castel-Branco Moniz Barreto

Alvaro de Seabra Elvas Leitão

Antonio Dantas Manso Preto Cruz

Antonio Alberto dos Reis

Emygdio Roque da Silveira

Ernesto José Pereira de Brito

Rodrigo de Carvalho Sant'Iago

Antonio Pereira

Joaquim Gomes d'Almeida

José Affonso de Lemos Albuquerque

Eduardo Augusto Ferreira Senrella

Adriano de Sousa Costa

Alberto Vicente da Silva

José dos Santos Bernardino

Elias Rosado Gordilho

Bernardo Ferreira de Mattos

Augusto Maximo de Figueiredo

Manoel Lourenço Dias

José Augusto da Silva Teixeira

Antonio da Trindade

Alexandrino Nunes Lopes Russo

João Gualberto da Cruz e Silva

Paulo Limpo de Lacerda

Mario Martins Ribeiro

José da Silva Neves

José da Silva Bartholo

José Marques Dias Junior.

caso que soude arranjar, pediu-lhe para escrever na calificação de voto que fêra «de tal modo transcendente que não se comprehendera bem.»

Houve risos, e claro.

Officiou-se ainda á comissão demissionaria, mas não accitou o convite.

No dia seguinte, 5, domingo, reuniram-se na Associação Académica, reuniões mais ou menos convocada pelos cinco estudantes acima referidos⁽¹⁾ já tristemente conhecidos e nomeados e nobres. Generosidade do Sergio Ballixto — a vergilto da ch. ue da associação para com o seu presidente, o também José Maria da Rosa Junior.

Foi então que cahiu como um raio no meio dos raios um ingressos em forma de circular, com data de 4, e que aqui fica a grosso para esboçarmos⁽²⁾ do vindouro.

Ora a ordem do dia era a attitude dos raios agregados á comissão executiva, gerante e demissão da mesma; de modo que começou a levantar-se questões que tal proposta já tinha sido rejeitada duas vezes e principalmente pela reprovação que merecia o cabeçalho da proposta que indignou muitos dos presentes.

No entretanto extrahou-se que apparecesse ali aquelle ingressos e não estivessem presentes os pri-

⁽¹⁾ N.º 189.

⁽²⁾ Este ingressos vai junto a esta pagina.

Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas
 Manoel do Carmo Rodrigues Sarmiento
 José Tavares Lucas do Couto
 José Mendes Pereira Gil
 Luiz Lopes de Mello
 Henrique Martins de Carvalho
 José Francisco Soares
 Manoel Gerardo Pinto Monteiro de Carvalho
 José Maria de Mendonça Negreiros
 Manoel d'Alpoim Toresano e Moreno
 Manoel Tavares Mendes Vaz
 Philippe Ferreira Henriques
 Manoel Mendes d'Almeida Ferrão
 Manoel Pinheiro da Costa
 Manoel da Motta Alves
 Manoel da Restauração e Silva
 Manoel Alberto Augusto da Silva
 Manoel Antonio Bernardo de Bragança
 Manoel d'Oliveira Castel-Branco Moniz Barreto
 Manoel de Seabra Elvas Leitão
 Manoel Antonio Dantas Manso Preto Cruz
 Manoel Antonio Alberto dos Reis
 Manoel Mygdio Roque da Silveira
 Manoel Ernesto José Pereira de Brito
 Manoel Rodrigo de Carvalho Sant'Iago
 Manoel Antonio Pereira
 Manoel Joaquim Gomes d'Almeida
 Manoel José Affonso de Lemos Albuquerque
 Manoel Eduardo Augusto Ferreira Senrella
 Manoel Adriano de Sousa Costa
 Manoel Alberto Vicente da Silva
 Manoel José dos Santos Bernardino
 Manoel Elias Rosado Gordilho

caso que se de arranjou, pediu-lhe para escrever na explicação de voto que se fizesse «de tal modo transcendente que não se comprehendera bem.»

Houve risos, e claro.

Officiou-se ainda á comissão demissionaria, mas não accitou o convite.

No dia seguinte, 5, domingo, reuniram-se na Associação Académica, reuniram-se mais ou menos convocada pelos cinco estudantes acima referidos⁽¹⁾ já tristemente conhecidos e nomeados e sob a presidencia do Sergio Ballixto — a reunião da comissão da associação para com o seu presidente, o tenente José Maria da Rosa Junior.

Foi então que cahiu sobre um raio no meio dos raios um impresso em forma de circular, com data de 4, e que aqui ficou a respeito para ellestivamente dos vindouros.⁽²⁾

Ora a ordem do dia era a attitude dos raios aggregados á comissão executiva, para a demissão da mesma; de modo que começou a levantar-se questão sobre tal proposta já tida por rejeitada duas vezes e principalmente pela renovação que me recia o cabeçalho da proposta que indignou muitos dos presentes.

No entretanto extrahou-se que apparecesse ali aquelle impresso e não estivessem presentes os pri-

⁽¹⁾ N.º 189.

⁽²⁾ Este impresso vai junto a esta pagina.

meiros piquetários; e quando elles appareceram é que se arrouba verdadeiramente a questão.

O Laroy, o Mauro Preto e outros foram accusados de deslealdade; a discussão tornou-se rija, não se queria admittir tal proposta já duas vezes reprovada e crescendo o tumulto, o grego que representava os piquetários do Jagel ouviram de todos os lados:

- Indignos!
- São desleaes!
- Serventuarios do governo!...

So cahindo o Barro e a Trindade! Subiram ás cadeiras, vociferava-se, viaem-se olhos fechados. O tumulto cresce quando o Mauro Preto, voltando-se para o Mario Monteiro se referiu a casos da sua vida particular que elle julgava pouco dignos; cresceram um para o outro e estava imminentemente uma pecca de rocos quando os separaram e a pouco e pouco revertem tudo até que houve continuação a sessão.

Pouco mais se fallou, a não ser sobre o arbitrio apresentado para o caso de a comissão persistir na recusa; seria então conveniente nomear um « nucleo resgursavel » para haver quem tomasse a cargo um certo numero de causas e lembraram-se de alguns nomes que fizeram parte das comissões de Lisboa durante as ferias de março, dos quaes estavam presentes: Luis Francisco Bricudo, Adolino Furbado e João de Santiago Prezado.

Emcerrou-se a sessão serial em 5 horas da tarde marcando-se para ordem do dia, para o dia seguinte, a mesma coisa.

Nessa noite não foi Gervasio a reunião; juntaram-se em sua casa do Adelineo Furado, na rua de S. Gerança (hoje do Dr. João Jacintho) mas quando foram para reunir viram que eram todos dos firmes, dos intransigentes; dos outros nem um, de modo que dispersaram na melhor ordem, e não se reuniram do intento de terem maioria para tomar resoluções.

No mesmo tempo, reuniram-se em casa, a comissão executiva reuniram-se para resolver se devia ou não voltar aos trabalhos; dois votaram contra — o Alfeu do Pimental e o João Octavio Costa de Cabedo, do 1º an. de direito —; e por isso resolveram entregar a resolução a uma arbitragem.

Foram arbitros nomeados de uma e outra parte o Santos Moita e Luis Ricardo; e a resolução destes foi que a comissão devia voltar, dadas as seguintes condições: na reunião do dia seguinte fosse aprovada um voto de confiança aos demissionários e que para o futuro as resoluções tomadas fossem da responsabilidade das majorias que as aprovassem e não exclusivamente da comissão executiva.

Assim, pelo racional processo de arbitragem, a questão foi pacada; mas no dia seguinte surgiram novas dificuldades.

À uma hora da tarde do dia 6 (2ª feira) na sede da Associação Académica, os rapazes reuniram-se em numero de 60, pouco mais ou menos, presidido o André Miranda, do 1.º an.º de medicina e chronico muito conhecido.

Immediatamente, de novo choveram os ataques aos signatários da fúrigera da circular; Pereira da Rocha chegou-lhes certamente e com certa energia assim como Sant'Anna Leite e Santos Moita. Mas elles — Mauro Preto, Laroig e Fialho Gomes, os tres que fallaram — respondendo, disseram que aquillo que diziam não era de fera, mas simplesmente explicações, e aos trambuchões, com continuos afastes, lá foram dando algumas das taes explicações.

Ora a carta allura veio um zolicia com uma carta do governo civil para o presidente da Associação; o presidente, é claro, não estava e mandaram o homem a casa do tenente Rosa; o tenente Rosa não estava em casa porque fôra chamado a Lisboa por um telegramma em cifra (uns dias antes) para o Quartel-general, ás 10 horas da noite. (Isto foi-me dito no mesmo Quartel-general, pelo tenente Guedes de Mello deante do capitão Leandro Girão)

Mas pignos: como se não encontrasse o destinatário da carta, d'ahi a pouco voltam o mesmo em outro qualquer zolicia zerguntando, da parte do governador civil por alguma de direcção. Como estava presente o Pestana J.º foi o Pestana J.º á

presença do governador-civil, dando-se então o seguinte seguinte caso:

O conselheiro José Lobo recebeu o rapaz muito ansiosamente e começou logo a dizer-lhe com a general que, como autoridade superior do districto, não podia consentir aquella reunião de estudantes quando já tinha prohibido as outras reuniões « dos outros, d'aquellas senhoras que pretendem desordear, provocar arrouças... »

O Pestana compreendeu logo que estava na presença dum esquivoco e viu que o governador-civil julgava que a reunião era dos que queriam furar a greve. E' claro, dizis, que muito gostaria de a consentir, mas... para fazer a parte...

O Pestana não se deu por grevista; começou a prometter que se não faria barulho, que tudo correria na melhor ordem, etc, etc, ao que o conselheiro geralmente accedeu, « mas só por aquelle dia... »

Como os velhos se enganam, mesmo que sejam na politica uns raio-zelados!

O Pestana voltou á Associação e fecharam a porta por dentro: por aquella tarde estavam seguros!

Foi então proposta e aprovada a seguinte moção por unanimidade em seguida ao que « comissão retornou o seu cargo:

« Os estudantes residentes actualmente em Coimbra, reunidos em assembleia geral em numero de 58, declararam publicamente que todos os actos grati-

cados pela comissão executiva e com os delegados da Academia, não de absoluta responsabilidade das maiorias que têm votado as propostas apresentadas em qualquer estudação nas reuniões da comissão e que têm sido discutidas longa e livremente. Declararam mais que a Comissão Geral Académica não tendo considerado a actual questão como exclusiva da Academia de Coimbra, mas sim da Academia Portugueza, não tomou nenhuma resolução para primeiro ter ouvido as duas comissões de Lisboa e Porto e nomeadas pelas respectivas academias e cujo mandato ainda ninguém pôz em duvida. Feita esta nossa declaração a comissão executiva não pôde de forma alguma deixar de exercer as suas funções visto que até hoje alguma vez insignificante minoria estrangeira nembe tem pôto em duvida os seus poderes.»

Falou então o António dos Santos Silva; o seu discurso — porque se pôde chamar discurso ao que disse — foi estudado, deduzido matematicamente, bem burilado, mostrando a sua maneira clara e methodica de argumentar. Era contra a circular em questão (que elle certamente conhecia porque levava seus apontamentos); mas começou por dividir em tres classes as intervenções para se resolver o conflicto:

- 1ª: a intervenção do reitor;
- 2ª: a intervenção dos paes de Lisboa a que chamou chantage;

3^o: a intervenção dos nobres (o caso que se deba-
tia) a que chamou scrognerie.

É assim, deduzindo, analysando, fez toda a ques-
tão a descoberto com uma fôrça brilhante e que a
tudo impressionou muito agradavelmente; termi-
nou dirigindo-se ao Mauro Preto, dizendo que, co-
mo sempre o considerára um nobre leal e serio, e
seu amigo, que agora tinha uma excellente occasião
de provar a todos que elle, Santos Silva, fallava ver-
dade: era o Mauro Preto fazer com que a circular
fosse retirada da circulação e fazer sobre isso se fizesse
se uma esboça...

Até este discurso que todos me têm elogiado res-
pondem o Larocq procurando tirar-lhe o effecto. O La-
rocq tem facilidade em fallar mas sem fôrça ora-
tória; responde a quanto agendes lhe lançam, faz
digressões e resfrito de qualquer coisa, de modo que
o assumpto dilue-se muito e o discurso demora-
se immenso; assim, a sua anacão foi prolongada
como se não era.

Começou fazer explicar umas phrases da circular
que accusáram de ambíguas, dizendo nesses qual
o sentido em que ellas foram empregadas; mas
logo, a certa altura, virou-se para o Parreira da Ro-
cha — que lhe lançava ágantes descaroaveis — e dis-
se-lhe que não consentia agantes o que fez derivar
a questão porque o Rocha não se deu por convencido
e combateu com elles, cada vez mais certo.

D'uma vez que o Larocq, dando a mão no co-

rações, dizia sentivelmente ao auditorio:

— Eu tenho procedido ao pão da oração ⁽¹⁾

o Carneira da Rocha teve um gesto de enfado e de desgosto; o Laroq viu e cresceu... O jugilato, o tão nível e ridiculo jugilato estava imminente, mas serenaram e o discurso continuou, zanzado, intermeado de digressões, até que passado cerca de duas (!) horas ou mais, seriam 5 da tarde, a sessão interminável para o jantar que os reclamava.

Mas — infatigáveis rapazes! — ás 7½ da tarde, em casa do Adelineo Furtado, elles lá estavam outra vez, em maior numero até, e pôs a mesma presidencia do André Miranda.

O Laroq continuou o discurso; quiz provar a excellencia da circular e terminou regaliando os escriptos de indignos e desleaes que lhes lançaram, dizendo:

— Para mim, a dignidade é uma só e a virtude também é uma só; o homem só é digno quando todos os actos da sua vida são dignos. Ora, entre os mm. estudantes que me chamáram indignos ha algunos que o são também como gosto a provar.

E enumerou: o Maria Mambeco, por causas da sua vida particular (a que o Pacheco se não quiz referir); — o Santos Silva por causa de uma questão levantada no seu 3º anno de medicina e em virtude da qual o Santos Misita, ali presente

⁽¹⁾ Tertul. .

contou as relações com elle, assim como outros com discipulos, questões á qual verdade se devia com mais verdade applicar a Galvina perqueria do que a es- ta; e outros rages que o Pacheco se não recordava já. Calcule-se o effecto desta falla.

O Santos Silva othou para elle admirado; houve uma quasi geral reprovação pelo processo de se de- fender que é o mais real possível. E, quando o Santos Motta explicou que na verdade ficara mal com o seu discipulo mas que se convenceu em jogos de que não tivera razão e que o procedimen- to do Santos Silva, nesse tal caso, tinha sido muito correcto e dizo — o effecto foi zero ainda.

O Santos Silva veio afundar mais o Larocq ex- plicando o que tinha sido o caso e terminou por di- zer que para elle, o Sr. Larocq estava definido:

— Quem usa tais meios para se defender é zero que não tem outros meios de que lançar mão e a sua defesa é impossível (agradado); e as explicações que o Sr. Larocq deu, se ao principio pareceram ter algum valor, agora, nego-o completamente (re- gelidos agradados.)

E em vista disto o Larocq rebirou a Galvina per- queria applicada ao caso em que se vio envolvido o Santos Silva...

Depois fallou o Padre Salgueiro, o pomposo Padre Salgueiro que fez um discurso com todos os requisitos retóricos mas trocou o lugar de invo- cação ou exhortação que quando para o fim, dirigis-

do-se aos conculhadores presentes. No fim, tudo se resumia nisto: o seu nome não vinha na lista dos que assignáram a circular, por esquecimento; mas curuzia declarar que a tinha assignado porque a não achava indigna. Achava-a, sim, invariavel; mas indigna, não.

Santos Mouta respondeu-lhe, ziguezando na gale. um invariavel; e entre o peris e a troça, admirou-se de elle, um homem já feito, ecclesiastico, ete, assignar um proposta que considerava sinceramente invariavel...

Naturalmente, o Padre Salgueiro respondeu como da outra vez, pouco lentamente:

— Eu respondi, Sr. presidente, eu respondi...

Em seguida a isto, um rapaz (cujo nome o Pacheco se não lembrava) disse que o grupo Barreiros Tavares assignára a circular mas que os nomes não vinham no impresso para o publico o não saber a por consequencia para não tirar a força a proposta conciliataria; disse mais que o ultimo signatario José Marques Dias Junior, do 4.º an.º theologico tinha sido um dos que no dia 8 de abril firmára a greve e que um outro signatario Feliz Ferreira Henriques fôra dos que fizera declarações nos januaes;⁽¹⁾ ora, d'aqui deduzis que o facto de estes dois assignarem (sendo do grupo acima referido) certamente porque achavam a proposta coerente com o seu pro.

⁽¹⁾ Como vem a p.º 106

do de pensar e reagido da greve, tudo levava a
sentir que os outros piquetários teriam mais em me-
nos o mesmo modo de pensar e de ver as cousas.

Ninguém rebatêr esta asserção.

Levantaram-se dois dos piquetários de circular
que estavam presentes: David de Restauação e Silva
do 3º anº de direito e José dos Santos Bernardino, do 2º
anº de direito, declarando que na verdade assigra-
ram a circular mas por a condição de que só iriam
às aulas no caso de serem admitidos os 7 exilados.

Terminou a sessão, poria mais-noite e dez mi-
nutos!

A questão da circular parece que ficou liquidada
e tanto que no dia seguinte, 7, a reunião aprovou
o seguinte que veio para os jornaes:

« A comissão central academica, sobre a proposta
conciliatória transcrita nos jornaes e enviada
particularmente pelos seus piquetários aos estudan-
tes de academia de Coimbra, declara:

1º: Que essa proposta foi apresentada, discutida e
reprovada por duas vezes na comissão central;

2º: Que foi enviada ás comissões das academias
de Lisboa e Porto, onde foi também reprovada;

3º: Que, consequentemente, nenhum membro
da Academia de Coimbra, pôde subscrever uma pro-
posta que, sendo reprovada pelas tres comissões, está,
portanto, reprovada pela academia portuguesa. »

Aqui terminou a entrevista com o meu candidato Pacheco, declarando-se elle enojado com os acontecimentos que me contara, e que — dizia elle — melhor seria que ficassem esquecidos.

No entanto, em atenuação á verdade historica, aqui ficou para esguito das gerações e leitura amena dos meus netos...

Deu-me elle tambem um manifesto com o nome Justiça! que sahêa a 27 de abril ⁽¹⁾ e ao qual elle pôz a nota ao lado: « Ingressão e distribuição secretas » e cujo autor não se desconhece. É um folhetto violento contra o forquês Jorge e João Franco tem procurado resolver o conflito e contra os regeres que, com a collaboração do « Min. Governador civil e a directora do collegio de Santa Isabel » quizeram por varias formas furar a grade.

Deu-me tambem o manifesto Do Paiz a que me refiro a p^o 166 e que foi distribuido a 30 d'abril ⁽²⁾; disse-me o Pacheco que the garcia neto do Alfredo Pimentel Jorge foi elle que o apresentou na comissão e mesmo pela sua forquês litteraria e isto é verdade Jorge, quando viêha para casa, no americano, encontrei-o e perguntei-lhe se era delle, o folhetto, ao que elle disse que sim, garfithando-o sem escrúpulo algum.

Com estes dados todos — cuidados dados! — des-

⁽¹⁾ Manso III — 48-G

⁽²⁾ Manso III — 48-H

ci é baixa, comparei as Novidades e o Ilustrado e fui ao quartel, para um soldado qualquer me levar a baixinha da esquadra — que não perve certamente ha dois meses!

Encontrei lá o meu coadjuvante José Judice Soares Gil, cadete de Inf^{te} 4 que se tirou de ir para Mapa porque estava doente e agora arranjou uma licença de junta. Fallando-me da greve, mostrou-me elle escausado com os «contêcimentos», que isto é o diabo e que quer ir a actos.

— O meu alferes não vai a actos?

— Eu, nas circumstancias presentes, não vou. Só lá vou, tudo todos, mesmo os ~~ex~~ ex-fubos. Saúdo, paciencia, volto para o serviço e tudo como d'antés...

— Pois nesse é que eu não cáio...

Pobres diabos!

Voltai para casa e lendo os jornaes vi um artigo de fundo nas Novidades no qual, entre outras cosas diz:

« O pm. capitão, ~~maior~~ major, tenente-coronel Dias foi ainda, desta vez, quem salvou a situação. »

E termina:

« Como se derrama a instrucção no anno da graça de 1807? Mandando fechar os estabelecimentos de ensino!

Originalissimo e unico! »

E vi no Illustrado mais tres declarações, sendo uma dellas bem comprehensiva e bem explicativa dum peuhor Cancellia d'Alvares que se me não enganou é um rapaz de Lisboa, que é tanto das costas e da familia do Cancellia, muito conhecido.

Ora aqui vão os tres meninos, com mais outros agalhados em diversos jorneas:

Paulo Cancellia d'Alvares, filho de Abel de Mattos Alvares, de Anadia; é do 3º anº de direito; é pois progressista puro...

Raul Flavio — filho de Sleuriqueta Gouveia, natural de Aveiro; é do 3º anº de direito

Curico José de Gouveia — filho de Joaquim Martinus de Gouveia, de Ferreiros, concº de Tondella; é do 3º anº de direito.

Jayme Pinto Osorio — filho de Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio, de Nova Gôa; é do 4º anº de direito; na sua carta chama ao pai de quem só recebe com celhos « modelo de dignidade e honra. »

Joaquim Izidro dos Reis, filho de João Joaquim Izidro dos Reis, de Lisboa; é do 2º anº de direito.

Alfredo Lopes de Mattos Chaves — filho de Augusto Alfredo de Mattos Chaves, de Guimarães; é do 5º anº de medicina.

Manuel de Menezes Pitta e Castro — filho de João Felice de Menezes Meneira Pitta e Castro, de Lisboa; é do 1º anº de direito

Com os 31 do transgênto (de J^o 179) e com estes
 nete, porventura — 38

E continua...

O Illustrado ainda dizia, a respeito de recomen-
 dação ministerial, que o ministerio, assim recomen-
 gando, mais forte e vigoroso « sob a chefia do lenihan-
 te estadista que é o m. Presidente do conselho, mani-
 festará claramente ao faz que está desgosto a patiste-
 zer as reclamações da opinião publica no que elle tem
 de mais justo e mais equitativo. »

A opinião publica!... Oh que consideraveis me-
 ríolas!

No jantar, meu Paé, contando-me que fôra vi-
 sitar o Dr. Bota Lobo, que estava de curso com uma
 cauelada que deu, está lhe ~~me~~ contára que dentro
 em pouco a Universidade se abriria para quem qui-
 zesse lá ir; que, como lá vão dois meses e mais,
 ficariam considerados estes cursos de férias grandes
 e os trabalhos escolares prolongar-se-hiam até outu-
 bro e que a tollice tinha sido no dia 8 de abril man-
 dar para a Porto-feneas o tenente-coronel Dias alga-
 verader e ministro...

De modo que, em breve, a Universidade vai
 abrir-se; e vamos ter o effecto eulo grandioso de
 dezenas de rapazes entrarem para as aulas, sub-
 missos, curvando-se humildemente á porta, co-
 mo manda a graxe e a rabujice e assim passará
 á historia um movimento grandioso e suggestivo.

mente pyrrhico, e sua revolta para equal que
 algumas para sustentada por um pequeno numero de
 raios que se não sujeitarem a semelhantes forças cau-
 deas, para ganharem o triste gozo de um pouco de
 vida. Será isto má impressão minha? Oxalá que seja.

El proposita que no dia 24 de abril se vi fazer ao
 Pestano Junior, na comissão, vibrante de ~~esta~~ sin-
 ceridade e de caudido entusiasmo, refarei que
 não achou echo pyrrhico em mais que dois an-
 tres. Essa abnegação de exigir a vida, de ir na frente
 para morrer primeiro, será muito bonito — dizem
 elles — mas é excessivamente glotonica; a vida,
 afinal, é cousa boa, as tricanas são feitas, e o di-
 nheiro gatero escorre facilmente... E quem qui-
 zér morrer, que morra, mas que deixe os outros
 em paz!...

Ora isto é o que vai pelos cerebros illustrados de
 tanto filho de Minerva; bem, sim; para isso estas
 propositas, não faz mal nenhum; mas ir a frente, ex-
 gir a vida... isso vai elle!...

Ora, enfim... não sejamos adeantados; vere-
 mos. E depois, de minha justiça, alguma coisa
 aqui direi quando as aulas se abrirem.

Ho autãndezar, sahi. Na balçada encontrei o
 Ernesto de Miranda que me disse haver já novo
 comissário, como me vergara dissera, mas que ago-
 ra todia acrescentar que era o official reformado
 Krusse Gomes que andou em varias cavallarias
 d' Africa.

Se é o que eu quero é o capitão d'infanteria reformado José Augusto Truesse Gomes; tem os seus 48 annos e uma brilhante folha de serviços; mas servirá para commissário de policia?

Oxalá que o seu nome resgitado não venha aqui porer um desaire; boimera não se leva a muro como o quadro do roto de Marraquene...

Mas a convenção continuou; e como o Ernesto ia para casa acasualizei-o até á Pentágono, onde, a propósito das medidas rigorosas tomadas por precaução, eu perguntei, e na verdade, sem esperar resposta:

— Olhe, lá óh Sr. Ernesto: os seus? ainda se não lembaram de entender com as Lojas maçônicas. Como é que tem pido tão benevolos com esses facinoras?...

— Pois olhe que estiveram arriscados...

— Bonté lá isso, que diabo!...

Mas o Ernesto é meco; não sehe assim para mais meu meco. Eu então fiz-lhe um jogo que talvez elle conhecesse e garando a uma mancha bem illuminada por debaixo da casa do fallecido Dr. Refoios, juxou meus olhos do bolso e encunbrindo-o á minha vista, perguntou-me:

— O meu amigo conhece o Sr. João ethnes de Saldanha?

E olhou para mim, para ver o effeito. Mas eu fui perfeito... Franzi o poder'olho e garanti esse nome maçônico que eu sei muito bem que é do

Manuel António da Costa, veneravel da Loja Per-
reuerança, resgandi algumas, como quem queria
obrigar a memórias:

— Dyras de Saldanha... Dyras de Saldanha...
Saldanha... Quem diabo será?... Dyras...

Mas elle continuou:

— É o Inuão Gomes Freire?

— Gomes Freire... Gomes Freire...

É foy o mesmo jogo de cara, mas desta vez a
velar porque não sabia quem era o Sr. Gomes Frei-
re.

— É o Inuão Pivard?...

— Pivard?... Pivard... que diabo! isso é um
general boer que esteve em Thomar, emigrado...

Mas este sabia em quem era: era o Dr. Armando
Gonzalves, veneravel da Loja Pro-Veritate e cujo
nome symbolico não é o do boer mas sim o do
grande medico galego francez.

Elle ria-se, como quem tinha na sua mão al-
tos segredos; eu confessei ingenuamente que não
conhecia tais crusões e elle então começou con-
tando que em Lisboa, o Oriente, receiando me-
didas regressivas por parte do governo, mandou
suadender em Coimbra as reuniões das Lojas e
que foram ter com o João Franco perguntar o que
havia; este disse que nada havia contra os maço-
nicos e de facto nunca gosáram em se metter
com elles. E terminava:

— Elles é que se desembrinam...

— Mas se ninguém se indigna com elles já que têm o melhor e as melhores agitações no bolso?

— Então... é só já para umas coisas... E se eu quisesse saber mais, sabia-o...

— Talvez; mas othe que o João augammas...

— Não me parece...

Mas, como estava com interesse em saber quem informaria o Ernesto, tanto insisti que elle por fim explicou:

— É que eu fui ao general Martins de Carvalho mandado do João José Lobo, saber as associações que havia em Coimbra, porque elle publicou no Comunicante um folhetim a esse respeito e como lá usam as lojas maçônicas, eu tentei estes agitações já para intrigar por ali alguns cavalleiros.

Pareceu-me historia a explicação, mas disse:

— Pois se se vai a guisa dos folhetins do Comunicante, já de ligar as mãos á járede.

— Talvez não...

— Pois digo-lh'o eu, que nem tudo errado. E eu não tenho necessidade de o intrigar.

É de facto nem errado. Mas, terminei por lhe dizer:

— Já não posso confiar no senhor... Já lhe não digo nada...

— Pois se quer saber coisas ha-de ser alla por ella...

É foi para casa e eu fui para o Marques Pardo encontrar-me com o Floro a quem comeci a con-

nensa e que concordou comigo quanto á desconfiança e respeito da origem daquellas moedas.

Os nove e meia, depois de umas carambolas mal dadas, achámos para vir para casa; no Calendário vejo o Bernardo Pedro que me recebeu — cotado! — com muita festa e que vinha com o Padre Faussec e um outro. Juntou-se o Vasconcellos, e então foi um desfechar de cousas contra o Bernardo que tudo ouvia com um sorriso como de quem está convencido que tudo era dito por leviandade, por pingles fiado...

E por fim lá peguimos para a alta depois de passar no largo de Sausad onde as luminárias da Câmara municipal attestavam o regozijo publico pelo anniversario faustoso.

E aqui me agere, antes de terminar este dia cheio de festas inegressões e numerosas cousas, o officio que o Bernardo Pedro mandou no dia 26 de abril á commissão academica, e que só hoje me deu para figurar neste diario.

Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Foi com sacrificio das minhas obrigações diarias que no dia 24 do corrente comparei á reunião da Commissão Central Academica por me haverem affirmado que nesse dia se tratariaahi definitivamente da attitude que a Academia de Coimbra devia tomar em face das circumstancias presentes.

Foi, pois, com sacrificio daquellas obrigações que ali gencebrei tres longas horas em que vi e ouvi unicamente debaterem-se questões byzantinas cu- ja resolução não exigia mais que duas palavras.⁽¹⁾ Foi igualmente esta a opinião expressada pelo digno presidente da mesa. Terceiro que esse defeito derivava da falta de uma orientação definida na discussão falta, felizmente, de algum modo remedida pelo prologo do Sr. Laroque (?)⁽²⁾ manifestando a neces- sidade de se estabelecerem ordens do dia.

Esta prologa fazia prever que desde então nas successivas reuniões se iriamahi resolver os as- sumptos mais graves.

Recallando em nesses occasiões o assueto leve e a falta de gravidade bastante que, quén nesses quén em as anteriores sessões, tem presidido á dis- cussão e aprovação das prologas apresentadas; e não concordando eu com a orientação que me ja- receu descrever em algumas phrases dos orado- res que então usaram de palavras, aconselhando violencias que só podem promover o desdouro ja- na Academia por isso que é de honras dignos e terrosos não sacrificar, principalmente com in- tere utilidade a sua vida, os interesses ja- nesses sacratissimos, de terceiros, embora escaudem

⁽¹⁾ Ver p.º 136 e seg.^{tes} [dia 24 abril]

⁽²⁾ A interogação attinge unicamente a orthographia e não o nome da pessoa. [Nota do B. Pedro].

do - nos na falta do lenio e dignidade acadêmica, cum-
pre-me declarar a V. Ex.^a, esperando que V. Ex.^a dê parte
desta minha declaração á assembleia, que me não
considero obrigado pelas resoluções tomadas, nem o
meu voto expresso, para o que as aguardarei, visto que
foi resolvido ter-se-as publicas.

Se meu officio fosse lícito fazer uma proposta,
considerando que um grande numero de estudan-
tes pedem a essa commissão tão discretionary gos-
derez, como os que ultimamente se têm arrogado,
e para que essa commissão não fosse por accusada
de tyranica, antes procuro proceder em harmonia
com a opinião da maioria acadêmica, eu propo-
nha que se enviase a cada estudante uma circu-
lar-relatório das resoluções que essa commissão en-
tende que devessem ser tomadas pela Academia, a fim
de cada um dar a respeito dellas ou o seu apoio ou
a sua negação, conferuando-se a Commissão Aca-
dêmica com os dictames da maioria.

Deus guarde o V. Ex.^a

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Commissão central
Acadêmica.

Coinhbra, 26 de abril de 1807

Do estudante de matematica e philosophia

(*) Bernardo Pedro.

Coimbra =
= 9 de maio {5º feira} =

No meio de tudo isto esquecia-me de falar de
um protesto que o Diário Ilustrado publicou no dia
1 de maio, assinado pelo estudante Pedro Ferrão,
já aqui citado a p.º 107.

Diz elle que, como um pamphletto anonymo (que
foi aqui citado a p.º 204) «com um catholico puer-
tilo - Justicia! - » lhe chama a elle, Ferrão, por tabel-
ta o lindo nome de imbecil e outras cousas feias
elle declara em publico que felicemente essas calum-
nias não o podem manchar assim como ás outras
gerações e que infirma quem quer que foi o autor a
provar « as suas asserções em nome da sua própria
dignidade. »

Ora convenem explicar aqui que conheço este senhor
Ferrão apenas de vista, mas que conheço também
um nota e seu respeito que já por a unica, não
gerde. Foi ainda habendo conhecido pelo Floro:

Estê, encançou o Bernardo e o Ferrão, conversan-
do sobre verdadeiras futilidades; e a conversa
recalhou e até «ltura sobre arte... O Floro ouvia
piuzosamente. O Bernardo disse que Coimbra é
uma terra em que mais ha que mostrar neste cam-
po, especialmente architectura. E neste ponto quando
o Floro esgerava ouvir citar a Sé Velha, Santa
Cruz ou outro puzithante, o pm. Pedro Ferrão —

antigo penmanista — citou como exemplo ... o edificio ...

... o dos correios e telegraphos!

Vae para commentarios.

E e' este penhor que vem fazer protestos... Se o criterio da sua dignidade for como o seu criterio artistico, deve ter uma dignidade muito estafada.

Somos ao dia d'hoje.

Ha pouco. Só pahi á tarde, por signal que im-
pressionado desagradavelmente com o vento que
fazia.

Durante um boceado não encontrei ragazze a
quem zinguibasse cousas; de modo que, quando
vi o Alfredo Pinheiro lancei-me a elle:

— Então que me diz de novo? O que se tem feito
de novo?

— Nada! a mesma coisa d'antes.

Deu-me um manifesto que hoje foi distribuido
dos estudantes do Porto, com o nome Al Grêve Des-
demica ⁽¹⁾ que visa principalmente o João Franco
e que accusa a intransigencia, declarando-se
elles sempre os mesmos.

Depois falámos das declarações que continuam
a apparecer nos jornaes, principalmente no Ilus-
trado, caso d'ergoto desso inmundicio de philo-
sophia e argumentação; principalmente foi alvo
da conversação umas cartas dos quintanistas de direito

⁽¹⁾ Mano III — 48-J

Taveira de Carvalho e Garrett, já existosamente citados neste diário, no dia 21 d'abril; carta um pouco congridiênte em que dizem que, como não foram attendidos nem na proposta de conciliação, julgam-se desligados (como se o não estivessem ha muito) e resolverem não se iungir a «com o que a comissão não ventá a resolver.»

Por fim o Pimentá mostrou-me umes linguadros de papel com o original dum manifesto que vai sair depois de amanhã; e referámo-nos referando que se drogará em frente os frequentadores do estabelecimento nos observávamos. Podéra! o anarchista Alfredo Pimentá convencendo á jurisdade com umes columnas da ordem, umes sustentáculos das instituições!...

Encontrei ainda o Floro e quando conversámo com elle, zassou o Ernesto que disse jironicamente:

— Oh sen. algeres! Talvez aki esse penhar comheça os taes irruções de que lhe fallei hontem...

E como houvesse piangosamente troco de zadas elle terminou por dizer que se as lojas não zegraráram o movimento, zelo mesmo ajudáram

— Isso é que não ha duvida.

E cada um foi para seu lado.

No Resistência chegada hoje, vem umes columna quasi dedicada á carta do mesmo Marsarás e que já me referi. É umes chuchadeira conglletá e engraçada é linda creança que tão asmatica-

amente pediu a causa, por causa dos mestres não conseguirem a ambirar com elle.

O artigo é obra do Dr. Guiu Martins e diz logo no começo:

« O gesso ao meu mestre e poderoso Alberto, filho do meu mestre senhor conde de Mansoriz, senhor de sete castellos e sete cidades!... »

No artigo mostra os gestos de contacto entre a groza do menino e o hymno das escolas, obra do gazi... E acrescenta que « decididamente, Alberto, é o gazi em groza! »

Mas não esquecermos os protestantes; temos hoje mais quatro e dois, dos bons:

José Maria de Proença d'Almeida-Garrett — filho de Gonçalo Xavier d'Almeida-Garrett, de Castello Branco; é do 5º anº de Direito. É não só por si mas pela familia, membro da catolica; tem a alcunha de Joli.

José Taveira de Carvalho — filho de José Taveira de Carvalho Pinto de Mesas, de Amarante; é do 5º anº de Direito.

Os dois outros nomes, são nomes que não encontro no Annuario; são elles: António Martins Graue, do 1º anº de mathematicas e José Carvalho de Albuquerque Sousa, do 1º anº de Direito.

Ficam estes dois de reserva e Zoro está a re-
 nciada do Illustrado na publicação das cartas so-
 bre o assunto. Tudo lhe perve!

Com os 38 do transferte (de 10^o 207) e com os 2,
 nominam — 40.

Diz mais o Illustrado que o numero de adhe-
 rões de Paes á celebre circular, já póe á Linda pom-
 ma, conta redonda, de 300.

Beem Rajam.

E Zoro termina: meu tio José escrevia a meu
 Paes e entre outras cousas dizia: «com respeito á
 " grãe parece que entrou muito malha e que
 " ho actos, ficando assim alguns prejudicados os que fo-
 " ram mais casuistas ou por conveniencia pro-
 " pria não queiram concorre a elles.»

Como elles falau... It's perfidia!

Coincider =

= 10 de maio (6^o feira) =

Fui á alta, peria meio-dia. Conversei com o
 Balthazar Teixeira, com alguns outros que cobavam
 junto e fiquei sabendo com certa satisfação que a co-
 missão executiva continuava a trabalhar de ma-
 nha boa vontade, sendo de parte a questão que me
 tivára a palida.

De facto, na vespera, tinha nos jornaes uma de-
 claração explicativa:

« Por factos graves, a comissão académica delegada da assembleia geral, deu, como é patido, a sua demissão. Por factos posteriores sobre os quaes avultavam a situação em que ficavam os estudantes residentes nesta cidade e as consequências desastrosas que d'ahi poderiam advir, reassumiu a dita comissão as suas funções. Todavia só retornou o seu mandato em seguida a terem sido votadas pelo assembleia dos estudantes residentes em Coimbra duas mocções de confiança em dois dias consecutivos e em seguida a serem-lhe dadas todas as explicações e todas as manifestações de sympathia. Fica pois estabelecida a verdade do que aconteceu de forma a não ser por ninguém offendido este incidente, desagradavel que, de resto, a comissão executiva não provocou. » (O Seculo, de 9 de maio)

Malizmente, a questão, por aqui está parada.

Outro caso, foram, alterneavam os roques de boa-fé : a cada passo agneciam traidores e agora fôra descoberto que o Sergio Ferreira da Rocha Galixto era o que ia contar ao governador civil, o que se passava nas reuniões.

O Balthazar que o já conhece de outras causas lançou-se a elle numa reunião, gol-o a descoberto. O Sergio chamou-lhe traidor, o Balthazar chamou-lhe traidor e provou que uma hora depois das sessões da comissão, o desembargador Ferreira Galixto (pai do Sergio) já contava tudo o que lá se

se garrava não só aos políticos, mas aos leites!

O desembargador é todo José Luciano. Logo...

Uma vergonha.

Convenem notar que o Sergio, no anno passado, isto é, no 4º an.º de medicina, teve accessit e creio que em duas com honras de gráo; e já ho-mem que quer entrar para leite e vai-se já ha-bituando á maneira de ascender aquella elevada e pulcreva honra.

Mais se parece ainda no grego e que foi afir-mado com convicção: os esbudaques da Escola-medica do Porto resolveram, no caso de as aulas se abrirem e de se lheivemidade entrarem mu-i-tos estudantes para a aula, vir a Coimbra e gar-vias de facto fizeram-lhe conhecer a indignidade de tal proceder, recorrendo — como se conheceu-de — ao mouro Zebueves, pedremo argumentó para tão desceufessadas cavelegaduras.

Bella lição de certo! Mas tambem, de certo, lá está o que vigilante João Franco que arranjaria remedio para evitar esse exemplo effeudido de dignidade.

Muito me riria e muito de vontade, ao ver o Bernardo Pedro esmurrecado na sua cara de pau-quista, por um estudante do Porto, trizeiro revo-lucionario!

Oh! que seria a minha maior consolção!... chada como o argumentó da força... não convence é certo; mas veize e ás vezes, faz deitar cogio.

namorada, o sangue dos maris... Que venham e que se murmuram bastante!

Comentou-se também, umas declarações que vi-
nhão no jornal católico o Palavras e que diz:

« O Sr. João Joaquim de Costa Oliveira Bastos,
escreve-nos dizendo-nos que a carta que nós publi-
cámos, assignada por elle, não lhe pertence.

Fica feita a rectificação.

Sentimos que haja ... etc, etc. »

Continua o jogo das declarações falsas; e no Il-
lustrado d'hoje publicaram-se mais declarações com
nomes que não existem.

O Balthazar disse que o Pestana J.^o ia escrever
uma carta aos jornaes protestando contra esse facto
e eu pedi ao Octavianus de Sá (um galeto que escre-
ve as cartas para as Novidades) para se referir a
isso. Do mesmo, consultassem um Annuario!

Dos jornaes de manhã, li a Lucta que traz um
bello artigo do Brito Gamacho acerca da circular
dos Paes e do qual diz: «... dir-se-hia feita por um
"jornalista que fosse ao mesmo tempo advogado." »

Traz também a declaração de um pai, Francisco
Manuel Salente, que declara que viu o seu nome
na lista das adhesões a que protesto contra esse abu-
so querendo não accusar a seus filhos sobre
conducta que não fosse a de madre intransigencia
unica que julga coherente e digna.

Diz mais o Lucta que na relação das adhesões veem muitos nomes de jaes já falecidos; de modo que ellas têm vindo... do outro mundo!

É mais veem a noticia de que a comissão dos jaes lembra aos outros jaes que ainda não adheriram, a urgencia dessa resposta. Diz o Seculo que as adhesões são já 466.

A respeito do gruço da circular já celebre na questã academica, dizem os jornaes que têm de adherões e que vão responder ás declarações que a comissão não tem feito e sem respeito.

há os esgrameos, com o resto do caderno em branco e que sejam bem vindos!

É agora vamos ao protestantes: ha tres geraos de leitãs mas uma pó verdadeira.

A verdadeira é:

Fernando Manuel de Mattos Cardoso - filho de Miguel de Mattos Ferreira Cardoso, de Lisboa, do 1º an.º de direito.

Os outros são: Alberto de Cimaes Caemillo e Alvaro de Brito d'Araujo, nomes estes que não veem no Jornalis.

Com os 40 do transigente (de já 219) e com este, somam-se tudo - 41.

Dos falsos protestantes, dois de homem e dois de hoje, somam-se - 4.

É naturalmente o Ilustrado continua a obrigar-

nos a estas duas complicadas operações arithmeti-
cas...

É termino este dia com a consolação de que me
não esqueci a respeito do meu amigo Sergio Galvão;¹⁾
eu ja o conhecia e mais uma vez se prova que eu
ainda sou uma creatura de juizo...

Quanto ao Santo Silvas, veremos; ora lá que eu
me esqueço...

Coimbra =

= 11 de maio {sabbado} =

Tenho hoje para registar aqui um precioso docu-
mento, de mistura com a ditadura do João Franco.
Uma e outra valeu dinheiro.

O João Franco lá levou o rei a dissolver as cortes
para consultar o conselho de estado, attendendo — di-
zia o João Franco num telegramma para o governador
civil — e que o governo não podia cumprir o seu
programma de regeneração politica com as camaras
abertas!

Voltaremos aos tempos bons do caceté e da força?
Só de ditadura e do João Franco as temos...

É de fugir!...

Mas vamos ao documento para fazer de tempo.
Foi-me fornecido pelo meu candidato Aguiar

¹⁾ Já faz acto de licenciado; rias e caminho... {ulota, 5-I-910}

o marco e diverso Alguar, como nós lhe chamamos mas que a final é um unico e unico a valer.

Foi o caso que o Jaz delle Joaquim Esteves Fernandes Pereira que é influente progressista em Parada de Bueiros (Vila-Real) recebeu a circular dos Jaz de Lisboa e juntamente uma carta do conde de Vila-Real que é o chefe político progressista do districto referido.

Parece que o Jaz do Alguar não gostou porque escreveu ao filho contando que as circulares, Jaz do districto de Vila-Real, têm sido quasi todas distribuidas por intermedio dos administradores dos concelhos e que lhe enviava a carta do conde (por signal que, como tem má letra viria copiada por uma filha do Jaz do Alguar melhor general) Jaz que disse o que deveria fazer.

Oras o Alguar cedeu-me a carta e disse-me mais que o Jaz estranhava a carta por tão comprida, porque o conde, quando escreve, mesmo a respeito de cousas importantes nunca manda mais que mais-duzia de linhas.

E segue o documento precioso:

3-mais-207

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.^s

A comissão de Jaz dos estudantes que se organizou em Lisboa expediu uma circular a todos os que se encontrarem em eguaes circunstancias, pedindo a sua adherão no sentido de serem Jaz.

das providencias ao governo para que os estudantes não gerassem o anno. Parece-me de toda a conveniencia que pimeithante tentativa fosse produzirem os desejados efeitos e por isso e' que eu venho chamar para o assumpto a V. Ex.^{ta} manifestando ao mesmo tempo o desejo de que V. Ex.^{ta} entenda poder dispensar a sua adhesão devolvendo a circular com a resposta que o acompanhava, com a sua assignatura.

Tambem peris de toda a conveniencia que meu filho se reservasse completa liberdade de accão, não reconhecendo a commissão academica da Universidade os poderes que ella se arroga e que nesse sentido se resolvesse a publicar nos jornaes uma declaração.

Faz meu resoluendo que os estudantes redidos por um ideal absolutamente, sem duvida, se deixem arrastar a ruinas inberentes que não têm de certo, em vista, o seu bem estar e conveniencia.

Com toda a estima e consideração, amigo e obrigado

(e) Cande de Villa Real.

Não necessita commentarios uma carta d'estas, que neste diario tem um valor excepcional.

Ahi fica para mostrar que o governo ou a commissão liberal (que talvez não é nella, desta vez) afirma falso quando afirma que não se tem metido em nada.

Aqui fica um documento (cujo original se

vi a exaurir) que irrefragavelmente grina o contrario de tudo isto; é um chefe da politica do distrito que escreve a um influente desse districto; é um chefe politico que insinua a coação a um estudante que de mais a mais é dos firmes e dos bons.

Pois eu, sahendo pó á tarde, depois do jantar, e tendo conuigado jermes e conuersado com o Balthazar Teixeira, tive conhecimento de que nem tudo nos tão mal como o fazem acreditar os jermes franquistas; começa a haver uma reacção de sentimentos descontentes contra os processos dos politicos que fizeram gerar a greve.

Ainda bem.

No Illustrado nem a tal respeito dos signatarios da circular dos estudantes descontentes. É muito conuigido; nem recheada de argumentos de pouco peso e conuigentemente tantos; e termino por rogá-los a fazerem as respostas de adhesão (porque afinal, não tiveram quasi nenhuma) e dizem:

« Terminamos afirmando com energia e nosse absoluta intransigencia na situação em que nos collocamos procurando uma solução em que se honrassem honra e interesses. E aos nossos collegas que ainda não responderam á circular declaramos que não o fazendo até ao proximo domingo, considerá-los-emos como não tendo adherido.»

Sempre a terrivel janeta de haure e do grouei.

to!... Ou em meo suggesto em isto ainda nem a dar
muita bondade...

No meio do converso appareceu o Bernardo Pe-
dro, com cara de mais satisfeito — uf! estiveram
para ir a terra por falta de ministros — com quan-
tos casos pingues banalidades, e como eu visse
passar, airosa, um tricarmita d'outros negros que
estiveram de adoçar gala republicas as agruras
da vida, eu deixei a conversaria e peguei, como o
colgar do casaco e enfiar-me no galga cabeça, balda
fara, sob a chuva munda...

Oh! a eterna generancia das raças!...

Mas entao, e que appareceu subitamente, da li-
vranza do Moura Marques, o Aguiar, o vario e di-
verso Aguiar!

Sempre o mesmo rapaz alegre, de grada grumpy
e ironia acerada. Já para a alta, para casa, aborre-
cido de tudo isto; não tinha ido para a terra por-
que enfim, isto sempre era melhor do que andar
entre quatro paredes... e alludia á sua terra ma-
tal, um aldeia transmontana, perdida nas agri-
ras verdes e coras dos arredores de Ville-Real.

Mas, sabendo o que andava ali a fazer, apre-
ceu, amavel, a casa, um republica:

— É um humilde leguio... Contudo, tem al-
bergado em seu pais, varias raparigas do Monde-
go de equal qualite...

E pudemos para a alta conversando sobre o ca-
so do conflito, tendo brevemente indicado o re-

publica e tricanas jourem de leitadores otros reznos.

Foi entã que elle me diase da carta do conde de Villa-Real e me offereceu uma copia; e passau do ao fundo da rua do Barretto, chamáruos o Pacheco a quem noticiáruos o aduento de uma mondagide como lhe chamava o Aguiar e convidáruos o a fabricar daquella meiga conuivencia.

Mas o Pacheco acabava umas cartas para os Acres; lá iria ter e como se juntasse o nosso condiscipulo em physica e chirica Maximiano Mau-teiro (tãmbem transmutans) que esgrava um amigo que fãa a uma interviãta com uma muãe no Micótã (a quem os rapazes chamáruam Katucha) nós tres pulnuos pela ingreme escada do grãdio da republica que é na rua dos Militãres n.º 27.

Alí, naquelle quarto pinilles, havia uma curiosa arrumentãção; dois registos de paultos, mas zãre des, com meulduras de caixas de grosghoros o que dava um curioso aspecto; á cabecina da causa, um rosario, mas um rosario authẽtico, para intrigar os visitãntes; por polere a escreuõzinha uma pagi na do fulguremẽto do Seculo com uma grande rã, ~~##~~ representãdo a Uniuersidade; mas o que mais notei foi a diuersidade dos instrumentos: um violã, uma viola meinhota, uma flautã, um cavaquinho e um bonbo, um authẽtico bambo transmutans, de zelo de carueiro, felfuda aiuda.

Seu duido alguma — e musica começou: a causa verde do mente, a que o Maximiano dava

o verdadeiro tom com o tom do bombo característico.

A meio, fez a sua entrada, ao som do hino da Carta, o gentil mandagide, e depois o Pacheco; mas a música continuava, era a causa verde, era o vida, era o fado, a que o bombo dava o mote alarquanté a gosto de, no meio, se começar a juntar gente e um folião começar a analisar as janelas cuidadosamente. Depois, vieram as modas das ilhas a que o Pacheco dava uma certa ziada porque o Pacheco é um rapaz grave, circunflexo, falando sempre sério e acrescentando a isto, o seu característico rolaque açoreano.

E terminou pelo chá com que o Aguiar nos quis obsequiar, um verdadeiro chá de republica, isto é: o chá propriamente dito e bolachas ruaric. E o Pacheco, já terminou, cantava:

Toda a moça que é bonita,
Que elle chora,
Que elle grita,
Nunca havera de nascer...

E o bombo, o terrível bombo, manejado pelo Maximiano, imflavel, atoador, constantemente — zuum! zuum! zuum!...

E por fim, quando começaram a per horas de ir ao correio já o Pacheco deitara as cartas já o jacuete, a conversa cahira já o sério e eu li

no numero de hoje do Primeiro de Janeiro uma das melhores razões do João Chagas em que descreve uma visita á universidade: tudo velho, archeologico, inquisitorial; só lhe despertou a attenção e a admiração uma caudaiha elétrica nos gongos, que o alvarozou por ver lá dentro uma caudaiha da civilização; mas reparando na caudaiha que tocava proxicamente, viu-o tão velha, tão velha, que teve a desoladora impressão que aquella caudaiha devia por... antecipar á eletricidade!

Depois, desceram ao correio; e no palheiro, o Aguiar que tem uma bella voz de baixo-profundo, escandilhado gelos autros em falsete, entoadou um magnifico caudochão que aprendere no ruay de Maria, nas Uroullinas... E assim perceimmo até á alta, era o caudochão, era o fado...

Mas não nos esqueçamos dos nomes protestan-
tes: no Ilustrado veem um:

Joaquim Carlos de Sousa — filho de Carlos João de Sousa, de S. Vicente, Funchal; é do 5.º an.º de Direi-
tó. É dos que furou a grêve explicando que era pro-
fessor do lyceu do Funchal e que estava com licença
do governo...

Mas além d'este, que é verdadeiro, veem tres
falsos: Antônio de Casto Vieira, do 2.º an.º de Direi-
tó; Calistino Garcia Ressende, de Direi-
tó, tambem; e Jo-
se Capitel de Sourelas Correio, especialmente de

direito. E dizem que não fazem política, os franquistas?...

E cada nome!... Parecem, nomes de comedias!

Mas cá vai o nome:

Protestantes: com os 41 do transgênté (de p^o 223) e com mais um, pouco — 42.

Falsos protestantes: com os 4 do transgênté e com estes três, pouco mais — 7.

E segue...

Coimbra =

= 12 de maio {domingo} =

Ben o imaginava eu! A concentração liberal foi-se... seis telegrammas para o conde de Agueda com a nova. De modo que os progressistas que até há pouco á noite elevavam ás nuvens o João Franco, passam agora a fazê-lo descer ás profundas dos infernos... E os franquistas que até há pouco eram tu cá tu lá com o José Luciano, passam a chamar-lhe o outro vez o «velho tonto e imbecil» e a falar do novo nos escândalos das gangas de chaulague e a stirar-lhe com o combato dos tabacos, etc, etc.!

Oh! que alcaçuzes!...

Se o homem combina no poder, com a fera ditadura para poder cumprir todo o seu programma, então, é uma vez uma assistência!

Lá vai o auno á vela, sem afelacão nem agravo! E' para elles dizarem, depois, com certo gaudio que se fez a vontade áquelles que tinham o auno perdido...

Servem-se de tudo, os franquistas!

Mas, desce eu gesticamente á baixa, reparando na beleza extraordinaria da tarde, quando encontrei o Plano. Com elle andei apreciando o embardacar tão bello até que anoiteceu e entrámos no Gallego, onde esurtei o Mundo.

Vinha neste a resposta da comissão central de Coimbra ás afirmações do grupo desbridante a que hauteu me referi. E' um protesto violento contra um certo numero de insinuações feitas pelos signatarios da circular; ha entre outros, os seguintes pedidos:

«A Comissão central academica, refere como injuriosa e cobarde, a insinuação mascarada de que a vida das comissões academicas sejs orientada pelo partido republicano. Os signatarios do protesto estão pedindo humildemente os socellos do governo e pedindo-se dos seus processos.....»

Tudo esse insinuações no ar. Manejam-na os fadistas mais ou menos felicemente com maior ou menor desassombro.

Os signatarios do protesto, consciencia ou inconscientemente estão reduzidos a isto: funcionarios

do governo, amigos do governo e deste desastroso governo pífioses perneentuarios.»

D'ahi a pouco, na cafetaria Borges, da Calçada, apareceu o Freitas com o Bernardo Pedro; o Freitas pediu a Lucta com muito interesse a que eu logo lancei maldade...

— O quê, meu major... a Lucta?! Olhe que é um jornal republicano...

E voltando-me para o Plano:

— Bem se vê que se inspirou no busto de Voltaire...

— Cale a bocca, homem... So não fosse você lá, ainda não tinha reparado de quem era o busto. E mesmo... se reparasse... não tinha conhecido... Não sabe qual é a minha illustração...

— Modestia...

Mas na loja não havia a Lucta, e lá foi procurá-la com afincos. O Bernardo ficou e ouvindo-me falar sobre o caso das declarações de estudantes com nomes falsos, teve não sei que bicho carquinheiro, que desandou a berrar, a barafustar, com a bengala em molinetes, quasi cingestioneado, chamando a attenção de quem estava na tabacaria e de quem estava na rua:

— Aqui estão os tão liberais! (era eu e o Plano)
Eu queria - os no reculo XVI para ver se vocês falavam assim, com as faqueiras da Inquisição a andar! Vocês são os tão liberais que só querem

que os outros fizessem como vocês fizessem. Eu ao mesmo tempo sei o verdadeiro liberal porque me não importo com que os outros fizessem desta ou daquela forma! Agora você... (a fúria era igualmente sobre mim) não posso dizer Torquemedas de Yechisléque!...

E ralhado, furioso, no meio das gargalhadas minhas, do Floro, do Ernesto, voltou-se, á porta, para trás e gesticulando ainda, teve a terrível objurgatória:

— Torquemedas de Yechisléque!...

Ofensivo!... E ficámos a pensar que bicho me daria, ao sobre Bernardo Pedro, para assim tão descomulgadamente, no meio da admiração geral, elle ter essa phrase que foi quasi um raio de luz, acasalhado de risos

— Torquemedas de Yechisléque!

Depois, quando sahimos e nos encontramos com elle e o Freitas, no largo de Saensão, conversando muito á juridade, eu não me contive e fui descaroavel:

— Como que então... Torquemedas de Yechisléque?... Pois vivam o Robespierre e o Danton da mesma materia!... O Robespierre é o Bernardo; agora o Danton, como era mais baixo, e mais gorducho... é o meu major!

Mas o major estava com vontade de urinar; e á volta do urinol, abotoando ainda as calças, entre o sério e o alegre:

— O meu amigo fica sabendo que entre nós
nãõ se tõiua a falar em politica...

— Mas o busto de Voltaire...

— Boa noite!

E lá foram os deus, uma acima, e eu subi com
o Plero para a alta.

Sobre a mesa tinha um numero de Parodia que
tira uma carta excellente de João Chagas acerca de
uma visita a Coimbra; e no Resistencia vem um
folhetim com extractos de umas Palavras de almu-
tamento (memorias) do Dr. A. T. de Costa Dirucos
a que se referem o conflito academico. Em um
delles, ~~em~~ 1872, entrou o busto Isis Tei-
xeira segundo se deprehende do que se segue:

« O dr. A. T. entãõ estudante do 4.º an.º juridico,
foi indicado como um dos mais turbulentos na-
quelle noite... »

Nãõ resisti á tentação de transcrever...

Em todos os joruaes, joruaes, vi a clara repro-
uçãõ dos processos das folhas governamentais, a
realçãõ dos nomes falsos. Felizmente deram logo
com o manasca. Na Lucta vem mesmo a decla-
raçãõ de que se trata d'um burla flagrante.

E se é!... Mas elles lá se vão empregando, os
santos franquistas!

Coimbra =

13 de maio {2.ª feira} =

Os franquistas têm necessariamente de fazer a história!

É aqui que vou fazer um grupo disso: à tarde saí como de costume e no Galpão encontrei-me com o general Meunier de Carvalho (referendo) pai do actual ministro de fazenda. Elle anda com cara de desconfiado depois que o filho está ministro, naturalmente com medo de Zidas.

Consegui a Lucta e quando, á festa de Jafelaria Andrade (ambigo Borges) me apresentava para o ler, diz-me o general meizamente:

— Então o meu netinho, está aqui está a entrar para as aulas...

— Isso é verdade, meu General?

— É, quero afirmar-o. O neto não pediu a desmissão meu Zide. Bem vê que mesmo com a rejeição da candidatura, elle não podia fazer tal porque quem lhe pediu para elle vir para neto foi el-rey e não o João Franco. De modo que elle só sabe se resolver o conflito.

— É a amnistia?

— A amnistia vem para o anno. No proximo anno terão já todos os riscados entrado para as aulas...

— Mas este anno, não...

— Isso certamente...

Ora quanto ao reitor não ter zedido a deruição já eu sabia; meu Paé telephonou para o Costa Lobo e este respondeu que tinha ido á reitoria e que o D. João lhe dissera que nada podia fazer por si; esperava ordens do José Luciano ou... de mais alto...

Mas quanto á auctoridade que me parece que é bucha do general. Novo batão de cusais...

Mas seguidamente, como eu duvidei que viesse a auctoridade, attendendo á ditadura feroz... elle deu-me confidencialemente a conversação para o campo politico; e susinuava-me com a phrase bida de "seri para nós":

— Esta ditadura tem qualquer razão de ser que nós não conhecemos e elles não dizem...

— Ora, meu general, isso...

— Será!... Alguma coisa se sabe por lá e que não couvem dizer... Olhe que nesta ultima batida de flores a familia real foi desconsiderada no Campo Grande...

— Então é a republica que chega?

— Ah!... Era coisa para este mez, o mais tardar!...

— Oh! meu general!

E desabei a rir com vontade. Elle aborzechou-se com o meu incredulidade.

— O marinho ri-se?... Pois ria!

— Oh meu general... Eu estou a rir, mas é de

de contenta; estou na inatividade e liure dessas
coisas todas.

Mas elle insistia:

— Então o homem ia negar todas as suas afir-
mações? ia colorar-se mal com todos os partidos
monarchicos? então o Hütje colava-se assim,
sem graça para declarar a sua attitude? E o Julio
de Vilhena disse que era contrario a todas as dita-
das, mas... lá vai um mas que a gente não fan-
cete... Olhe que os mas dos altos politicos são o
diabo! Heredita que a course era para este mas em
Lisboa e no Porto!

Eu ia para me rir novamente, desse javaroz
medo da republica, quando entrou o Baeta Neves,
o malandro Baeta Neves e a conversa desviou.

Os franquistas! os franquistas!...

Ora na verdade, meu Pae, ao jantar, disse que
passou na estação telegraphica, um telegramma do
Antonio Cabral para Oliveira do Hospital em res-
posta a um outro que perguntava pelo que havia; e
disse elle que já era tudo na mesma mas que se
esperavam sérios e graves acontecimentos. Será o
Antonio Cabral a assustar os leirões daquela linda
terra?

Eu, na verdade, cá estou á espera desses graves
e consideraveis acontecimentos!

Coinbra =

= 15 de maio {4º feira} manhã =

Hontem distribuiu-se mais um panphleto ingresso de questão academica, assignado pelo comissão central ⁽¹⁾

É aquelle cujo original o Alfredo Pimenta me mostrou, no dia 9, ultimo e de que elle é o autor.

Eu ja o leveira, mais ou menos, antes de elle me'o dizer: citava Bonté... logo... era do anarchista Pimenta — que á questão academica liga os trabalhos e successos das vergens do nascimento dum filho, do segundo filho. Porque é de notar que o anarchista Alfredo Pimenta é casado e professa a religião do casamento como qualquer burguez feliz e bemaventurado.

O panphleto lança-se com certa violencia ao João Franco e ao reitor; depois refere-se á circular aos estudantes a cujos pignatarios chama perverbia- rios do governo.

Em confirmação o Illustrado traz hontem uma outra resposta dos pignatarios da profesta em questão que é, a meu ver, mais um vergo- nhoso documento para a historia da grève.

Quem per, for força — esse grupo de estudantes — quem agora dirija o movimento, per se im-

(1) Memo III = 48-K

gentar com os argumentos contrarios; jergunta
mesmo:

« Só a referida comissão foi, Josue, como cau
as sua, o monologio da attitude logica e honesta da
academia? » (Diario Illustrado de 14 maio)

Assim se vai mostrando a questao per dentro;
até aqui era gelo exterior, gelo mesmo lado, afinal;
agora começa a ver-se bem gelo lado jeira, infeli-
mente...

Fóra disto, tudo vai na mesma. Flaubert, min-
guem me dava novidades de ingenuidade: nem o
Floro, nem o Bernardo Pedro, nem os rapazes
com quem falei e com quem andei até á bella hora
das 5 da manhã de hoje.

Porque é aqui de notar que juntamente com o
Pacheco, com o vario Aguiar, com o Maximiliano
Mendonça, o Luis Bricudo (a quem fui apresentado)
e outros dois rapazes, fui ceiar ao restaurante "dos
caxerões" acompanhando-nos a orchestra concerta
da casa do Aguiar.

Continuado foi a conversação sobre a questao acade-
mica; o Aguiar, de vez em quando, levava-se ri-
ras e meias:

— Abaixo a universidade fradesca!

— Viva a academia ultrarrazigante!...

E o bumbo, o terrivel bumbo transmontano,
junto a nota alarmante á reunião:

— Zuum! zuum! zuum!...

Da nos jumbava-se gente e zangumbava-se pe-
taria riudo e aumistia...

E, ao dar das duas horas de manhã, nós, de
baixo do arco do Bispo, por causa da chuva, espe-
rávamos um carro que o Maximiliano Chaveira
depois de terminar o seis.

O Pacheco discursava sobre anarchismo; o
Aguiar zedia pessimidade e eu esgrimava, com
uma tremenda constipação...

Passou em certa altura o meu antigo ténante-
medico Flaminio Teixeira de Azevedo, agressado,
para casa; e eu disse-lhe qualquer coisa banal,
mas o Pacheco, anarchizado de todo, bradava em
atitude arábia:

— Oh mesquinho burguez de chapeu de côco!...

— Incondicionalmente ao vosso lado... acres-
centava o Aguiar.

O Flaminio lá conseguiu escalar e quando
afazeeu o carro, o Pacheco, o Meubairo, o Aguiar
e eu, tomámos lugar depois de nos despedirmos
do local riudosamente, reunidos com uma gar-
rafa do Porto:

— Viva a academia intransigente!...

O carro rodou; a chuva começou a cair pes-
adamente, e quando o dia desfez-se tristemen-
te, por entre umas nuvens zardaceadas, estáva-
mos nós na Parbella, sobre a zomba, fazendo con-
siderandos variados sobre o progresso representado.

do gelo viaduto da linha férrea e polera a arbo-
rescência da linha artística do Mondego, subiu-
do Gelas Torres, e desalgarecendo Jor entre as serras
das encostas...

Foi uma inchoitavel noite; o que succedeu não
se conta aqui; os ditos, a varis condução que le-
vávamos e que fazia dizer ao Aguiar abobado
em gozo

— Eu quero uma orgia infame!...

E recordando um fragmento de estudantes,
ao qual elle sempre alguma as finas Jor lado
ridículo, acrescentava

— ... Jor me eu, neste periodo completo de
salvo, sem gestos quicholésicos...

E lembrava então o Pedro d'Alcantara que fal-
tava ali, com o seu coração sempre aberto, sempre
franco, e a Jorda sempre Jorulta. E ainda, quan-
do me algei do carro, ao fundo da minha rua, el-
le me dizia:

— Incondicionalmente ao vosso lado... Sauda-
ros, Luis d'Aguiar.

Oh! o alegre Aguiar! A estas horas ainda elle
estará entre louças, romaticamente...

E fico Jor aqui...

Corra-se um vez polera os successos da noite;
não vamos fazer corar os vindouros...

Outro, no Illustrado vem um « grotesco »

José Maris Marques d'Oliveira Teis — filho de

Francisco Marques de Oliveira, de Valeza, concelho de Ovar; do 1.º au.º de Direito.

E ha um outro José Fernandes de Góes mas que não vem no Banueário.

Temos, pois:

Protestantes: com os 42 do transgênté [de p. 222] e com mais este, por nome — 43

Falsos protestantes: com os 7 do transgênté e com este, por nome — 8

Coimbra =

= 15 de maio [4.ª feira] noite =

Sahi cerca de 1 hora da tarde para saber dos meus: o Pacheco, em camisa de dormir, preparava-se para as abluções; mas em casa do Aguiar havia um silencio sepulchral! o quanto deste este os ainda immersos em névoas!...

No meu encontro o Bricudo, fresco, com um bello glaston verde; conversou-se um pouco e é de opinião que isto vai ter breve e consiliatoria opinião. E de curso em curso, veio a falar-se não sei bem porque no Dr. Pedro Martins, lente de Direito e desidente algorinista.

E ainda o Bricudo contou-me que o Pedro Martins, no começo de questões, ferido nos seus livros cathedraes, fôra a Lisboa e desabafára com o João

Pinto dos Santos que é leader dos descontentes na camara. O Pinto dos Santos, porém, respondeu-lhe firmemente: que escusava de vir com boas ideias, que nada fazia com isso; elle, João Pinto havia de seguir a conducta que traçou desde a sua saída da Universidade, e com elle os descontentes: "guerra em tudo e por tudo, á Universidade!"

O Pedro Martins encontrou-se; e agora é pelos negócios, mais ou menos...

Falou-se também em que o reitor se ia embora; que fôra hoje a Lisboa apresentar o seu pedido de demissão ao João Franco; e afirmava-se que o governo não estava lá muito tempo... etc, etc!

E com esta bagagem noticiosa desci á baixa, ver os jornaes.

Até Lucta traz em um quadro, ao centro, liras nos passadas do João Franco contra a ditadura; e quanto á questão academica diz:

«Sabemos que o governo prefere uma solução negociada, apoiada em palavras e baionetas.

Pois vamos lá a essas violencias. Nenhum seja quem se arrependa.»

No entanto o Seculo e o Diario de Noticias dizem que hoje o rei receberia a comissão de João de Lisboa que lhe ia pedir a publicação de qualquer medida que tenha termo ao conflito; e acrescentam:

« Essa medida, segundo o que houveu se affirmava, será a breve reabertura da Universidade de Coimbra com cursos livres, até ao ponto, a concessão de amnistia aos alumnos que a reunião do conselho de decaus expulsou. » (Seculo, 15 maio).

Será verdade?

At' noite, o Alfredo Pimenta, porriudo, de novo,culo assediado, dizia-me que sim; a amnistia viria, e o anno ganhava-se, no fim de contas; e os estudantes teriam vencido o desgosto, o ditador, o ambigo mata-gatos!...

Em consequencia, jurei, o general Moutinho de Carvalho, mostrando-me o Illustrado, lia-me um telegramma de Coimbra que dizia que as aulas se abririam e se fossem encerradas, o fardão viria, caridosamente, passar estas melindrosas questões.

O telegramma dizia que se dava como certa a reabertura da Universidade, com cursos livres; e terminava:

« Como consequencia desse facto, não será de estranhar que o governo conceda a amnistia aos estudantes expulsos, entrando-se assim num periodo de harmonia muito desejada. »

Eu ainda disse, suavemente, ao general:

— Valha seja a Zelarar o terreno...

— Ora, meu menino!...

É moxia terrivelmente, entre os dentes, um grito. Podia lá ser, o governo voltar atrás!

De modo que, estamos no declive da questão: e aqui fica consignado que não julgo impossível o João Franco — lançando as culpas para o rei — zerdoar aos ralares...

Que diabo! a 7 de novembro do anno passado (ho 7 meses) dizia elle, no camera dos pares, combritamente:

— Proibiquei a ditadura que é um crime constitucional que não beneficiou o paiz e de que estão arrependidos.

É conhecido, Garrados que foram 7 meses e tres dias, voltou a esse antigo modo de ser, a praticar esse tal crime constitucional...

Ora o que admira, João, que elle tenha dito no dia 13 de abril ultimo, na reunião das puaiorias:

— O accordo executa-se e que agora venha paucionar a não execução do mesmo?

Não admira nada. Delle, he tudo a esperar.

Ora hoje tive a dita de ouvir a officina de honrem notavel na academia, ainda que recuio de esbido já: o Manuel das Barbas.

Tinha-me em recolhido de chuva, á tarde, na Casa Felix, na rua Larga; e como elle ali estivesse sentado, enfastiado do descanso e que o tem forçado estas férias inútilas, e sempre em se...

rava o americano, conversei um pouco com esse velho notável, esse fazedor de pechecas, de ha quarenta annos já cá.

Vae fazer brevemente 65 annos; tem assistido a muita coisa na academia, mas a coisa como está... nunca! e neste nunca elle junta uma nota de protesto, de outros esbugalhados, ferozmente, como quem desejaria ver deante de si esse alvaré do João Franco (como elle lhe chamou) e apesar do braço direito paralytico, esmignar-lhe a cabeça, essa cabeça de ditador que tem esgathado a fome por tanta gente em Coimbra...

Mas a principal preocupação do bom Manuel das Barbas não é a fome: é o que podem ficar a saber os estudantes, com tanto tempo perdido:

— Certão, oh doutor (o doutor era eu) o que é que os rapazes tem estudado, ha dois meses e meio? Sim... o quê?... vão para os actos para saber nada!

E na verdade, e com indignação, o bom velho patria isso muito bem: não era pelas suas mãos que passava quasi toda a sciencia universitaria?

Por isso elle dizia com um grande gesto do braço coçando:

— Nada!... não sabem nada! não podem ir a actos!...

E comovidamente, dizia que se não podia deixar passar esses rapazes sem sciencia; era uma vergonha para a Universidade... e não.

relativamente — acrescento eu — para elle, o bom re-
bambino!

A' noite, falando na baixa com o meu vizinho
José Julio d'Andrade que anda quasi sempre com
um rapaz do 3º anno de preparatorio medico Ma-
rius Martins Ribeiro (que arriguesse a celebre circu-
lar dos estudantes, de 4 de maio) disse-me elle
que a tal comissão desistente, não tem tido, na
verdade, adherências que lhe garantissem um certo
numero para levarem avante os seus intentos.
Sóto deve ser informação do referido Marius Ri-
beiro, que isso a julgo certo.

A desistencia cahia, pois; garozou o garzo ja-
na a recogção das adherências; apesar disso não teve
numero para publicamente agradecer!

A providencia... divina!

No seculo de hoje vem uma declaração curio-
sa e esbuzida do estudante Antonio Ernesto Si-
meões de Carvalho Lucas, do 1º an.º de Direito com
raciocinios interessantes.

Pobres creanças.

Os jovens veem também adherências á comissão
central zelo sua forma de conducta; e vem o no-
me de um Jac, José Paulo da Cunha, que protes-
ta contra a inserção do seu nome na lista das ad-
herências á circular dos Paes.

E' curioso que o acaso tenha de do logar a tão-
tos enganos! Quantos haverem protestado contra
a inserção do seu nome na lista dos adherentes

quantas as reações d'elles: «ero outro como o
mesmo nome; ha mais terras no terra!...»

Depois de tudo isto, quando voltei a casa, pas-
sei ainda por casa do Aguiar.

Levantara-se ás cinco da tarde, estava muito
neido, arrastava-se em banco deitado...

Mas, quando eu desci, elle, lá do alto da esca-
da, com o candeeiro no mão, bradou ainda:

— Viva a academia intransigente!

Coimbra =

= 16 de maio [3.º feira] =

Na verdade, e felizmente, o que disse aqui a
respeito da comissão desiderada, era verdadeiro. O
José Julius d'Andrade não me mentiu.

Vem no Seculo a seguinte declaração:

« Os signatarios da proposta conciliatória que en-
tregava a solução do conflicto academico a uma arbi-
tragem, constituida pelos professores de estudantes residen-
tes em Coimbra, e que podiam aggregar-se todos os
outros que ^{assim} julgassem conveniente, não tendo obtido
um numero sufficiente de adhesões para lhe dar rea-
lização, declararam que dão por findos os seus traba-
lhos, cumprindo assim, lealmente, o compromisso
no em que se empenharam para com todos os seus
collegas da Universidade, tomado no circular. »

Foi tudo a terra! Lá se desfizeram esses grandiosos castellos de honra e granito!

Resumo aqui um Padre-mosso por aluna da comissão...

E vamos aos casos do dia.

Passando na balçada com o Aguiar e o Maximiano Monteiro, já recuando do lado da moitada, vi o Ernesto de Miranda a quem perguntei o que havia de novo.

O que elle me disse foi que na próxima 2ª feira, 20, começa na Universidade o encerramento de matriculas.

— E actos a seguir?...

— Não se sabe, antecipam-se as matriculas, somente. E' para ver quem quer ir ás aulas...

Na verdade, a ratorina — e por verdade — não é mal armada. O Balthazar Teixeira, a quem contei o caso, disse-me que a melhor policia'ção para um caso desses é todos encerrarem matriculas.

— Mas, objectei eu, tendo dado o dinheiro, como se pensam aquelles que resistiriam a uma tentação assim, e se resolvessem não só a perder o anno, mas, o que é mil vezes peor, a perder o dinheiro!...

E ficamos falando no caso que realmente é para meditar; o governo tem feito tudo quanto pôde para fazer parar o movimento. Agora vem mais esta tentação, esta tentação para os animos

fracos, que, junto com os militares tãhy constituiam um numero razoavel.

Tudo isto, leitões que se chamam a ler-me, é uma triolera sem fim!

E depois, o Balthazar Teixeira tinha-me chamado para me contar o caso que vou registar e que mostra mais uma vez a folocidade das afirmações do governo quando diz que não se tem mettido a fazer furar a greve.

O Balthazar é professor do Lyceu de Parbalegre, por concurso; tem lá o seu lugar certo e como quiz furemar-se, tem pedido, ha uns 4 annos, dez mezes de licença registada para frequentar as aulas. Ora no 2.º feira passada, foi chamado á reitoria: o D. João, sabendo que elle era professor do Lyceu, quiz dizer-lhe que era conveniente fazer umas declarações nos jornaes, como tantas outras, não cedendo poderes á comissão, reservando-se o direito de proceder como quizesse, etc.

O Balthazar disse-lhe que não fazia isso. O D. João insistiu e como elle persistiu no intento, ameaçou-o com o retirar-lhe a licença e fazel-o voltar ao Lyceu de Parbalegre!

Isto é absolutamente verdadeiro. E o Balthazar nem fez declarações nem ficou sem a licença. Naturalmente houve receio de escandalo.

Falando d'ahi o jouco com o Alfredo Pimentão, e contando-lhe o caso, disse-me que já o sabia e que o D. João, assim como chamára o Balthazar

Sei lá já chamado anteriormente dois: Joaquim Carlos de Sousa, do 5.º an.º de direito e que é professor no Lyceu do Bruchal e Alfredo Lopes de Mattos Chaves, do 5.º an.º de medicina e professor de Lyceu e creio que do de Coimbra. Dissera aos dois a mesma coisa que ao Balthazar; mas como infelizmente os dois não tiveram a humildeza para responder como aquelle, publicáramos humildemente as suas declarações: a do Mattos Chaves no dia 8 de maio e a do outro no dia 11 como aqui já ficou consignado.

É o D. João d'Alcântara quem, certamente, contribuirá a passar por humilde páris...

É os jorruas do governo afirmam que não temo procurado exercer a coacção, logo se terminam o meu viramento academico.

Isso sim! é o que chi fica.

Mas vamos a ver o que o Rei diz ao ~~palácio~~; são recebidos hoje no Paço e oxalá que não diga o que tantas vezes tem dito:

— Sim senhor... Rei de ver o caso... folarei aos meus ministros... fago o que quizer, etc, etc.

Que diabo! não ho modo como falar o direito! Dizer uma coisa, mas dizel-o o voler, não tibihear!

Encontrei tambem o Luis Ribeiro, o meu amigo "João das Neves"; e começando-se a falar de questões elle gerguleou grimeiros, moliciosamente, de certo:

— O meu amigo é dos académicos dignos ou dos indignos?

— Eu?... Seu diabo...

— É que a academia está dividida em dignos e indignos...

— Ah! isso é confusão o zombo de vista. Mas eu sou dos intransigentes, isto é, dos que não vão às aulas, não vão aos actos, não vão a causas alguma sem a assistência dos seus...

— Basta! Também não temos nada feito. Pois eu sou dos contrários, sou dos indignos!...

— Isto isso e attendendo a que entre nós não ha segredos, vou intermittal-o amanhã...

Bom este Luis Ribeiro é preciso muito cuidado porque é muito nébula, muito fino e gode intrigar-me. Por essa nebulice é que eu lhe chamava o "meu João das Trevas..."

Mas, continuando ainda com o Aguiar e o Maximiano, falou-se da carta do Alberto Maria de Sousa e Costa, do 3.º an.º de direito, transmittida como aquelles dois; era uma carta em que se dava tava contra a inserção do nome do Jaz na lista dos Jazs que adheriram á circular. O Jaz de Sr. Costa que também tem um outro filho a estudar aqui, respondera á commissão que os seus dois filhos eram maiores e nada mais! A commissão de Lisboa, porém, entendeu que isso era uma adheção e não! Lá foi o nome d'elle.

Leu-se também uma carta que vem nas co-

vidados e que parece ter vindo abraçada, porque já me referi a ella: e a carta do Pimentão e Pestana Junior protestando contra os nomes falsos de estudantes; e termina:

«... é fácil concluir a honestidade, a lealdade e a sinceridade de quem anda constantemente a deturpar as nossas instituições e a tentar roubar a unanimidade do nosso protesto.

Contra esses processos, só próprios de pessoas sem honra, como estudantes, protestam, etc, etc...»

E a respeito de reitar, parece que sempre vai á vela. Dizem os jornaes que o conselho de ministros ainda se não decidiu a respeito da sua exoneração e ha quem diga que elle o pediu por causa da descareceração e ha quem tambem diga que por causa do conflito se não resolver como elle julga.

Mysterios...

Coimbra =

= 17 de maio {6ª feira} =

Os galegos de Lisboa, lá foram, finalmente, ao Paço, pedir a regia munificencia, afetar para o mais nobre e bella faculdade do monarcha: e de ferdoar.

Os jornaes d'hoje trazem a noticia mais ou me-

nos circumstanciada. E, na presença deste facto não posso eu esquecer-me a ido dos honraes á presença do rei não é mais um jogo do governo para se ver livre da irritante questão?

Umas corrente muito forte, na verdade, cheis de optimismo, afirma que a amnistia vem, como bandedeira branca de paz; e sem duvida, o João Franco querendo ver-se livre desta histeria dos estudantes — e para o esquecer lá tem a concentração dos garbidos — viu na intervenção dos paes a solução para si mais honrosa.

Não foi elle quem amnistiou os rezares. Não!

— Não! ixo nunca! xas da republica!...

Mas... foi o rei, a quem os paes tão humildemente foram pedir o perdão dos seus criminosos. Sua diabo! elle lava d'ahi as suas mãos, desinteressar-se...

Será isto?... Oh, a politica é uma causa tão danada!

E assim, elle livra-se desta tragédia que lhe tem vindo certamente o nome, embora curto, de egíptico.

Será isto?... E quem não?

Os honraes que foram ao Pazo eram em numero de 14, dizem os jornaes, e a saber:

Dr. Antonio de Costa,

Dr. Castro Freire

Dr. Almeida Serra

Pires Casqueiro

Antonio Waddington

Arthur Lobo

conselheiro Madeira Pinto

Jayme Arthur de Lobo Pinto,

Macedo Arizaga

Antunes de Lencos

Leal de Costa

Fernandes Pessoa

Dr. Ferrnais Cardoso

e Almeida Chaves

Erão ocauzganhados pelo presidente do conselho e o Lobo Pinto leu a mensagem ou representação assignada por 32 ggos seguindo os periodicos e com a adherençã de 528 seguindo a propria representação.

E' um cougrido documento, o que o Lobo Pinto de Bascaes leu ao rei; começa por desculpar os ggos que não responderam á circular:

« Permitti, Senhor, que falemos o V. M. não só em nosso nome mas ainda no de tantos outros que só tacitamente o fizeram e até no daquelles que recusando declarações por qualques motivos conhecidos estão contentos com seus carções de Jaz . . . »

Depois, desculpa os filhos:

« A innocencia e' generosa e ama tanto a justiça que em busca della chega ás veses, a forar injustiças, cega pelo excesso de seus leios e pela feliz cul-

ga de sua inexperiencia ... »

E depois, ainda desculpa o governo:

«... de modo algum queremos remunerar factos que mais quizeramos ver por todos esquecidos.»

Seguindo por varios considerandos chega ao seu fim verdadeiro:

«Proferido o julgamento e sem d'elle haver recurso, só o V. M. no exercicio do Poder mais grato ao seu coração pôde caber o q'ardar ou modificação de se na.»

E por tabella, annexa uma lista ao conselho de decaes:

«... e formalmente o confesso (o commisso) que a pena disciplinar por falta de provas não pode ser injusta pena e uma parte dos arguidos da offensa disciplinar, fazendo-se assim alguma justiça relativa, que feriu entre vez os brios da mocidade academica... »

E no final, ainda assim,

«Pedem o V. M. graça para todos os estudantes e as providencias necessarias para que o anno aca

demico corrente não se seja perdido para nossos filhos...»

Do acabar, o Bobo Pinto, oham, certamente para o rei; mas este não respondeu senão que recomendaria ao seu governo o pedido e que faria tudo o que pudesse.

E partiram com a consciencia de quem tinha cumprido um dever. E vamos a ver o que dá o jogo.

Hoje, fui intervistar o Franço Almeida e respeito do livro que os leões de direito não publicam em sua defesa. Estava lá o polrinho, o Francisco, e este, riendo-se, disse que isso era balala, que de facto se falava na livraria em favor tal publicação mas que isso passou á historia.

— Mas não será impresso na tylographia?

— Não, meu caro amigo; se fosse impresso, eu aqui.

— Bom, visto isso, adeus...

Mas... quem sabe? os honras desistiram por gravarem chuchadeira no caso?

À noite, ~~para~~ falando com o Alfredo Pimenta, e com o plano sobre o caso, o quinquino respondeu-me á seguinte pergunta:

— Pois comeu-o, o Franço!

— O quê...

— Ainda me lembro dia, o Silva; o chefe da tylographia do Franço me disse que era um volume

para cima de 130 paginas! E que não poderis es-
tar pronto antes do fim do mez!

— É boa! então converam-me...

— Pois converam-me. Aquillo é ordem que ha
para não dizerem nada, naturalmente.

— Ora os gajos...

E aqui como os mesmos procedem. A conscien-
cia...

Falei tambem ao Pacheco, com quem fui e com
um gatinho delle, Arruda, ao jardim botanico, ver
cahir a tarde sobre o rio. Falou-me do projecto do
Pacheco em ir fazer o curso de "letras e calçadas"
a Paris; e recalhando a conversa na mesma questao
dizeram-me elles que os desidentes que deram
por feito o seu mandato, dizem que mesmo as-
sim tiveram 217 adherentes.

Estive-me a calcular porque nos fariam muito
adherentes; no entanto, a circular tinha 54 assig-
turas; ha para acrescentar o grupo catholico que é
grande e que não assignou a circular, como fi-
cou dito, para não tirar a força; ha certamente
os mesmos que protestaram nos jornaes e que
não em numero de 40, como se sabe e que não
deixariam de adherir a tão bella resolução; e
ha muito tímido como o meu candidato
abicola Goncalves que generosamente man-
dariam a sua adherença.

Os calculos, no verdade, aproximam-se; não
seriam 217 mas não andariam longe.

Para 1027 estudantes, ha felizmente uma differença de 810.

E por hoje mais nada, alem de noticias nos jornaes que no Brazil, os estudantes de S. Paulo projectavam um comicio de protesto contra a forma como o governo tem procedido contra a academia; e que a respeito do reitor ha quem diga que ainda não está demissionario.

Coinhbra =

= 13 de maio (sabbado) =

Final de contas o reitor, quem foi a Lisboa como diziam os jornaes quem queria a demissão como os mesmos affirmavam. Quem hoje telefonou para a reitoria e foi elle proprio quem lhe falou e quem disse que ainda não sahira de Coimbra quem queria a demissão.

Quanto á abertura das aulas disse algumas que por toda a semana que vem se deviaem abrir; estava tudo dependente das respostas que dessem as faculdades a uma consulta que viera de Lisboa e para o que mandára convocar as reuniões dos leites para amanhã.

Volta a insistir-se no antecijado encerramento de matrículas, na semana que vem.

Quantas ideias tem tido o governo para fazer com que a greve se atole na larua dos interesses?

Ainda um dia, passado tempo, quando se co-
meçar a fazer luz sobre a questão, essa perdida
teimosia do João Franco, e esses miseráveis pro-
cessos de políticos e rufões para furar o movimento,
virão ao conhecimento público; e então se de-
sempolará todo o estendal de virtudes, dessa vir-
tude triunfante, dessa missão messiânica, e
esse raio de luz vingador que Deus mandou à
terra para fazer perecer este gajoz da noite caligi-
nosa da pública administração!

Oh! que grandes cavaleaduras!

Coinbra =
= 19 de maio (domingo) =

Faz hoje um anno que pubrei ao goder o ho-
mem, o Messias...

Esta data que até aqui fazia lembrar a ultima
careta do Saldanha (como me dizia um reformis-
ta da escola do exercito que entrara no movimen-
to) passa para nós, portugueses, a ser de triste
lembrança; reunim-nos essa figura brilhantissima
do marechal glorioso cujas más qualidades porven-
tura desafazecem perante o brilho das suas acções
militares e a impopularidade de sua bella figura, ja
na peregrina um raio de... luz que hontem, em
glauo Tribunal da Boa-Estima, que é a casa da jus-
tica, foi extirpado violentamente perante

uma multidão convergente de gente que via naquillo o maior e mais estrepitoso golpe no regimen monarchico.

Em vez de nos lembrarmos do velho glorioso que venceu Almoráez e as lynchas do Porto nos tempos de ser com Zorán que á nossa memoria scóde o nome desse homem a quem haviam, em feroz tribunal — perante os juizes e perante o povo comendavelmente ancioso — o leite da escola medica Bataucourt Razon chamava — um mentecaflo; a quem o notavel alienista Miguel Bombarda aproximou — de criminoso; a quem João Chagas chamava — estúpido e imbecil; e a quem Antonio José d'Almeida num discurso recheado de um fogo extraordinario, num ancio enorme de justiça e de verdade, dirigiu estas pinceladas glabras de revolta:

— Se este povo, em vez de ser, aliás, de uma reanunciaçã, não estivesse no abismo peculiar em que se encontra, já ha muito que o estadista desastroso teria sido executado na praça publica!

De nada valeram as advertencias dos juizes; as verdades correram ali, ás claras, como uma torrente que se despehe dos montes e que se não pode travar.

Os tribunales então transformados em comiçios; o povo começa a comprehender, começa a ver... e esse estadista desastroso, ainda tão em

belido na "sua Edade-Media", quer por força, que
 te o que custar, travar esse carro triumphal e
 heroico da Liberdade, como quem — dizia ha-
 tem o Antonio José d'Almeida — "quizesse in-
 "gerir o resplendor do Verisimo mettendo-o na craté-
 "ra um rolo de carbão!"

Mas onde ia eu, leitões que venha a tãr!...
 onde ia eu?...

beria por esses carregos da indignação de que
 me sinto possuido ao lembrar-me desse honra-
 fumeiro que hoje, no Mundo, o Arthur Leitão —
 é quem tãr nido o bandeirão do Leitão que tãso car-
 ras dizêsse! — meu relatório medico chama-
 « irresponsavel, louco epilético » e que seria con-
 veniente isolar-o « para evitar mais danos in-
 "dividuos ou collectivos... »

Mas vamos propriamente ao caso.

Sahi, cedo ainda, para ir fazer a barba e casa
 do meu amigo Herememeric Borja dos Santos; e
 quando, estirado numa cadeira, eu conversava
 um pouco com esse bom amigo, entrou o Jadre
Salgueiro, o renomado Jadre Salgueiro, muito
 conhecido já; falou-se da questão e o Herememeri-
co perguntou quasi á queima roupa:

— Oh meu Jadre Salgueiro: o pecher tomara as
 aulas abertas, hein?

— Está claro... Eu perci dos grinucinos e entran-
para ellas...

— Então e grive?

— Grêve!... a grêve!... Eu, por principio nenhum seria pelo grêve. Eu não sou como grêve sempre; não é uma prova de reclamação nem de protesto. Se ha abundantos neste mundo, a grêve é um d'elle...

Isto é textual porque tive o cuidado de o escrever logo, como jornal, apesar de certa desconfiança do padre que farejou cause...

Depois de elle sair e de nos rirmos com zuecos á custa d'elle, fui á Balçada, comignar jornaes e outras noticias. Encontrei o Freitas e o cadellão Figueiredo, do 23; e como já sabia que houvera reuniões das faculdades para responderem á tal consulta de Lisboa, a que se referia o D. João,⁽¹⁾ perguntei o que teriam sido a respeito de tão conspícuas assembleias e o que lá se teria dito...

Nesta altura appareceu o Dr. Euzébio Martins que ia a já para o Bussaco, e ouvido a pergunta responder immediatamente:

— Disseram tantas asmeiras quantas os pechares professores...

E como achasse zuecos, voltou atrás:

— ...multiplicadas por cinco!

Mas a resolução da faculdade de medicina já se sabia: não queria actos nem o numero de aulas sufficientes para se adiantar alguma parte do perdido.

⁽¹⁾ Ver pag.^a 261.

As perguntas, enviadas á reitoria, para serem
presentes ás faculdades foram as seguintes:

1.º: As matriculas podem ser encerradas des-
de já para se proceder a actos e exames finais sobre
as materias leccionadas?

2.º: Se o conselho julga necessario um periodo
escolar antes dos actos, devem as aulas efectuar-
se segundo o regimen de cursos livres?

3.º: Attendendo á differença de indole das diver-
sas cadeiras e á extensao dos programmaes que se
são desigualmente leccionados, deverá ser unifor-
me o regimen estabelecido ou ficar ao arbitrio
dos professores a abertura e a regularisação dos res-
pectivos cursos? »

Até, chegaram os januaes. O Mundo faz es-
candalo com o relatório medico do Leitor; toda
a gente se agarrava com o resultado das audiên-
cias para julgamento dos crimes de imprensa;
todos — menos os franquistas — lançam o
mariz...

E a respeito da questao academica dizia por
exemplo, o Lucta, que ella parece estar no seu
terreno e que o decreto de amnistia vai ser la-
zado; mas o Illustrado, o orgão, desmente:

« Essa noticia é inteiramente destituída de
fundamento. O governo mantém, na questao

academica, « attituda que já por muitas vezes
definiu... » [Do dia 19 de maio].

Será ainda o franquismo a fazer o jogo? O Se-
culo enumerava os boatos e dizia que embora o
João Franco não quizesse, seria o rei que « usando
das suas prerrogativas » o levaria á publicação do de-
creto da amnistia, « tudo já á proximidade esmagada
no real... »

Que diabo de tralalhada é esta? Que o rei quer,
estou convencido: era tambem um joguinho;
mas o Ilustrado, o orgão...

Foi então que perguntei ao Freitas, abertamen-
te, o que elle patria da questão; e jarricando até
á Sofia fazendo horas para elle tomar o comboio
para o Luso (onde ia passar a tarde) elle disse-me:

— Com franqueza, eu nunca liguei uma gran-
de attenção a este caso... Soto está a parecer-me que
se resolveria facilmente, logo no principio, mas
deixaram crescer... crescer... E depois, sei vejo bem
que a questão atravessou do Mario Monteiro...

Atti pallei eu; e então, expondo tudo quanto
havia a respeito d'elle, mostrei a falsidade dessas
afirmações piangosamente para ridicularisarem
o movimento; expuz a situação do Mario na co-
missão, a nenhuma interfeencia delle nas deci-
sões; a toza que lhe faziam quando elle profunha
cousas innumeraveis.

— Olhe, meu major: elle tem misto uma cousa:

gestou a casa para as reuniões e no fim de dois meses de se nocarem zelas cadeiras e polhas o homem tem de comprar mobilia nova para a sala... Ah! tem, não é criz, a interferencia real do Mariz Monteiro na questão academica: sacrificou a mobilia...

Elle ri-se; e em então, agroveitando a sua docilidade e a impressão convencida que lhe deixou o que eu dissera, exjuz-the um certo numero de cousas, como a carta do conde de Villa-Real, a interferencia da directora do "collegio de Santo Izabel" que é uma jesuita, de mãos dadas com o Luis Maria de Silva Ramos, e certamente, com algum circunlo do José Lobo.

Elle ouviu e disse-me zansadamente:

— Você sabe que eu afrecio as cousas sem politica apesar de politico: mas o João Franco tinha só dois caminchos: fechar de vez a Universidade sem mais explicações e mandar abrir manufacturas em outubro ou dar a amnistia. Isto é uma opinião de commandante de 1º de 3º: eu não sou não!... Mas é assim que eu faria. Agora andar á esgana, a querer furar isto...

— E ainda o meu major não sabe muita coisa!...

— Sei, pai...

E zorando, com ar confidencial:

— Ora veja você: o José Lobo ha tempos me mandou-me chamar e zerguebou-me se eu tinha

devida em fazer distribuir na cidade e arredores a circular "dos zógar" de Lisboa; eu perguntei-me se queria a distribuição oficialmente e o homem não gostou da pergunta, disse-me que era uma coisa que me zedia... Eu então, como era um favor, no dia seguinte, chamei o Mesquita, o dono da agência funerária e encareguei-o de fazer a distribuição porque têm lá gente habituada a distribuir os convites dos enterros e conhecem essas casas todas por ahí...

— Não achado...

— Depois, perguntei-me quanto custava o serviço. Disse-me que dez tostões; eu fiz um dez tostões e dei-me... Assim, vá lá; mas sujeitaram-me ao que os outros administradores se sujeitaram, mandando os officiaes da administração e cabos de policia, e no dia seguinte, mandando zela resposta... isso não! Fique você sabendo que o não fazia. Por isso é que perguntei se o governador civil queria a coisa oficialmente.

— E quem mandou a circular para o José Lobo?...

E olhando para os lados, como quem confessa uma falta:

— Foi o João Franco.

— E dizem que não foram politicos?

— Por isso é que eu não tenho ligado uma grande attenção ao caso. Não não me como devia ir, meu alferes! Mas que quê?

Galou-ne também do Bernardo.

— Elle não tem andado bem misto, meu major.
É aquelle declaracão no seu organo...

— Eu tive conhecimento della; elle mostrou-me
e disse-me que não fizesse tal, que era uma armadilha
que não fosse javo... Mas lá mandou, e bem cam-
brou nenhuma verdade.

É o que se contou:

— Você já me conhece e sabe que eu afrecio pen-
que as causas, independentes da Jolítica: o Bernar-
do não andou bem; assim como esta causa que
vem nos jornaes de publicação o D. João d'Alar-
cão pelo Brazil e Javo!

— É verdade... vem hoje nas noticias...

— Mas veja que enorme armadilha! O Brazil e
Javo que nem sabe são uma gravata!... Um la-
brago... Imagine você que é um homem que só
usa botões d'osso no colar!... É isto é que ha-de in-
publicar o D. João num cargo de representação
como aquelle!

— Mas é um franquista de... burro!

— Deixe correr... deixe correr... Você verá onde
isto vai dar.

— Sei-de ver, se Deus quiser...

Mas eram horas do comboio. Tamos no largo
das Neves quando se sentiu uma badalada na
estacão. Dardedi-me; elle aressou-se logo a gare
e d'ahi a pouco o comboio seguia, levando o Frei-
tas, um Jolítico que não é Jolítico, e cujo unico

defeito, é na verdade, o que diz o Floro — ser franquista.

Soltei para casa lendo os jornaes. No independente Illustrado achei uma local referente ao caso de, hom. tem, o Agostinho Fortes ter dito no julgamento da Boa-Flora que o partido republicano nada teve com a questão acadêmica; o Fortes é membro do Directorio do partido e acrescenta o independente organ:

« Mas se assim é, porque não fez o directorio, em nome de todos os seus membros, a declaração que tanta vez lhe sermo pedido? »

A declaração de um só não serve.

Declarem todos, todos... »

É uma lição ao Bernardino...

É por hoje, nada mais.

Coincência =

= 20 de maio (2ª feira) =

Sahi, apesar do calor, para ver nos jornaes o que houvéra haubem no comicio dos desideres do Aljoim para protestarem contra a ditadura dos franquistas. Afinal, não houve nada... Só me deu no gôto o discurso do visconde de Ribeira Brava continuamente cobrado de ataques e que disse coisas do diabo: faltou-me — o que não ficava bem

à sua qualidade de titular — dar um viva à re-
publica.

Logrei conhecido algumas causas, deano conven-
na que tinha com o Ernesto de Miranda.

Este fiel amigo dos Gaiões e actualmente fiel
amigo do governador-civil, antigo revoltado contra
a desigualdade social, continua na peça, de brogar
a questão e dar-lhe por todas as formas um arge-
cto ridiculo.

Falou-se na violencia que vai ser se — quando
mandarem encerrar presbiterias, antes das aulas,
se as houver — fizeram sair os rapazes, de Boim-
bra, desde que não assignem o terreno.

Elle não desmentiu e em certas circun-
stancias fiz-lhe ver um certo numero de causas. E ter-
minei assim:

— Eu não encerro presbiteria; o reitor manda-
me sair de Coimbra e eu não vou, não tenho que
obedecer ao reitor. De certo, corre logo um archivo
ao general-general; o general não resolve o caso
por si, consulta o ministro... Ora pergunto-se:
o Vascoscellos Parto quer-se-ha a isso, isto é, a
transferir-me a residencia?

— Bem feito... era bem feito...

— Sim, não ha duvida. E muito bem feito.

— Pois os senhores não veem que o governo é
que não tem nada a perder com os senhores zer-
darem o anno?... O governo anda a favorecel-os,
anda a favorecer os mesmos... e afinal tudo is-

to é mancha em flocinho de cão... (textual).

Está nota de textual seria escurada se eu não quizesse notar com mais força a frase; tudo o que aqui digo é exato.

Eu continuei a discutir; mas não ha nada fazer, dizia o padre Vieira (creio eu) do que uma consciencia enfeudada! O governo quer furar a gráve, quer induzir os rapazes a um acto indigno para... para quê? Para bem d'elles, rapazes!

Aquillo é que é benevolencia!

No entanto, algumas cousas ganhei com a conversação: foi o ven que não foi desmentido que o Dr. Luis Maria da Silva Ramos com a directora do collegio de S.^{ta} Isabel andassem a augurar as taes assignaturas já referidas; que o governo tem feito politica com o caso; que tem empregado a sua gente para conseguir furar a gráve, etc, etc. Elle ouvia e não desmentia; a resposta era sempre:

— O governo é que é prejudicado... é mancha em flocinho de cão...

E outras cousas que são confissões verdadeiras.

Eu cheguei mesmo a dizer:

— O seu conselheiro sabia de tudo o que se passava nas pessoas da comissão; e tinha conhecimento — se é que não investigou — do augmento de assignaturas para a tal desidencia e irem ás aulas logo que ellas abrissem. Ora diga que é mentira?...?

Elle, lá no intimo admirado da minha firmeza.

ção, teve um encontro d'homens e responderam afeg-
mas, como nascido:

— Galvez...

E a conversa continuou até que elle foi para es-
sa e eu tambem parti á alta, lendo os jornaes.

O Lucta traz um excelente artigo de fundo acer-
ca dum voto de retribuição exarado na acta de
uma sessão da Academia Real das Sciencias por
a camara do Porto ter encerrado um laboratorio de
chimica que nada servia para nada; foi em consequen-
ta o facto de a respeitavel academia ter acordado
por esse phenomeno escandaloso e o não ter ain-
da reparado que vai para tres mezes que as esco-
las superiores do país estão encerradas, ella que
segundo o artigo de Brito Cavescho « é o symbo-
le da sciencia nacional. »

É na verdade um facto curioso: nem um
olhar conjugado lançou para a estultez do go-
verno...

E quanto á solução do conflicto, nada. O mes-
mo Lucta diz:

« Quer-nos parecer que se está fazendo com a
questão academica um bluff vergarhoso. Por
um lado procura-se tornar symbolico o rei,
dando-o como inclinado a uma solução genero-
sa; por outro lado procura o governo conservar
ao péu disfarçar um pretextó para justificar a sua
preza... »

É a rejeição do que hontem disseram os patrios cathedraes só se lê que — uns dizem que podem ir a actos; outros — como os de medicina — dizem que não.

De noite vi o Alfredo Pinheiro falando com o Alvaro Basto; depois perguntei-lhe o que dissera o mestre...

— Diz que vocês já podem ir a actos com a matéria dada.

— O quê?! mas nós quasi não demos nada!

— Mas que diabo quer você? Se elle é mais franquista que o proprio João Franco...

Mas no Seculo vem uma noticia mais circumstanciada: a faculdade de theologia e a de direito entendem que é contra todos os principios pedagogicos fazer actos só com a matéria dada; no entanto, attendendo á anomalia do anno escolar, aguardáram (e naturalmente acatam) sobre o caso, qualquer ordem do governo.

Não foram elles theologos, e não foram elles os provocadores do conflito!

De noite encontrei outra vez o Ernesto de Miranda; continuei a perguntar-lhe, e de repente perguntei-lhe:

— É verdade! o que ha a rejeição do Ararijo e Jans para reitor?

— Parece que nada ha.

— Pois está me a parecer que seria tólica...

É o Ernesto, exultando:

— É um taloço!

— Mas olhe que é franquista...

— Qual franquista! Anda sempre com os beiços e o membro rijos de azeitão!

— E então...

— Aquilo éira-se ao bacalhauzinho e não use guardanapo.

— Esse é de grimeira ardida...

É depois, quando, o pobre Ernesto, teve mais esta confiança:

— É uma coisa que eu tenho notado desde que o conheço: é que traz sempre na gola do casaco, do lado esquerdo, um cabelo de mulher...

— Oh!...

— Olhe que é verdade; todos os dias...

— Todos os dias? Isso é porque é o mesmo!...

— É não usa uma escova...

— Sei lá!

Estes franquistas não ofendem.

É assim vai recheando este diário de casos zicarescos que de certo farão rir os meus netos, se os tiver...

É não merecerão serem assim archivedos, bem guardados?...

Coimbra =

= 21 de maio (3ª feira) =

Hoje, que falta de notícias! Sali de dia, sali a noite. Mas quê? Não trago para casa e mais insignificante nota para o meu caderno.

Uma governa terrível, se não contarmos com as opiniões dos franquistas... que essas são e pelo-had sempre de uma gálgante actualidade.

Os jornais não adiantam. Quartel general em Alentejo.

A unica coisa nova é um manifesto do Publi-
co ("arrigado pela Federação das Associações Ojerá-
rias protestando contra uma local do Tribuna Co-
gular em que dizia que algunos ojerarios e artistas de Coimbra não tendo mais de ganhar dinheiro por causa da crise que a cidade atravessa, iam para os arredores trabalhar.

Disse-me o Machado, familiar, que o seu autor é o ojerario Jeremias Goetho Bartholo e que, tel como elle foi aprovado pela Federação estava com certa violencia. Na typographia, Joreu, o José Pereira da Cruz li arranjou a coisa de modo que lhe tirou a parte mais violenta.

— Tirou-lhe o metter! disse-me o Machado.
E assim, o antigo anarquista, o homem que

(1) Masso III - 48-2

se convergendo com Hannon, trata de amplificar
o grito sincero do operariado ofendido!

Ha cousas...

E de resto, tudo depende da sabedoria do governo
a decisão do conflito...

Isto, afinal, já não acaba bem. Eu até já disse
ao Alfredo Pimenta que havia talvez um remédio
eficaz contra as desidencias, contra os protestan-
tês, contra essa cambada toda: o verdadeiro reme-
dio português, que, se não convença, jeto mesmo
contundo: a bardoada, o muro!

E' chegar-lhes!...

Coinbra =

= 22 de maio (4ª feira) =

Enfim hoje chegou um raio, e nota officiosa do
Diario Ilustrado, com a noticia completa da notici-
ra infame, cumulo da audaciosa témorisia frau-
quista. Diz elle:

« A assignatura regia de auxilio não os decre-
tos relativos á compra de material naval e á ques-
tão academica. Neste ultimo manda-se encer-
rar rubricada para realisação de actos que serão
precedidos de aulas em cursos livres nos seguintes
faculdades. »

isto ler isto, é revolta — porque só a morte páhi —
 eu não vi não sei o quê que me obrigaria; era vinda-
 de a triste poluição, e sei que o João Franco con-
 seguiu descontinuar por entre as oscilações do seu
 cérebro de epilético.

É então a ver essa gente sem escrúpulos entrar
 para as aulas ou entrar para os actos, comritamente,
 humildemente, porque enfim... porque é um
 anno gálico.

Como tudo isto é triste!

É depois, pergunto-me: se eu não fazer matricu-
 la, esperando o acaso da amnistia, quem me
 dá os vinte e tantos mil reis que eu gastei — por
 que de certo não vou ás aulas nem aos actos se
 ella não vier para os expulsos?

Mas, se eu não fazer matricula, e depois
 vier a amnistia quem me admitta á frequência ou
 aos actos?

É um dilemma que o João Franco ou quem
 quer que seja não offerece para que todos façam
 matricula, comritamente, pois que depois maior nu-
 mero haverá dos que não estão, não só para fer-
 der o anno, como — o que é mais — para perder o
 seu dinheiro, o seu rico dinheirinho...

O Euzébio tinha razão; julguei bem o que ella
 disse mas afinal tinha de ser verdade.

É ao publico que se dá o espectáculo triste de
 baixosa moral de umas duas centenas — não se-
 rão mais — de estudantes da Universidade.

E agora, demais e mais, um facto novo veio complicar o caso.

Quando o governo mandou fechar todos os estabelecimentos superiores de ensino, deixou abertas as escolas de Bellas-artes e Elementares de Commercios de Lisboa e Porto; ora os alumnos destas escolas continuaram em greve e ultimamente, attendendo a isso, os respectivos conselhos escolares deram-nos como tendo perdido o anno.

Mas, imaginam-se lá esses jovens esgarancados que em obediencia aos centros catholicos, aos Salas franquistas, e aos interesses immediatos, se recusam a reconhecer o principio de dignidade, de unidade de caracter que distingue os honras e goza fazer delles alguma coisa!

Só a mimso, na verdade...

No Lusitano, entre os rapazes, havia uma certa excitação pelo facto; mas tudo aguardava os acontecimentos.

Fui então ao Meuro Marques, livreiro, pedir-lhe que me guardasse um volume do livro de Camillo Lima que ainda não deve apparecer á venda; como como que não sei por onde se encontra, fiz o seguinte...
 ...

Na livraria estava o Aguiar, o vario Aguiar; e como tinha no bolso alguns jornaes do dia, convidi-o a acompanhar-me á alta, procurar o Pacheco, consultar o arsculo Pacheco e ler-me as noticias. Elle accedeu e seguindo-jos tambem...

as ruas ingremas, nós chegámos à rua do Bon-
ratho, e da rua Jodinos a competente audiência.

— Queiram subir...

É veio abrir a porta.

Lá em cima, no quarto, depois de bróca de in-
gressões, gerenciamos os januaes.

A Lucta Thesia um artigo engraçado do Brito
Causcho acerca das resgostas das faculdades e as ju-
guntas do governo com respeito a actos e aulas;
(como aqui foi dito a p. 266) e como as resgostas
foram desregadas, comecemos:

«... as faculdades são como o equilibrio me-
nuel de estufidez e da pubseriencia não se estabe-
lece tão facilmente como o equilibrio menuel da
temperatura nos recipientes fechados.»

É termino por uma grada do Thesis:

«— D'agui para o futuro, para evitar estas coi-
sas, hauemos de comecar as aulas... fazendo actos.
E concordáramos todos.»

Depois temos umas adhesões aos estudantes
do Porto que veem no Mundo; comuncámos a
attitude ~~de~~ da Escola medica do Porto
identica é dos theologos e juristas de Coimbra; e vi-
mos com prazer que o Medico de Lisboa responde
«dizendo que os exames immediatos seem mais

" frequencia equivale a um gendão d'actô que o
 " governo não tem o direito de dar por intermedio
 " dos professores ou equivale a uma hecatombe que
 " os professores se não queriam a fazer por conta do
 " governo. »

É que lá o caso é outro: o Dr. Bombarda, o Au-
 gusto de Vasconcellos, o Beltrameant Magoso, etc,
 não são o insucesso Pitta, o doido Galixto, o calmo
 Nosis, o meu Quiteria Mercino, o paucista
 Reis. Sempre é outra gente.

Falamos em boatos desencantados que por ali
 correm, mas dentro em pouco a conversa cahiu
 nos domínios da variedade.

O Pocheo, jansadamente, falava em ir para a
 ilha no dia 5; ia-se embora, visto não fazer nada
 por cá. Sonhava vagamente no Escola de Paris
 e Galaxias de Paris, cujo regulamento mandára
 vir.

— Sua de resto, eu não tenho ambições... Todos
 os meus sonhos de grandeza se resumem em bem
 pouco... E quando olho para ali — e agarrava
 uma ximtura das "Sete cidades" da sua ilha natal,
 S. Miguel — começo a pensar se ainda ali não
 irei ficar, no circo dum outeiro, longe da civili-
 zação que eu odeio...

— Oh!...

— Não. Tenho horror á civilização. E agora que
 li esse diabo do Germinal — e agarrava com um
 leuante de poltracelhas para o volume de Tolá —

como mais honrar me fizerei... Eu pinto-me crismei
 morto ao ter aquelles honras. Um moirão, um
 singel moirão no alto dum arbore, de onde cor-
 ra a agua para a roda andar, reunue todos os
 meus sonhos de gloria...

— Moiteiro?...

— Primeiro formarei o meu arquite, estudarei
 hei-de ler muito; depois, o moirão solitario, um
 cão de guarda, um burro para os sacos de fari-
 nha, umas galinhas em volta, e a agua a esgoda.
 mas no rodizio...

— Que poesia...

— Ficaria então alto para observar, para ver
 a natureza, para commentar os factos; mas sem
 relação com a civilização porque nada queria com
 ella...

— Exceção com o França Amado — observou o
 Aguiar, o genio transmontano — para infringir
 esses livros revolucionarios...

— Não, homem! Para que lês eu e estudava
 antes de ir para o meu moirão das Sete-cidades
 para poder cantar como o mundo civilizado?
 Não lês livros nem escrevia livros... Aqui tem
 o meu ideal... Eu tenho honra aos symbolos; e
 um d'elles, para mim insubstituível, é o simbolo-
 dinheiro. Queria viver com o sustento physica-
 mente necessario, mas nada mais. Para que, o
 megalha?...

É o Aguiar commentava, jansodamente:

— Bom que então ... além do moirão, funcio-
nava também esse rodizio da cochinção fabrica
do farinha do esgribo...

— É um verdadeiro colhão, homem!

— Ues verdadeiro jumento...

Mas eu então conheci:

— Pois eu, caro Pacheco, se não vou tanto a
um fim anarquista, aproximo-me um pouco...
Imagino um pibio alto, com horisantes largos, e
uma cara terra, com escadas algeandradas, for
aude trezau, enroscadas nas columnas, reunidas
trezadeiras; em volta arvares de pombeira; a casa
com grandes janelas e uma grande varanda
voltada ao nascente; num conglutinamento, a
minha tinaria infileirada e... algum conforto:
uns moveis de bric-à-brac, uns quadros; e ter
tambem um cavallo forte que fosse jano pium
um conglutinamento, mas manhas claras de terra,
quando a neve se derriga...

— Mas isso não é anarquismo! Isso é jaria
e conforto!

— É eu que terra? Zerguentavam

— Não tenho lugar destinado; mas — e mudo-
no de terra — num pibio aude jassimo forte... um
linha terra.

— Isso temura, disse o Pacheco, o d. Jacintho
na terra de Torres; fugia da civilização mas
perre e queria ao seu serviço...

— Sim, meu deus. É o diabo do conglutinamento.

dada... É certo também de uma estação telegraphica. Estão como o mesmo Jacinto: pode ser necessário chamar algum medico...

— Então assim, meu caro amigo — digis-me o Pacheco — não me vá visitar quando eu for meu leito: o meu amigo afanecer-me-hia como uma creatura sugar-civilizada. Eu, um moleiro anarchista, a receber um homem que se serviu do carricho de ferro, do telegrapho, que tem em casa Eric-d'Eric, e veste-se de kiki amarelo! Não, não vá lá...

Mas o Aguiar que tudo isto se viu calado, pediu-se então:

— Que diabo! vocês estão a fazer-me zate... Pois eu quero ser arrieiro! Vou fazer os Desses, levar o mesmo candidato Nicolau, fazer besta da carga, e vou servir aqui o vario Pacheco. Isso vai ser bom! Dois engenheiros civis: um moleiro e outro arrieiro.

— Cathán!... digis o Pacheco, jurando pelo cathello encarcado e riço do Aguiar. É o mesmo um cathán!...

— Como o que o meu irmão mandou d'África...

Mas eu, que tenho ouvido varias referencias á historia do cathán. É o Aguiar contou então que um irmão medico que elle tem em Africa, no Pungo Andongo, lhe mandára como encomenda uns jogos de cathãos dos celebres rochedos do rito

para elle estudar a sua constituição, etc, etc, etc.
 e terminava dizendo que poderia servir mes-
 mo para uma dissertação de mineralogia. As
 pedras vieram, muitas encomenda, com o re-
 sultado por fora: calhán; no alfandega aquilo está-
 cou; os homens do fisco cheiraram, farejaram, ca-
 riubaram, mexeram e remexeram; mandá-
 ram dois avisos e só ao segundo o Alguazil man-
 dou rebirar a encomenda. Mas qual é o seu es-
 tado quando lhe veem cobrar 352 reis de direi-
 tos alfandegarios!

— E gaguei por um calhán do Pungo Andom-
 go 352 reis de direitos!... Faça favor, vario Pi-
mentá, de expor no seu diário um voto de
 censura contra as roubatheiras do fisco...

Wistó, na terra de Uuiverridade, sou a meia-
 noite; tres horas se passaram amenoamente, e
 luz de um candieiro de tres bracos. E o Pacheco é
 desgedida, lembram o seu moinho, o que fez-
 cou que na rua o Alguazil me disesse:

— Bado rey me enteneço mais por este Pa-
 checo... Esta ideia do moinho, palavra d'honra...

E quando, fór-me a mão no hombro e con-
 cluiu

— Sempre lhe digo, vario Pimentá, que o ho-
 mem é gasta!...

Coimbra =

= 23 de maio (4ª feira) =

Consegui finalmente encontrar o meu querido João das Regras, o Luis Ribeiro em casa, onde falei com o José Taveira de Carvalho, a quem elle me apresentou.

Está zozura, sahira logo; e eu então pedi-lhe desculpa de lhe ir tomar tempo com aquella intervi-sta...

— Não, não tome tempo. Como o sr. Belizário não está em arremações, fale-se em actos, começo a esquecer os livros redgebrivos... Não sei se sabe que já veio o decreto...

E disse-me a letra do decreto.

— Bem, respondi eu, não temos nada feito... Perdi o anno. Mas vamos á intervi-sta, illustre João das Regras, consigamos honrarem de sciencia...

E sentamos-nos; elle, numa poltra improvisada num angulo do seu quarto de estudo, por debaixo duns retratos de Wagner; eu, a uma mesa redonda, em frente d'elle, com papel e caneta de escrever.

O Ribeiro jorou d'um cigarro, traçou a zozura, numa real attitude de intervi-stado e começou:

— Olhe, sr. Belizário: eu não me metti na questão, mesmo em nada, e principalmente por causa da syphilis... Como sabe tenho sopido

horribilmente; a syphilis... eis o verdadeiro motivo da minha inação.

— Pois você passava por morrer tudo, por detrás da cortina dos derridentes...

— Dá-me licença que lhe escreva uma carta nesse sentido? E faça della o uso que quiser; faziam-me até favor em me defender dessa acusação. Conhece o meu feitio...

Eu, na verdade, nunca ouvi dizer tal coisa do Luis Ribeiro; insinuei isso para o obrigas a falar. E eu estava com interesse em saber se de facto elle estava catolico. Cheguei a dizer:

— Pois isso foi-me affirmado...

E elle respondeu com certa vehemencia:

— Não quero saber quem foi, mas ergo que me defenda fiado no que lhe vou dizer e fundado na carta que lhe enviarei

— Os seus ardeus...

O protagonista recubria. São nebulas, mas tam bem cabem. E continuou:

— Eu agradeio a questão academica talvez pelo verdadeiro lado; ha man de parte a parte e ha pouca razão de ambos os lados. E no fundo da questão ha tres causas fundamentais: cabula, reclame e jolitics...

— Offineno! vai uma verdadeira interview!

— ... cabula, porque no primeiro dia de greve, a 8 de abril, perto de 300 rapazes perderam o emprego; não sei se me faço comprehender e se

a siuegla yhrase alcança a inbunção. Reclame, Jorgue se faltarão de falar em dignidade, em consciencia, em brio, em solidariedade, etc, etc, as quatro ventos! É politica Jorgue vi o discurso do Bernardino em Belem...

— Você não yrdõa ao Bernardino...

— ... Jorgue sei das reuniões republicanas no centro do largo da Freiria nas vergens da greve ás quaes foram cadetes... Jorgue vi o Galé de Jolai nas "Zelos espis, com os rapazes, Jorgue... vi muitas cousas mais. É gôde assentar no seu diario que o partido que mais tem explorado o caso é o partido do franquista... Tenho yrovas...

— Pois venham ellas!

É elle agontava triumphante para uma gaveta da secretaria.

— Ora, antes das ferias de Paschoa, quando se preparava a greve geral para o dia 8 d'abril, eu fui convidado para um comité secreto que tinha por fim furar a greve. Euem me fez o comité foi o meu condiscipulo Antonio Nunes Tricca e o tenente Prose que o senhor conhece...

— D'ambos. O Tricca foi ser gatuano, ylo me nos assim m'o tem affirmado, agora o Prose...

— O Prose é um grande filho de Fey-me uma gartida quando foi da reconstrução do theatro academico que define um caracter. O facto da re-

⁽¹⁾ O visconde do Armeal.

construção do theatro era o mesmo; bem nê que o theatro academico tem as honras de uma utopia, mas a garbida foi bem real... Bem; mas eu respondi-lhes que não, que queria proceder conforme quizesse, seguindo o meu modo de pensar, e acrescentei-lhes que não tinha muita confiança n'elles... Edo mesmo tempo recebi cartas de varios condiscipulos, que eu ali tenho — e agouava a gaveta fatal — falando em furar a greve, em consciencia, em dignidade, etc, etc, mas tudo tendente a combater o movimento de protesto e de intransigencia da academia. Estão ali...

— Cartas aderidas...

— Tenho jaciencia, mas não th'as dou. São cartas pouco boas, mas eu quero ser mais do que ellas...

— Mas a verdade historica, honorem!

— Não esteja a tentar-me... Respondi sempre que faria como entendesse, o meu procedimento seria de completa liberdade. Paralelamente fui convidado pelo Mario Monteiro para a comissão que ali funcionou e não aceitei tambem porque não me queria ralar. Chegou o dia 8 d'abril e eu mesmo de casa sahi por causa do pythia... Aqui tem o meu amigo a parte que tomei; se fosse lá fora, iria á aula se visse ir uma grande maioria, mas noutro caso, não. Infelizmente mesmo; passava os dias estendido aqui e sabia o que lá ia porque se juntavam cá em casa al-

quero amigos, como este José Taveira, o Garrett,
o Emydio Lima, o Barreiros Tavares...

— Ora essa camarilha é que o compromete...

— Mas othe que algumas me referiam o que lá ia
fóra e não se discutiam os acontecimentos; vi-
riam dar-me as novidades, pormente. E estes são
bons rapazes... Othe: este Taveira é uma joia; o
que lhe fizeram na comissão foi uma maldadi-
ce; é rapaz que não está habituado a discutir, que
não sabe falar em publico e lá, é claro, agitado je-
lo rabular, metter os pés pelos sapatos. Tem ainda
do misto do boz-fé, creia.

— Mas o Barreiros Tavares... catholico...

— Sim, é jesuita; mas othe que é um dos jou-
cos jesuitas serios que conheço...

Estas duas defesas são características. Uem,
porque não está acostumado a argumentar (e no
5º anno de direito) o outro porque é dos poucos je-
suitas serios!

O Luis Ribeiro tem ás vezes destas cousas; é
confuso na maneira de explicar. Quero enen na
boa intenção em desculpar condiscipulos mas não
tenderá elle mais jaro lá?...

Eu não deixei de lançar a ironia:

— Essa phrase é boa...

— Mas othe que também cá viuham o Bicu-
do, por exemplo, que é intransigente, o Correia
Mendes (Alvaro), intransigente, o Emydio Lima,
intransigente, e outros que nem são uma cou-

na minha obra, ou antes, não uns pobres diácos
como o Eugénio Pessoa, do 5º anno de medicina.
E assim se passaram uns dias; alguns raios
começaram aahir de Coimbra, como pó; e um
dia veio para os jornaes a noticia e constou ser
ahi que a Universidade se fechava ⁽¹⁾ e que haveria
actos a seguir. Não ^{sei} se se recorda...

— Muito bem!

— Pois no dia... no dia... — e levantou-se a
procurar sobre uma mesa atalhada de livros, um
folhetim em forma de linguado — no dia 14 de
abril, li no Diario de Noticias a nova de que a
academia resolveria não ir a actos. Fiquei-me a
olhar e escrevi a seguinte carta ao meu condisci-
pulo Graujo e que o Sr. João levar para casa e
colgar no seu diário. E faça favor de a ler porque
eu gosto das causas claras.

Eu então, traçando a Jesus li a seguinte carta:

14. abril - 907

«Acabo de ler no D. de Noticias uma declara-
ção da comissão de Coimbra, em que se diz que
ninguém requererá exames se for neste senti-
do a solução que o governo der ao conflito.

«Eu estou na disposição de continuar a man-
ter-me na mesma reserva relativamente ao
nosso compromisso, para poder deliberar confor-

⁽¹⁾ Ver o dia 14 d'abril.

me as circunstâncias da ocasião. Se um grupo numeroso de condiscipulos nossos requerer exames em talvez os requireira tambem porque entao não pou eu que vou individualmente contrariar as resoluções da academia mas ponhebo por a salvo os meus interesses.

« Nunca fiziquei actos meus foy declarações que estijam em desacordo com este meu procedimento. E' isto o que entendo dever declarar e comisso não pó' for obediencia aos juizios de lealdade para com todos como aos da amizade que me liga a alguns dos meus membros.

« Podes fazer desta carta o uso que julgares conveniente.

« Desculga a máxada e recebe um abraço de teu muito amigo e obrigado »
(s) Luis Vileiras »

— Ora diga-me a sua opinião...

— Sim... bem né... voce nunca entrou em nada... teve a pythia...

Sus diabo! um homem é um homem! diz uns coisa, mas só uma vez... Agora diz que sim, que é conforme, que vamos a ver as circunstancias... não gosto!

Elle continuou:

— Nove meses dia, já depois de mandar essa carta ao seu destino, recebi, poriaem 5 horas da tarde, um telegramma de Lisboa, do Pinto

Coelho em que me fazia para eu angariar assignaturas para uma declaração anti-jerista, como o fim de o governo tomar uma deliberação. Eu andava doente e bastante; não estava para nada; mandei chamar o meu condiscipulo Luis Goncalves e entreguei-lhe o telegramma para elle procurar conferenciar-me acerca e escrever a seguinte carta ao Sr. Coelho...

E voltou o linguado de papel e entregou-me'o.

— Aqui tem a parte que eu tomei no movimento anti-jerista... Ora faça favor de ler.

Eu li então esta outra carta, dirigida ao Sr. Coelho, ~~em~~ quintanista de direito:

14 d'abril de 1807

« Não podendo sair, devido á minha doença e ao tempo chuvoso, mandei o teu telegramma ao Goncalves para tratar do caso.

« Vais elle ser comigo, discutirmos e juremos nos não couvir o desmentido de modo algum. ⁽¹⁾ A cidade está deserta de estudantes para se poderem obter de prompto bastantes assignaturas. Com um reduzido numero dellas será o desmentido mais pernicioso do que util e esgarará os pignobários a odios e ridiculos. Os escambocinamentos estabelecidos se precipitando e conflitando por forma que ninguém, seguindo me acerca, poderá dizer hoje

⁽¹⁾ Era um desmentido ás tentações de não ir a actos.

com firmeza o que fará amanhã. Medita sobre o caso.

« Eu, discutido elle e bem zurrado, não quero exor-me a tal situação no q' eu que as cousas se acham.

« Teu amigo, etc., etc.

(2) Luis Ribeiro »

Chama-se a isto fugir com o rabo á perseguição...
É que perfidia que ella encerra!...

— Aqui tem a infima parte que tomei no movimento anti-grevista; foi entregar o telegramma ao General... De resto, elles reuniam-se ali em casa, conversava-se e digo-lhe mais: foi lá em casa que se falou o grupo Barreiros Tavares... É elle que eu soube - o sr. de J. e meu me indignar-sei com isso.

— Oh diabo! mas a sua casa fica histórica!

— É' como vê... e como lhe digo. Um dia appareceu ali o Sergio Galvão que nós conhecemos muito bem...⁽¹⁾

— De gingeira!

— ... e esteve ali naquella sala conversando muito com o Barreiros Tavares. Como lá estava tudo ás escuras fui já pôr a mesa um pouco e elles continuaram a falar. No dia seguinte estava lá reunida a mesma gente, mesma reunião he-

⁽¹⁾ Defendeu théses honorem e anti-honorem [29-VI-910]

térogeneas e reunia conversos igualmente heteroge-
neas, quando o Sergio Calisto me veio pedir a mi-
nhu casa para nella se reunir um grupo de resis-
tência, o tal grupo que ficou conhecido pela desi-
gnação de "grupo Barreiros Tavares". Eu disse que
não, que me não importava de elles se reuni-
rem aqui para a palestra, mas para outro fim,
não. E o grupo foi reunir então para casa do
Feliz Ferreira Henriques.

— Oh que bisco!

— Não ali para a Bouraga... Ora o resto sabe
o meu. O que lhe digo é que o meu amigo Sergio ~~me~~
sabe um grande malandro; e como sabe, depois
de elle andar entusiasmado nesta causa foi dizer
para a comissão, a existência do grupo... E o Bar-
reiros teve de continuar no trabalho para que não
dissersem que recuava por medo... Disse-me o et-
le aqui.

— É dos jesuitas serios, não há duvida...

— Agora do meu amigo Sergio... diz-se (e eu di-
go diz-se porque não o posso afirmar) que elle
deu ao Costa Almeida uma lista de quintanistas
de medicina que se comprometteram a ir ás aulas
se ellas abrissem. Esta lista era falsa, não duvida.
Veja que maroto!... Aqui tem o meu. o que se
me oferece dizer sobre o caso. Se quer saber mais
alguma coisa pergunte porque me avivará a
memoria.

— O que diz é circular dos meus de cá?

— Ah! isso classifico eu de uma traição. Tive conhecimento d'isso e acho que foi um acto traiçoeiro. Podem fazer o que quizerem que a amizade não vá com o João Franco. Circulares, grupos anti-guerristas, etc, etc, nada conseguem. Será o pau. que o unico remedio é irmos a actos, submettem-nos, transigindo um bocinho de parte a parte, e no dia 28 de setembro, antes dos reis, o general viria para os expulsos e ainda fariam os actos em entulho se o quizessem.

— Tanto generosidade!...

— Foi o José Varella que o disse. Elle é todo da casa do Dr. Garrett e o Garrett o recebe em Lisboa, habitualmente em casa do José Luciano... Mas olhe que isto é peccadissimo!

— É assombroso!

É o Luis Ribeiro acrescentou

— É gide lá escrever que classifico isto de um acto de baixa comedia do Sr. conselheiro João Franco.

— É assombroso, caramba!

Ah! ahi estava por aqui as 3 horas; disse que ainda ia a baixa comprar o livro do Carlos Linna que devia ter chegado. É publichei

— Gosto immenso daquelle rapaz!

— Pois olhe que é o maior jobite que o sol tem coberto! É dos taes anarchistas que faz viagens á custa do Directorio republicano para a discursata e dos taes que prega a religião da confraternidade

humana enganando os amigos que lhe entregam
tão dinheiro...

— Ah João das Regras...

Mas o Luis Ribeiro levantara-se; pegou de um
livro e abrindo-o leu-me:

« Outro (anarchista) aqui ha tempos, tendo ar-
rendado uma casa, cedeu um quarto a um ami-
go, anarchista tambem; e como este lhe não pagas-
se a renda do quarto foi-o fora de escote em Ju-
nho. »

— Este outro anarchista era o Lopes d'Oliveira
que hoje é professor do Lyceu.

E continuou:

« E poucos dias depois, esse meu amigo e se-
nhorão fazia um encolado discurso sobre a bon-
dade civata do homem!... »⁽¹⁾

— Aqui tem o anarchista Carlos Lima...

Olhei para o livro: era A Evolução do Move-
mento Operario em Portugal de Luis Goncalves
(a quem entregara o telegrama do Rocio Boetho), do
5º anno de Direito, premiado e que quer ser leute;
o livro é oferecido ao Dr. Maruoco... Está classifi-
cado o livro e a urgencia da nota.

⁽¹⁾ a pag 207, nota.

— Você é sempre o mesmo ... Mas não horas de descer é baixa, banhar-nos em moridades prescas, saber cousas ...

— Pois eu agradeço-lhe muito o tomar á sua conta o desferer a opinião que havia a meu respeito. O meu procedimento é o que lhe exige ... É é máis? ...

É pensando de um lado para o outro, vagarosamente, embrenhou-se em considerações extraordinárias como estas:

— Bem vê: eu passo assim; será meu Jernan?... O que é certo é que me heem acto da minha vida pôde ser agradável a toda a gente ... Eu procedo assim ... Bem sei que ninguém pôde fazer a consequencia dos seus actos, mesmo os mais insignificantes, mesmo os actos mínimos ... Se eu lançar d'aquella javeia uma pedra para a rua como fazer as consequencias de um tão banal phenomeno physico? Quem me diz a mim que não vai desagregar alguns témas coheros moleculares no pódo em que cahiu, e dessa desagregação o que pôde succeder? ...

É pensando uma fumaça do cigarro e falando:

— Christo Jovencino Jovencino, quando pregáras a sua religião de amor e de egualdade que ainda vivia a existia a andem de S. Domingos que queimaria gente em nome do mesmo amor humano e da egualdade humana? ...

— Para que você está metafísico!

É jurando o rebozo:

— São 3 e meia, honorem. Vou-me embora, e lá espero a sua carta de reabilitação. Adeus e desculpa a passada.

É desci a baixa, banhar-me em novidades.

Consegui o orgão e lá vinha, no integral, o decreto fatal — antevendo o encerramento de matrículas e o funcionamento de cursos livres nas cadeiras em que elles forem necessários; e isto entendendo ao que « foi representado por muitas pessoas encarregadas da educação dos alumnos da Universidade ... »

É jasmuso, mas lá vem, no orgão de 23. Sua falta perfidia elle não envolve, quanto baixa não quer causar!

Seria de causar indignação se na verdade não causasse antes desprezo.

Em todos os lugares que estavam por ali havia inquietação, uma certa agitação provocada pelo caso; uns diziam que se devia encerrar matrículas, outros que não. É vindo para casa, no americano, uns estudantes ocupavam-se do caso, entre elles o Santos Silva que achava o decreto infame e que deu a entender que não ia ás aulas nem ao encerramento de matrículas.

A tarde voltei ao Jardim de Calçada e vi com magoa que muita gente vai ao encerramento.

to de matricula; no Lusitano multidão d'estu-
dantes discutia: uns diziam que se devia encer-
rar matriculas e depois ir a actos jureis ás ve-
zes jodia um annuistia; outros diziam redonda-
mente que não.

O Francisco Tavares perguntou-me a opinião;
eu respondi nestes termos:

— O João Franco não dá a annuistia, logo não
encerra matricula, pois são 20:200 reis que esca-
so de vender. Mas, julgamos que o governo sabe
e que outro que venha dá a annuistia: nesse
caso certamente concede aos que não encerraram
matricula por causa do neto, e autorização neces-
saria para ainda irem aos actos. Conclusão: não
encerra matricula.

— E' também a minha opinião.

Anto chegou ao pé de nós o Antonio Fernan-
des, rapaz cá da terra, do 5.º anno de philosophia co-
nhecido pelo "vaca assada" e pediu-nos dinheiro
para a subscrição da comissão com o fim de
mandar esta noite dois emissarios, um para
Lisboa e outro para o Porto para tratarem com as
comissões de lá o futuro procedimento. Logo
um de nós deu dinheiro e quando o Fernandes
se afastou disse o Tavares:

— Este rapaz já entregou á comissão mais
de 30:000 reis...

— Elle é capitalista...

Os emissarios eram: o Francisco Luis Tava-

res João Lisboa e o Pestana Junior para o Porto. Iráam nos combrios correios da noite porque os raptos de luxo não são para gravistas...

Pois que não é que mostram ás duas acadêmias que para cá ha muito realceado, mas também ha quem paiba ser digno sem alarde e honra do seu realce.

Alcira altura o Tavares contou-me que poubara pelo filho do juiz Veiga (que já está em Coimbra ha uns dias) a infame e revoltante nova de que o João Franco pensára em emburrar na lei de 13 de fevereiro, o Balthazar Lima e mandal-o para Timor. Não o fizera porque tem conebido, desde que está no governo, a sua querida lei e ainda e não alicou, de modo que não queria recommençar com um estudante...

E não se revoltariam as consciencias de todos — mesmo as dos frangueistas — com o pueitamento attentado? Não sahira para a rua o agerariado indifere? Não gritariam por justiça, com annas na mão, se necessario fosse, os estudantes do meu país?

A que se chegou! o Balthazar Lima talvez se quisse berra fora, para o exilio, com os protestos do muito gente, mas ditos em familia... por causa d'elles!

A seguir a esta revelação jassou um rapaz estudante, com barba curta, pyrugetico, sem nada que denotasse educação jesuitica; pois um dos

que estava no grupo, Joaquim Ferreira Neves, no-
vato regente de mathematicas, agombando-o disse-
rue:

— Ali vai o Soares, o José Joaquim Soares,
um catholico berrivel... Foi meu condiscipulo em
S. Fiel.

— Oh que paroto!

— Olhe que está em correspondencia activa com
o director do collegio de S. Fiel por causa da ques-
tão...

— Uli, meusinos...

É nada indicaria nelle um jesuita. É um ra-
zão desembaraçado, olha direito para nós, é symbo-
lico, até... Já a gente fiaz-se nas agarencias!

Com mais duas voltas resolvemos seguir pa-
ra o alta, em, o Aguiar e o Meximiano.

— Vamos consultar o oraculo Pacheco!

— Vamos ao oraculo!

É mettamos, lodeira sciens.

Coxando, adiante de nós, é o meu amigo
Agafito Pedroso Rodrigues. Abordei-o... Viuha-o
visto com o Dr. Luciano, de mathematicas, de modo
que lhe perguntei:

— Então os mestres que dizem? Esse Luciano,
que tal?...

O Agafito escudia um cigarro; olhou por cima
do monoculo:

— Para nós só, disse que os leucos de direito são
uns gultas...

E olhando aos lados, terminou:

— ... são uns gajões!...

Pulou de contente.

— Obrigado, oh Agalito! Já, vá para o club dos mestres. Boa noite.

E lá continuámos a subida da ladeira, até à rua do Bonafino. Chamámos; o oráculo estava na casa de baixo, na república dos ilhéus, tomando uns ovos quentes...

Que pubissemos, dizia elle; já já para cima, já já responder às consultas dos crentes...

E nós pubissemos. O Maximiliano fezou alguma guitarra e dedilhou um fado que trasladava a cocheira:

— Tu cá estás! sempre pronto a suaijar!

O Pacheco veio logo; e a nossa conversa, a jogos e joucos, subindo sempre, espiritualizando-se constantemente, era de quando e quando cortada por algumas frases material e brutal do guitarrista:

— Sueres suaijar esta noite malguma fandege?

Ou então:

— Vocês não conhecem o fado do balcinhas?

E o Pacheco, indignado, berrava-lhe com a sua voz fraca:

— Espiritualisa-te, homem! Espiritualisa-te!... Que diabo!...

— Lérias!... respondia elle.

Mas a attitudde do Pacheco perante o decreto era não encerrar a matricula; era proleijido da philantropica mas se esta encerrasse, o termo, por elle, o Pacheco nada teria com isso. Pelo menos não o autorisava.

— E couseiro-me em Coimbra. Se me penderem... deixar!

— Não, amigo Pacheco, disse eu. Eu agora penso em ir, mais para o verão, metter-me na terra da Estrella: uma casa humilde, livros, papel em branco, botões de brochas, varalão e chafiz grande; levantar ás 4½ da manhã e deitar ás 9 da noite. E o Pacheco vai comigo. Inamos allegar aos gestores do Sermunio e panta religião de equaldade, agostolar o leu, cusinar a vulgaridade da razão...

— Inei. E quero um rochedo para meditação, um cão para amigo e guarda...

— ...e uma jantona para o amor livre!

O Maximiliano arrebitou o nariz, queria saber o que era o amor livre...

E com estas e outras interessantes narções, sahi mos e cada um peguis para casa — não sem se firmar as bases do nosso futuro cuneolo philosophico, no montanha Sermunio, vando Portugal de lado a lado, e quasi d'alto a baixo, pó com o combato nede e ardore das pragas, e a conveniencia quasi ge-historica dos gestores.

Mas, deixei para o fim, sem que fessa com is-

so cousa alguma, o livro de Camillo Lima. Custa cinco tostões.

A indicação do preço indica que o editor quiz enfiar com o éxito que o livro viria a ter.

Mas o livro é interessante: conta os seus antecedentes de revolucionário e a má-fama que tinha entre os leutes; conta o caso José Eugénio e a parte que tomou nelle; segue-se o processo, o accordo e por fim a historia da vinda por segredo a Coimbra, da prisão em Tavira, dos dias de esquadra e da ida para o Porto entre dois guardas. Na segunda parte a que elle chama O processo d'elles, faz afeciações sobre os leutes, sobre o ensino, e critica os processos universitarios e o meio cathedratico.

Parece-me muito curioso. Li porvente uns bocados aqui e ali e vejo que li, gostei.

O livreiro Moura Marques vende-o quasi ás escondidas, com medo de th'o apprehenderem.

O caso o dia 23 já não sufficiently grande, encerro por aqui, desejando ao João Franco uma queda estrepitosa.

Coimbra =

= 24 de maio {6ª feira} =

Quando hoje sahi e jancei na rua Larga para saber se estava em casa o José Sobral, porie 1 hora da tarde, vi cá de cima um grupo de estudantes á

porta de "Casa feliz". Eram quem que foi chamou a
atenção para mim e eu vi cá de cima o grupo vol-
tar-se ao mesmo tempo para o meu lado, olhando.

Que diriam elles?...

No aproximar-me vi os dois meus Meudes
Cruz, o meu amigo Alti Eszargosa, o protestante Jea-
quim Carlos de Sousa, o grande vencedor Garcia da
Costa, o jovem Galido Sergio Galixto e outros. Parei por
elles, no outro passeio; fitai-os e na maneira de os
fitar com um ligeiro franzir de sobrancelhas, elles per-
ceberam qualquer coisa porque distanciarão e conti-
nuaram no converso.

Na baixa conheci juvenes e encontrei o Bernar-
do Pedro; perguntando-lhe o que pensava do decreto
reponderou-me com a evasiva de que «ainda não
tinha tido tempo para pensar.» Depois, ajudando um
joco com elle, o pobre franquista, apreciando os fa-
ctos como deviam ser, continuou no sua carga cen-
rada sobre os gregistas, que vai sem duvida encer-
rar publicação, porque isso está na logica dos factos...
Criticou a maneira de eu fazer este diario — que
deve ser todo elle uma falsidade! E se não fosse
uma chusado valente que até cá cahiu e que fez com
que elle corresse para uma casa onde tinha de dar
uma lição, pedrando-nos, eu tinha-me certá-
mente zegado com elle, e chamar-lhe-hia burro,
cavalgadura e outras cousas congeneres já que
não havia para tão burrial teimosia, outros ar-
gumentós...

N' noite, na baixa, havia acirruações. N' porta do Lusitano discutia-se o caso do decreto, acirruadamente e esgerava-se o rafigo de Lisboa para saber noticias.

O Alfredo Pimenta officava pelo encerramento geral de matriculas para assim se cauzgar a cidade em Coimbra. Mas objectavam e com razão, o seguinte: o decreto só consentia a permanencia na cidade dos rapazes de medicina, mathematicas e philosophia; os de medicina não se mettiam em barulhos, não sahiam para a rua, é a gente séria da academia; os de mathematicas e philosophia, tirados os militares e os tímidos, ficavam para ali coisa de uns 30 a 40 grupos para o barulho; ora 30 ou 40 facilmente se abafam e até esse numero cauzgaria a esquadra...

E além d'isso, sempre se vende o dinheiro. Era pois melhor não encerrar matricula, abandonar mesmo ~~o~~ a faculdade de direito onde he grande numero de rapazes que querem actos e tentam ir a elles; e aquelles que quizessem vir para Coimbra que viessem.

Que diabo! o governo haveria de dar ao mundo civilizado o espectaculo degradante de vender desermos de estudantes, encapual-os em tevas, mandal-os embora, e obrigar a fazer actos á porta fechada, aos que quizessem rastejar para alcançar um discreto menino? O juiz havia de ver as esquadras e cadaias atulhadas de estudantes que não queriam

subjeitar-se a um decreto que o intendente Pina
Manique talvez não fizesse?

Só na Rússia!

É eu que estava com o Pacheco, o Aguiar e o Sa-
raiva, a minha aza esquerda em "calculo" e o Ma-
ximiano, vi com summo prazer e com uma parte
de orgulho que a corrente geral dos nazas era a
única digna, a única que podia reger com cara
levantada, em presença d'aquelle decreto-attentado:
não encerrar matricula!

O cofre da Universidade não receberia no seu
lojo mysterioso os trinta e tantos contos que recebe
em media, annualmente!

Alguns lá iriam de joelhos, batendo no peito a
consciência mes-culla; mas para esses estava o escan-
neo dos contemporaneos e — o que é mais — a cri-
tica dos vindouros.

Felizmente vi que naquella turma grande de na-
zacos que são os que mais em evidencia se ali au-
dam, a officina formada era a minha.

Irão elles assim até ao fim?

Mas o Saraiva cozava a cabeça, atalhado, com
cara de mal estar. Eu refarei nisso:

— Que tem a minha cara aza que está com má
parecer?

Elle então abriu-se: vive com a familia e o Jac
todos os dias lhe dá a anti-gréve; elle não quer
encerrar matricula, mas o Jac todos os dias zás
que zás... e elle anda atalhado.

— Eu quero ir com os condiscipulos... Mas que se eu vender o meu queir que eu assente graça... Sei-de ver se me aguento até ao ultimo dia...

Mas o Aguiar achou o expediente salvar-se:

— Aguenta-te até ao ultimo dia, e nesse dia nós raftamos-te. Hei?... Metto-te em minha casa e... graçito!

¿ Glanceou-se logo o audacioso rafto. Teremos se dá resultado.

Percebi por isto a razão porque o Saraiva se afastava ás vezes dos condiscipulos; não queria revelar a sua desgraça: o ter um Joe terminal e anti-gravista!

Ja-se aproximando a hora do raftido de Lisboa e os meus condiscipulos e eu fomos até á rua do Visconde da Luz. Agregou-se o Alfredo Pimenta.

A isto, ao fundo da rua, apparece um rapaz de 5º anno de direito, chegado de Lisboa; foi logo cercado e interrogado:

— Na Arcada, ás 4½ da tarde, corria esse insistentencia que o João Franco pede a sua demissão do ministerio...

ouve um grito geral:

— O que!...

— Oh homem!

— Já lá...

— Palavra d'haura, dizia elle. Se é verdade, não sei; mas garanto que isto se dizia lá, na Arcada, em conversas.

O Pimenta começou aos molinetes com a bengala; o Pacheco suscitava um gesto de caja e espada; já se gritava; e gente que jamais olhava com interesse.

— E lá vai o decreto!

E o Aguiar, com voz de baixo profundo:

— Viva a academia intransigente!

Foi uma alegria; fomos ao Lusitano esgarhar a nous; correu de bocca em bocca e — o que é a festa das noticias boas e desejadas! — em pouco tempo tudo alegremente dizia:

— Vai cair o ministerio!

Encontrámos então o Salgueiro, o eximio falador Salgueiro, o Vasco de Carvalho e outros cadetes de infantaria que chegaram de Lisboa para a assignatura do termo; esperavam-se, no correio do noite, os outros de vendas novas.

Festejamos alegremente o advento de Pedro d'Alcantara, o bom amigo!

O curso de calculo voltaria é novidade e as thesas de Fallé e do Nicolau voltariam a ser successivamente discutidas.

O Lusitano era uma reunião alegre; parece que vinha por ali uma alvorada, a seguir a noite tempestuosa e negra!

Subimos a Alto, falando de novo na ideia de Jân Luminárias para festejar a queda. E lembrámos a conveniencia de todos os estudantes que quizessem mandar um cartão de parabenos ao João Francisco: rua da Evolução, 14.

Quando cheguei a casa e percorrendo os jornais vi que o Brito Camacho continua com os seus artigos demolidores na Lucta; d'elê falando dos luctes de direito: «... os anthropoides da faculdade de direito...» Nos outros não ha grandes novidades; só o Mundo transcreve um manifesto da "Comissão central de listas" e que eu conseguí arranjar e que conservarei.⁽¹⁾

É um bello manifesto, activo, cheio de períodos bellos, correctos e duros profunda verdade; termina lembrando que neste hora avança mais polêmica, quando tudo fala no resurgimento d'uma patria nova, se esse resurgimento tem de ser apenas um pouco magnifico que não sejam os estudantes aquelles que têmham de a desiludir.

Bons rapazes; eu, que já vou a cair para os trinta, ainda me commovo com isto...

Vão avante, senhores!

Coinhbra =

= 25 de maio (sabbado) =

Sahi, peris meus dias, como o firme propósito de ir á Alta ver se para a Universidade já havia comença de matriculados.

Subindo exactamente á ladeira do Castello, ou

⁽¹⁾ Masso III - 48-M.

vi ao lado meu discreto "bo-tarde" muito amavel.
Era o Sidonio.

O Sidonio áquella hora, ali, para a Universidade?
Adiante, no largo do Castello, vi o Tavaquini, o Lu-
ciano, encaminhando-se para a Porta-ferraz.

O maris Aguiar que appareceu então, explicou que
era congregação de mathematica e philosophia; o Pacheco
appareceu logo e nós, mystificados todos tres, in-
quirimos:

— Que pena?

De facto, a Porta-ferraz encerrava para nós o mais
profundo mysterio: que iria lá dentro e o que se faria
lá? Encaminhamos-nos para lá, mas tão infe-
lizmente que ao traçar a historica e memoravel
porta, encontramos o Luis de Costa, de calça e babino,
afavel, com aquelle sorriso nos labios que quarenta
e sete gerações conheceraam.

Surgiu então o Vasco de Carvalho e deu-nos a
nova noticia de que já tem entrado requerimentos ja
na actos e — mais ainda — que alguns regeres é fu-
tura, tem ido assignar o terreno com data de 27 ja-
na então vaias as troças de alguns que se tambem
de vigiar.

O Pacheco, ao entrar, disse que se parecia mal;
ha tanto tempo que não entrava ali! E como a gen-
te se pente fradesco, naquella yateo! E concluiu:

— Tudo isto são pyambolos, meus amigos!

Precisamente nesta altura, sahia da biblioteca o
ambigo calvaire, e que agora faz serviço entre os li-

uros arruados. Eu afundei-o ao guizo:

— Ah! nem um pyralo!

— É que pyralo! dizia o Aguiar vendo-lhe a figura desconfesta.

— Tem mesmo a figura d'um badalo...

Mas uma tremenda batida d'agua fez-nos acotchar á porta do corredor que dá para a secretaria e fez fugir o pyralo a pite já para o outro lado do yate.

A conversa continuou monótona; o Vasco descerá por detrás de uma porta, uma jantinha a certa altura.

— Que será?...

Eu e o Aguiar jogámos no Vasco aos hombros e elle pediu:

— É' uma torreira!

— Então desanda e deixa, disse o Pacheco.

— Pode ser gás...

— Pois que vá tudo co'os diabos!...

Mas resolveram-se deixar ainda de pé o velho edificio; e como appareceu naquella altura o esdeto Slenrique Trindade, o convicto Trindade, a que tenho aqui feito referencias já pelo seu caracter de um só fio⁽¹⁾, o converso cahiu para a vida que elles levaram em vendas novas

— Tenho muito que contar...

— Pois vou intervir-l-o!

(1) Foi um dos assignantes do maninha que mais se participou na revolução de 5 d'outubro (Em 7-II-911)

Elle então contou que haveram, á desfezida, na se-
 tação de S.antas e Novas, na presença de toda a officialidade
 de de Escola Pratica, os cadetes do Porto e Lisboa lhes fi-
 zeram uma manifestação grande de sympathia, com
 vivas, agitando bravos e berrando-lhe que vissem
 como se gozavam, que elles estavam promettos go-
 zar tudo! E á palida do comitio o grito de "viva a
 solidariedade academica!" rebou zela zara e zelos au-
 ridos da officialidade.

E o Trindade, exaltado, contava isto tudo, con-
 victamente, com a decisão que já aqui fiz notar.

Quando a chuva zrou, sahimos para a baixa; o Pe-
 checo, o Aguiar e o Trindade foram á reunião de
 comissão, outra vez em caso do Mario Monteiro;
 e eu pegui com o Vasco de Carvalho. Do Marco d'
 Almedina, o Cavallero d'Almeida e Nêrito, nem
 condiscipulo, viu-me mas — o que é a conscien-
 cia! — fingiu que me não viu... Como se eu lhe
 prohibisse a assignatura de medicina!

Eu fiquei-me um bocinho com o Vasco, á con-
 versar, e entre outras cousas disse-me que um tal
 puz. José do Prognocinio Dias que fez declaração, co-
 mo atrás ficou assignado — e que tem a bella mis-
 são em Coimbra de assignar os rapazes que sahiram
 do collegio de S. Viel.

Fôra discipulo do collegio; e taes qualidades mos-
 trou que hoje gozave as altas honras de assignar dos
 antigos discipulos, para mandas dizer se elles cá tem
 agostado ou não.

O Vasco sabe isto bem porque tambem e' dos catholicos — elle proprio o diz — e lida com todos elles.

Este tal parr. Patrocínio tem uma particularidade notavel: antes de vir para a Universidade era José Dias Presento; quando veio ficou José do Patrocínio Dias. Trocou o Presento pelo Patrocínio.

Esta conversa com o Vasco veio a propósito de eu lhe perguntar se seria verdade o Soares⁽¹⁾ estar em correspondencia activa com o Director de S. Fiel; o Vasco negou, diz que e' caudalheiro de casa d'ella e que a correspondencia que recebe não tem nada d'isso, pelo contrario, etc, etc.

No entanto jesuitas são jesuitas. E' necessario desconfiar.

Depois, fui para casa e nos jornaes vi circumstanciada noticia d'um novo julgamento d'imprensa a que os republicanos dão o nome de commiçoes no Boa-Flora.

Isto vai indo sempre mal... E ainda irá para?

O Illustrado traz novo decreto, fundado nas mesmas razões do outro e dando a mesma regalia dos cursos livres a todos os outros estabelecimentos d'ensino.

O Lucta continua com a caudalheira; o artigo d'hoje, tambem do Brito Camacho, refere-se ao decreto d'hoje, referente á Universidade. E' um violento artigo contra esse commediante torpe.

⁽¹⁾ E' José Joaquim Soares. (V. pag. 302)

dos actos á Junta fechada, com policias de guarda; e
termina:

« Toca para Coimbra, senhoras, que as candidatas
d'exame estão já sedas e dão-me a quem lá fãr bu-
cal-ao.

Vae principiar o teitão!

Vae começar a feira!

Bedel, faça a chamada...

Estão todos agrupados! »

Mas os desgraçados não veem! O Luis Tibairó
lá andava, apesar de tudo, muito á juridade, com
o Sergio Galixto, no meio Largo.

At' tarde pahi. Comecei pelo Delta; e ao Castello
encontrei logo o Maximiliano com um fabricio,
que me disse andar a reverir os raios para ás
8 1/2 irem á estação velha á passagem dos cadetes
que veem de vendas novas para o Porto. Pediram
me para esgathar o caso, mas em voz baixa,
por causa da policia:

— Umas manifestação tera!

Fui procurar o Pacheco; estava na republica
dos ilheus, mais abaixo, no quarto de Francisco
Luis Tavares, que eu encontrei valido, já me
yendo duas noites nas viagens a Lisboa e me vol-
ta tivera um raio de um avestruo com uma
burguezia...

E acrescentava, com ar de dó:

— Se não fosse os empregados...

— Mas nobícias, senhor! reclamava eu. Nobí-
cias! Por lá tudo firme!

— O meu amigo não imagina! Aquillo é que
é gente! Ninguém vai ás aulas! E estes de cá...
malandros... ah! que se se...

E fazia o gesto de esmagar entre as mãos al-
gum curso.

— E o decreto? o feito?

— Medocho! Muitos jões que assignáram a
circular, declaráram que, em presença do decreto,
mudáram de opinião e que nada diriam as fi-
lhos. Um jão exemplo, foi o Netto Veiga, jode lá
jão esse nome no seu diario.

— Pajés teos, hein?

— É verdade. E o Brito Camacho? Nada dei-
do!... E olhe que os artigos do Lucto tem sido
bastante apreciados; o Junqueira disse que desde
que ha a questão, os artigos d'elle tem sido a me-
lhor lidoada no Univeridade. E imagina lá!
o homem quer vir jão ahí, em outubro, fazer
um estudo e serio acerca da faculdade de Direito.

— Bom!

— Isso vai ser obra.

— E que tal o manifesto de academiá de Lisboa?

— Causou boa impressão. Os rapazes quizeram
jovocar uma querela, jorque chamaria a atten-
ção sobre o caso, nem outro coruicio de Boa Hora.
Dime-me'o o Pulido Salente até, o seguinte: "bem

— Não o meu amigo, e' preciso mexer isto bem ... "

— Tudo republicano, hein?

— Tudo, não imagina! E aquelle Annibal Soq-
neo ...

— O Anfibrosio das Mercês ...

— ... perdeu ahi uma bisco! ... Quando o Il-
lustrado começou a campanha contra o Bernardi-
no Machado, o Annibal foi jocular-o e dizer-lhe
que não escreveria nada contra elle, pediu-lhe descul-
pas, etc, etc.

— Mas porquê?

— Porque lhe deve muitos favores e a modica
quantia de 50.000 reis. O Annibal, em Coimbra,
arrigou-lhe uma letra e o Bernardino ficou fiado;
mas o Annibal não pagou e o tal bom e excelen-
te Bernardino — como lhe chamam os paupristas
por troça — pagou a letra e levou-a para casa.
O Francisco Barges até lh'a pediu para a reproduzir
no Mundo, mas o Bernardino não deixou ...

E terminado o arranjo de cabello e ligode, o
Bavarez, camusco, sahio, e foi continuando: ⁽¹⁾

— Andei muito com o Carlos Olavo e fomos
ao quartel d' Infanteria 2, aliciar o exercito ... re-
quendo a phrase do Carlos. Elle tem no regimento
dois irmaos e falei-lhe no meu amigo e contei
que lhe tinha cabido a honra de ter sido o unico

⁽¹⁾ Este rapaz e' actualmente o governador-civil de
Ponte Delgada. {Bau 9-II-911}

oficial estudante que fez greve. Um d'elles diz que o conhece muito bem.

— É do meu curso, realmente, um d'elles.

É quando chegámos á Calçada, havia um grande movimento. No Lusitano havia grupos de estudantes e o Pedro d'Alcantara lá estava, veio logo abraçar-nos, e começou em distribuir cartões contra os outros cadetes que não encerram matriculas.

Bello rapaz! Ele mette e mette que o não via e logo, como se estivesse comosco na rua, começou nas suas queixas contra a "malandragem..."
É depois, em voz baixa:

— É a manifestação, já sabem?

Na verdade, tudo o que ali estava, se julgava para ir á estação velha; falava-se baixo para a policia não saber e o Alfredo França, de monculo, deitando olho ás freixas, andava augurando diuheiro para o Pestana J.^o ir nesta noite para Lisboa.

O Floro chegou então; e eu, largando os estudantes, resolvi ir com elle tambem á estação, deixando a Calçada onde velhos conservadores olhavam surditosamente para mim.

No chegar á estação, alguns grupos de estudantes estavam já no gare; outros iam chegando aos poucos, a já, para não dar nas vistas; e o Lacerda Feijaz disse-me que a maioria vinha no comboio do navio.

Eu fiquei a jantar cá fora e o Floro entrou;

e fizeti cá fora por conselho do Flares que me disse que em ás vezes me expunho demais.

Disto chegou o comboio do ramal e a gare encheu-se de estudantes; falava-se em voz alta, havia chamadas de dote para aquelle, mas logo uns policias fizeram calar aquella cantoria — não periam menos — de ruidos alegres, mas que começavam a comprehender o que é a disciplina nestas aulas.

E até chegar o comboio pouco mais se ouvia do que um leve murmúrio.

Enquanto esperava cá fora vi duas cousas interessantes e umas dellas causar-me-ha rememros. Uma foi a seguinte: no abrio de fora, de estação, em frente á bibliotheca, onde não estava ninguém, vi um cadete sentado sobre um caixote e de cabeça encostada á mão; depois de varias voltas consegui ver quem era: era o Goulão, já aqui referido tristemente. O que fazia elle ali? ia esgorniar o caso? iria para ver e depois tirar medo? Não fico sem mais commentários.

Mas a outra, a dos rememros, foi a seguinte: antes do chegada do comboio, senti um carro a toda a pressa, dirigindo-se para a estação; como imaginei que tivesse havido rebate e fosse o comissário de policia, sahi e fui até ao outro lado do largo d'entrada; o carro chegou, era um café, e de dentro sahiu o Julio de Mello, gerente da Sociedade Economica, de que é socio o Teixeira d'Almeida, ministro actual da justiça, e que é primo do mes-

meo ministro. O homem entrou logo na estação agitado e perguntou se já tinha chegado o raio de Lisboa. Eu então tive um rebate:

— Será o Teixeira d'Abrão?

Comencei a sugerir um plano: chamar o Lacerda Faria, dizia-me que era o homem da lei de ingressos que chegou e certamente os rapazes esgarariam zelo raído para o receber cordientemente...

Mas misto, sentiu-se o silvo e o comboio chegou, um comboio correio; na estação havia fúido silencio e quando o comboio ia quasi a parar e se viu nas janelinhas cabeças de cadetes, espreitando, a manifestação rompeu, vibrante e sentida.

Houve palmas, vivas; e durante um bocado o barulho foi constante.

— Viva a solidariedade academica!

— Viva a academia de Coimbra!

— Viva a faculdade de Direito!

Os cadetes desceram; houve abraços e gritos; e d'ahi a pouco a manifestação parou para se seguir a troca d'ingressos.

O Plano voltou a fazer um bocado, o comboio do raio parou, cheio de estudantes e cadetes, sem barulho, sem a manifestação de despedida.

Eu disse para o Plano:

— Sue diabo, não se cala...

Espreitando para a gare, não havia sinais de cadetes.

— Também não quero, dizia o Floro.

E como não havia já americanos, romagemos a pé, para a cidade, chapinhando sobre o extenso lajeado da estrada.

Na Soffia encontramos grupos de estudantes com cadetes desconhecidos e que deviam ser os que tinham chegado, encaminhando-se para as casas de toleradas do Terreiro da Erva e rua Direita, e só mais adiante é que nos explicaram o caso: os cadetes que viviam no comboio e que iam para o Porto, sob o commando do meu amigo, ao ver a manifestação dos ralzes de Coimbra, resolveram sair e ficar na cidade esta noite e partir no comboio da manhã, apesar do guia de marcha e apesar de a manhã terem de pagar o bilhete á sua custa.

Ralzes teos! Um boadinho de indisciplina, é certo, mas que lhes não fica mal...

No Luritano havia animação; e eu vi com consolo que a corrente geral era para não se encerrar matriculas. O Balthazar Teixeira affirmou-me'o; o Pacheco dizia que dos ilheios só o Laroy parece que encerraria matriculas; e o Salgueiro, o falador Salgueiro affirmou que a faculdade de medicina, provavelmente dizia "que ia ensinar aos de Direito como se fazia a greve!"

No tabacaria vi o Ernesto de Miranda e quem perguntei se o Teixeira d'Almeida chegava hoje; elle disse que não sabia, que isto, que aquillo... mas eu não acreditei.

O general Martins de Carvalho chegou então, acercando-se maliciosamente:

— Então já ha muitos requerimentos, não?

— Não sei, meu general.

— Os rapazes andam dançados. Olhe o Pimenta, e aguentava o Alfredo Pimenta, já foi tirar licença de gente d'aveas; andam por aki a arrear-se todos. O diabo, o diabo!...

E tornando a aguentar o Pimenta, disse com o seu receio de franquista de nato:

— Aquelle, é um rapaz terrível!...

E entrou na Loja como um receiando já algum louco atterido do terrível facinoroso e conceituado gatinho Alfredo Pimenta!

Oh!... os tímidos e puerisimos franquistas!

Mas pensava dez horas; em busca de vir para casa arranjara a mala para amanhã ir para Lisboa. Subi com o Floro João Quevedo; e a certa altura da rua passou o José Fresco, condutân dos americanos, crendo de perver e outras cousas.

— Meu alferes, boa-noite!

— Adeus, Lé Fresco.

— Então chegou o meu ministro da justiça...

— Ahm?

— Chegou agora no rajado.

Parámos, eu e o Floro, e ficámos a olhar; tinhamos deixado fugir uma tão boa occasião e uma manifestação tão facil de fazer, com os rapazes d'ali, em grufos e dos melhores!

É depois, o Augusto de Miranda, que nos men-
 tion, com certeza; eutão elle não havia de saber que
 o homem chegava?

Mas ao deffeder levávamos a escuridão de
 que o homem não iria no dia seguinte de manhã
 e que ainda se arranjaria alguma coisa...

É amanhã, vou para Lisboa. Voltarei na 3.^a
 feira.

Coinhura =
 = 28 de maio (3.^a feira) =

Na verdade, no domingo, 26, fui a Lisboa, no
 rajado, reusando ainda o meu fazer por não ter
 podido ver o causador de umas estranhas manifes-
 tações ao Teixeira d'Almeida.

No Evolucionamento comprei jornaes: e regala-
 damente vi a Lucta que na 1.^a pagina trazia com
 riquesas de lucto, varias phrasas do João Franco con-
 trarias á dictadura; e na 2.^a pagina trazia a seguin-
 te declaração:

« Uma reunião de comissões de Coimbra, foi vo-
 tado uma moção, cujas conclusões são as seguin-
 tes:

1.^a — A unico attitude logico e honesto é fazer a
 greve ao encerramento de matriculas; e nesse caso;

2.^a — É conveniente que os estudantes das Fa-

cidades para as quaes foi concedido o direito de abrir cursos livres, se mantiverem tambem em grãe frente o encerramento; e

3.^o — é nossa obrigação responder dignamente ás proposições do governo, de certo modo autorizadas pelo procedimento de alguns concelhos escolares.

Estas opiniões não tomadas em harmonia com a opinião das escolas de Lisboa e Porto.

Coinbras, 25 de maio de 1897. — A comissão:

Alfredo Pinheiro, Costa de Calvedo, Laenda Farjoz, Mario Monteiro, Bysaia Barretto, Pestana J.^o, Henrique Braz, F. Luis Tavares, Alfredo Franco, e Manuel M. Macedo. »

Os rapazes perão capazes de se aguentar?

Vinha tambem nos jornaes a resposta do Rei dos conselheiros de estado: assim, um a um, não aceitavam a honra de serem recebidos...

Pergunta-se: os velhotes tambem se aguentam?...?

No chegar a Lisboa, o meu primeiro cuidado foi consultar o orgão, e enquanto esperava um electrico para o Intendente, li um bem elaborado artigo acerca da questão de que destaca dois bocados sómente porque o resto é a velha afirmação de que o governo não cabe e continuará sempre a governar com o apoio da ~~su~~ opinião publica...

A saber:

« Ora a verdade é que em qualquer dessas tres cidades a discrição e o profecto da grande maioria dos estudantes é requerer para exames ... »

.....

« O governo mandou encerrar matriculas para exames porque era seu dever facilitar a todos os estudantes o uso do direito de fazer actos ... »

No mesmo numero vem o modelo do requerimento ao qual não deixarei de prestar a minha homenagem ... não fazendo uso d'elle.

Depois, chegando o electrico, segui para o Subterrâneo; minha gente do comicio republicano e no começo da avenida D. Thelma, estava uma força da municipal, de tenente, mas... como?... de costas voltadas para o lado do comicio!

Proh Judas!...

Depois de ir o caso de minha irmã e a Sete-rios voltei ás 10 da noite a Lisboa onde o acaso me fez encontrar o Carlos Olavo.

Dei-lhe um abraço; elle perguntou-me pelas causas de cá e eu falei-lhe no caso do Teixeira d'Alreu, na vendeta.

— Que diabo, foi isso! A esse bandido deviam atirar-lhe estêreo!

Contei-lhe outras causas e perguntou-me se elle recebera a minha carta. Eu não, que não recebera...

— E' bom... buntas peris agredida?...

— O que eu sei é que algumas cartas que tenho mandado para o Bysaia e elle para mim, não chegam ao destino.

— Bom. Foi bom ter a certeza.

— N estas horas está sob o peso fofeis do ministrio da guerra.

E como eram horas, fui para casa. O Costa Ferrreira falou-me com enthusiasmo no caso da Sociedade de sciencias medicas que resolveram protestar contra os decretos do governo mandando fazer actos e falou tambem no advento afforado da republica!

Bates assim, romancicos — do que foficos e malandros.

No dia seguinte, 27, logo de manhã, empregando um barbeiro que fazia a barba, eu jurei dum jornal; sahira a Lucta e eu vi com alvaroco, com vontade alvaroco, a seguinte noticia em manchado:

«Manifestação de desagrado junto á casa do ministro da justiça. Foram presos um academico e alguns populares.»

Felizmente a minha burrice foi vingada! Show-me como com o Teixeira d'Alencar e ainda bem.

O que se teria passado?

Depois do almoço fui á missa do mez mandada rezar por alma de Licinio Silva; no caminho quiz o acaso que encontrasse o meu antigo condiscipulo Antonio Arthur de Costa Menezes, alferes

que está no Municipal, no campanhão dos Paulistas.

Falando-se dos acontecimentos, elle mostrou o maior assombro pela loucura do João Franco:

— E tu sabes que nós sabemos as cousas...

E delle consegui saber o seguinte: o Municipal, já dá cá aquella gaita, desde que ha ditadura, tem estado com varias e successivas "cartas de fogo;" — que umas dellas era para quando sahisse para a rua, pelo menor pretexto que fosse, já em pratica o determinado ha muito tempo pelo celebre general Sincroz que foi commandante das Municipaes: que se não empregasse a bata pinnada e as jantarias fossem baixas sem mais tinte nem quartel; — que no proprio Municipal ha um protesto muito contra tudo isto que se está fazendo; — que na mesera do ultimo comicio dos desiderios, o coronel Correia da policia (e que é tio delle) o mandou chamar para o governo de que no dia seguinte, no comicio, uns honras assalariados arrastaram beruanda, que o Municipal cahira em cima, com ardeus severissimas, que correria sangue porque assim se mandava de cima; e que a gente que estava no tablado dos oradores: João Pinto dos Santos, Al. Gium, Sincroz de Ribeira Brava, etc, e os republicanos Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, etc, se iam agarrados, mettidos numo maris de guerra e barra fora com carta de fogo!

Eu parecia-me aturdido.

— E vocês obedecem a umas cousas d'ellas?

— Estão convencido que não...

Depois, na igreja, o coronel Barros o quem já aqui alludi, afiou as gáloras do Bombarda e do Baetteucaent Ragozo: "o João Franco está decididamente doido."

É gelos quarais, diziam elles, falava-se abertamente nos acontecimentos.

É o tal algoio tacito de que falava os franquistas.

Quando de novo jasei no Rocio, engerando um electrico para Sete-Rios, vi um outro engulso: o Eurico Xavier.

— Meu caro revolucionario: Jode acaso uma columna das instituições dar-lhe um abraço?

Elle entao exigiu logo:

— Quando veio de Coimbra?

— Bloutem.

— Oh diabo! queria saber o que fizeram a esse Jandilha do Teixeira d'Alreu. Você não sabe?

— Vi algumas o Lucta...

Mas elle mostrou o lobicias em que a manifestação minha mais explicada. É entusiastico li a correspondencia. Mas em Barci o manig

— Não sei se os ragozes se aguentam, Xavier! Olhe que elles são enfundados de todos os lados.

— Mas o amigo ha de ver.

— Outros assim... Ideus!

Viha um electrico de Beunfica e eu segui para Sete-Rios. A noite, com grande as Novidades, li — ora! — a manifestação ao ministro.

E conta que, como se esperava que elle fosse no raizido, foi gente á entaçãõ; mas como elle não foi dirigiram-se a casa delle, berráram, deram vivas, etc.; mas o homem ainda lá não estava, porque estava a jantar em casa do Dr. Serras e Silva, na estrada de Beira, de modo que já lá peguiram em manifestação. E conta um episodio:

« Um dos guardas deitou a mão a um jogador e ao estudante do 1º anno de Direito Affonso Henriques. A este meu o prestigio do nome o salvou. Pender-se Affonso Henriques! E em Coimbra, de mais a mais! » [Novidades, de 27 de maio]

No dia seguinte, naturalmente, informei-me pelo Lucta que é o meu jornal querido; e vi logo que no vespera o ten.^{te} coronel Dias voltára jáo Coimbra com os seus too honreus!

Bravo! lá temos, ao menos, a cidade bem policiada.

De resto, a comissãõ de Coimbra fazia publico que o numero de requerimentos entãõs era pequeno. Será? Oxalá que seja verdade.

O Illustrado lá riuha com desmembridos é manifestaçãõs do Teixeira d'Alreu. Se não havis de desmembrir!

« O jornal tal diz que a policia fez assim, assim. » Logo adiante, em memoria: « E' falso! »

« O jornal tal diz que os manifestantes eram

em numero superior a 300...» E logo me respondeu:
« E meulin desafinado: eram só 30.»

E assim successivamente.

Pobres honras!

No ruzido da tarde, ás 5½ yanti yaro Coimbra. Na estação havia jolicia, erguendo quem desembarcava; alguns exultantes que vieram fizeram-me uma manifestação de agrado, com adeuses, vivas discretos, etc. Na estação nova, mais jolicia e eu segui yara o balçada onde encontrei o tenente Miranda.

— Então chegou agora e bem?

— Agora mesmo e officio!

E logo a seguir:

— O honra, afinal, parece não, como o seu disse.

Ei comprehendido mas fiz-me yaro, não sabia do que se tratava... Mas elle explicou:

— O Teixeira d'Alencar!

— Ah!

Que jolices! Passados quatro dias é a primeira cousa de que se lembra, quando o mais natural seria perguntar outros casos qualques.

Encontrei na tabacaria Andrade, comygar um jornal. Estava lá o Freitas e é claro que comecai a dar-lhe jadas

— Então ha já muitos reparimentos?

— Segundo os que dão a sua palavra d'honra, disse elle com ironia, ha só vinte e sete...

— O Bernardo, está claro, já lá foi...

— O Bernardo é um homem livre e que tem o direito a fazer o que quiser.

Percioli subiu que elle estava de má humôr e cheguei-lhe com algumas terras; e quando estava na altura de elle desambestiar, pahi, riendo-me:

— Os seus? estão com máus fígados! Deixe-o calhar e verá quem é que lhes lige indigestão...
Boa noite!

Cá fora, á festa do Lusitano havia animação; o Alfredo Pinheiro distribuia um zafel:⁽¹⁾

Aos estudantes:

A comissão académica garante que ha só 27 requerimentos no recreio e que tudo o que em con-
trario se disser é absolutamente falso.

Cóimbra, 28

A comissão.

É o alferes do 23, Costa Cabral, que estava de re-
verência ao quartel, andava mandando recolher os
cadetes a casa. Eravam ordens pavorosas!

Apareceu então o Gloro Henriquez e o Baltazar
Beixeira; mostraram-me um telegramma de Lis-
boa, afixado na festa do café que dizia que os pro-
fessores da Escola Médica, tinham reunido em con-
selho e entendiam que os rapazes não deviam en-

⁽¹⁾ Memo III, 48-N.

cerrar matrícula. Mas pouco depois veio um buto, de bengalão, lei, Jensen ... e arrancando o telegramma, rasgou-o!

Poucos rapazes viram; eu ri claramente porque estava ao pé e até me ri — o que elle tambem viu e de que não gostou.

E depois de um pouco de conversa a que se juntou o João Carlos Pereira de Vasconcellos, eu parti com este e o Floro, para a Alta, e fui ouvido mais ou menos o que fôra a manifestação ao Teixeira d'Almeida. Foram elles então que me disseram que quem deu com o homem e quem promoveu a arripça, foi o elemento maçónico e alguns elementos carbonarios.

Contou-me ainda o Floro que o padre António Augusto, um dos signatarios do manifesto já referido aqui, e do 5.º anno de theologia, premissado e professor do Seminário, foi procurado e chamado-o a combater o requinte: — fôra chamado pelo bispo-coade para o encerramento de matrícula; elle respondeu-lhe que só a encerraria se houvesse uma grande maioria de estudantes que o fizessem; mesmo assim não o affirmava porque acima de tudo, precisava manter as affirmações que fizera em publico; o bispo fez-lhe ver o inconveniente de se proceder, que era professor ... e o António Augusto de novo respondeu que, visto que seu Ex.^o Reverendissimo lhe lembrava o seu dever de professor do Seminário elle pediria a sua demissão.

Ors é yaciso acrescentar que o António Augusto é yolere, sustenta a familia e — o que parece indifferente! — é yadre...

Deu tudo é meu por este mundo.

Cointra =

= 29 de maio [4ª feira] =

Uma terrivel e monstruosa constipação agarrada subitamente em Lisboa, fez com que eu hoje não sahirse senão á tarde, depois do jantar, discretamente, antes do jantar, para voltar ao trabalho, também discretamente, segundo as yater-nas recommendações.

Antes de sair, vi no Seculo, a confirmação do telegramma do resgato, lamentavelmente arrancado pela yolice. Ors mostrando isto o meu Pai, disse-me elle que viera um telegramma de João Franco para o governador civil, yediendo que desmentisse tal noticia.

Uás é nil, pois não?

Sahi, e no Alto encontrei rapazes que andavam de um lado para o outro com ares de mysterio; mas o Pacheco, que eu vi depois o mysterio:

— Andamos a projectar umas cartas aos leutes que foram a Lisboa.

— Offinuo!

— E fazer-lhes umas manifestações de assobios,

de voltar as costas, de zumbos-zumbos e outras cousas no genero...

Na verdade tinham ido a Lisboa quatro leites de direito: o Maruoco, Amis Teixeira, Reis e Ulrich, curujinzeitar o Teixeira d'Alreu pela sua ascensão aos conselhos da corôa, e deviam chegar hoje.

— Pois é bem feito, dizia eu. E que tenho de lá não ir ver isso. O esthurnal...

— Pois nós vamos.

E quando nos referíamos a eu fergumbei se os estudantes sahiam em mão de Coimbra, o Tavares que ficou atroz disse

— Olhe, em mão sei... Estou a ver que não, isto de ser preso... Os raios das grãos não feras... têm julgas...

— A hygiene, no verdade...

E pegui nos abaixo, para a Balcada.

Encontrei o Agalito Pedroso Rodrigues que me disse varias cousas:

Que as matriculas encerradas até hoje não 184;

Que do 5.º anno de medicina, todos encerraram matricula menos o Francisco Pedro de Jesus (o Xico Pedro), Geraldino Brites, Santos Silva e José dos Santos Mota;

Que o curso todo fêra de opiniões de que se não devia encerrar matricula... (Oh! a coherencia!)

Na Balcada havia animação e este caso do 5.º anno medico era muito discutido.

Distribuiu-se, um pouco as recordadas, um

folha impresso e que era uma circular do 3º anno de direito, em que a maioria do curso dizia não encerrar matricula nem ir a actos.⁽¹⁾

O Cavares já me falara nella e disse-me que era um meio bom de procurar alcançar o desejado fim da manutenção da grei.

No Seculo viuha tambem uma declaração do 1º anno de medicina em que a maioria dizia não ir a actos.

Igual declaração fez o 4º de medicina, em maioria, tambem.

Infelizmente ha ainda necessidade de recorrer ás maiorias, ao tal systema arithmetico de que falava com graça o nunca esquecido Oliveira Martins.

Enquanto esgravo pelo americano, estive falando com o capitão do 23 José B. Correia da Cruz e com o capitão do mesmo, o padre Figueiredo, tenente francista. Disse-me o Cruz então, um caso que é sobretudo esbuzgado e que jasso a comba rejuvenescido porque vale a pena e caso que o capitão — embora francista — não desmentiu.

O coronel do 23, Ivens, prohibiu aos cadetes o andar á zizaus; recomendou aos officiaes que cá fôra vigiassem o caso e tambem, o tenente Alberto Rocha, tomando o americano para a alta, viu dois cadetes fardados que o cumprimento é-

⁽¹⁾ Masso II = 48-0

ram. Ora, com os cadetes fardados já um outro á
 Jairama que se não levantou e no americano já
 também o Dr. Fortunato d'Almeida, que é governa-
 dor civil substituto.

Sloje, o Inuus, chamou o Rocha; fez-lhe ver a
 sua falta, pelo facto de não ter mandado apresen-
 tar um cadete á Jairama que também já com elle no
 americano, etc, etc. e exbraunhou o facto de elle ir a
 falar da questão academica. O Rocha procurou des-
 culpar-se, dizendo que os não conhecia — e aqui je-
 ra nós, é incapaz de os conhecer — e lá conseguiu
 saber do Inuus que fora o Fortunato d'Almeida
 que escrevera ao chefe do estado maior e que este
 — que é um relaxado em tudo quanto seja mili-
 tar — andou em zelos, e zais! umu matto Jara o re-
 gimento.

O Rocha é um gobre diabo; é o que vale ao je-
 ruita do Fortunato. Semad, seria umu póva bem
 empregada.

A que tempo chegámos! Um chefe do estado-
 maior, como este Mattos Perdeiro, que nunca está
 no seu repartição, que recebe os officiaes de renda e
 as apresentações é Jairama, que é um relaxado,
 que é um verdadeiro Jairama, anda agora em ze-
 los porque o Fortunato lhe vai dizer que um tenen-
 te não viu um cadete á Jairama e porque já a fe-
 lar com não sei quem, acerca da questão academi-
 ca! Está tudo doído ou que diabo é isto?

Bom Piva Manique! Sloje delcito-me ao ver

as instruções que davas aos teus aguilões; eram mais com a esgocha e ruídos julhas que as causas que hoje se veem.

Despedi-me para falar com o Trindade. Foi-o com cara de atalalhado, mesmo atalalhado.

— Seu diabo tem você, honorem!

— Seu rei-de-ter? Boubão não sabe?... Os codetes?...

— Boubé lá...

— Boubou-me Fulano (mas me lembro que nome elle disse) que o commandante nos vai chamar amanhã ao quartel para nos obrigar a escrever um tructo; os que não escreverem ficam sob quatro ameaças terriveis: recolherem ao cargo, não terem licença para o anno, não terem direito á remissão o dinheiro e ficarem numero 1 para Africa. Ora já vê...

— Ahre que não brutos! Mas isso é verdade?

— Foi o major que ahí está que disse...

— E vocês?...

— O meu alferes não sabe o que é essa carreira-da? Está tudo com medo...

Nisto chegou o americano, instalei-me e comecei a pensar nessa traveada tralalhada. Seria assim?...

E abri os jornaes: o Lucta tinha um offício ao lado do José de Magalhães sobre a intervenção yater-na nas questões; e o Diário Ilustrado — o alegre e ri-sante Ilustrado! — num artigo de fundo, combi-nava a jogar aos quatro ventos a politiquice do conflicto, o desejo de Jân termo a uma tão desoladora

questão e a lastimam os nobres pela boa-fé com que
têm ajudado:

« O governo já fez tudo quanto podia fazer para
facilitar a solução dessa questão em cujas causas
e incidentes não está nenhuma responsabilidade alguma. »

E mais adiante, noticiando a mensagem da fa-
culdade de direito, diz que os leites já referidos
procuraram o João Branco « e quem agradeceam
os esforços e a boa vontade ~~em~~ empregados pelo go-
verno para a solução da questão... »

Mais adiante tem uma questão com o Jor-
nal do Commercio (do Uruguay) porque este cha-
mou ao decreto celebre do encerramento do ma-
triculas, um acto de « justificado mau-homem... »

Valem um dinheirão.

Mas há mais: nem uma local dizendo que é
falso os professores de Medica, de Lisboa, terem acu-
sado os alumnos a não encerrar matriculas;
têm razão os franquistas: os professores não acu-
saram; o que nem nos jornaes é que os professo-
res disseram que entendiam que os nobres não de-
viam encerrar matriculas.

Como o franquismo é subtil!

Plébulas...

Coimbra =

= 30 de maio {5ª feira} =

Os acontecimentos, hoje, neste dia pagado de Corpus-Christi, tem uma variedade curiosa.

Sahi de dia, apesar do calor abafado; e logo ao fundo da minha rua, na republica que tem o n.º 3, vi o requinte letreiro, sobre a porta, a que achei graça: A Republica n.º 3 da Rua de Thomar — e por debaixo — não fura a grêve.

É uma republica em que predominam os que são leucos e desordeiros como os diabos, mas n'isto foram de um ardeur digno de registro.

No Baixa, resolvi ir ao quartel saber o que havia a respeito dos cadetes. Tinha havido juco...

O coronel Inuus, vendo que os cadetes não andavam na ordem, mandou-os comparecer ao quartel e ali disse que os castigaria pelo medo, energicamente, pelas suas faltas militares e que o seu procedimento como estudantes também seria apreciado — pois que o não encerrar matricula com responsabilidade de anno, o que equivale a não recolher ao cargo, a fazer parvo, como sobe determinado, etc, etc.

É, maliciosamente terminou:

— Sue eu sei que o pres. ministro do guerra está resolvido a não conceder para o anno licença aos que

agora não encerrarem matriculas... E não é mal feito, na verdade...

E concluindo:

— Eu conheço-o, e bem. E' bom rapaz... é, não ha duvida... Mas é tezo...

E mandou-os embora.

Por'outra se vê que aquillo que disseram ha-
tém ao Trindade era talvez um processo para metter
medo e levar os rapazes a amiguar.

No quartel disse-me ainda o alferes Saut'Al-
meida Marques que o quintanista de direito Paulo Paz,
soldado de Infantaria, se apresentára dizendo não
encerrar matricula; que o coronel o mandára
mudar de bonnet porque o que elle trazia não esta-
va no ardeur, ao que o rapaz respondeu dizendo
não ter cinco reis! O alferes com mandava então
a camphalia dos addidos e dizia-me desoladamente
fazendo o signal de dinheiro com os dedos:

— Elle diz que não tem zuto...

Disse-me um outro alferes que os officiaes do 23
estudantes resolveram in amanhã encerrar ma-
trricula:

— Então foi preciso reunião para isso?

— E' verdade, assim o resolveram...

Manifestação collectiva no caso...

Mas tinha sabido o que queris e sahi. E, en-
contrando o Luis Mendes, do 3º anno de Direito, e
que fazia um pouco comigo, cheguei a saber
uns casos de honorem e que se deram depois de

eu ter vindo para casa. Isto tudo depois foi-me confirmado pelo Pacheco e pelo Floro.

Quando eu houben sahi da Calçada com o Tauridade, distribuia-se a circular a que alludi, do 3º anno de Direito; mas d'ahi a pouco um homem qualquer começou a distribuir uns folios que diziam ser falsos e tal noticia acerca do Escola medica de Lisboa, já referida aqui, e que havia já 183 matriculas encerradas. Graças a nota de edicao official.⁽¹⁾

Conueçaram commentarios e o celebre Agostinho da Costa Almeida foi ao meio da rua, tirou os folios ao homem, rasgou-os e deu-os pelo chão; houve risos; veio a policia, mas, como era o Agostinho da Costa Almeida, encolheu-se... Um estudante Ductino Faria accendeu um fogueiro e teve a feliz ideia de os queimar; e o fumo em pouco subia para o ar desparendo aquelle volumoso documento official, numo queirino mas curioso auto de fé. A policia deu parte e como a fogueira ia com as posturas municipaes, multou o rapaz por ter accendido fogueiras no meio da rua!

Mas logo em seguida, o estudante do 3º anno de Direito Mariano de Mello Vieira continuou a distribuir a circular a que houben alludi; e a policia o que fez? A policia veio e levou o rapaz para o lado esquerdo, no meio da vovaria, mas inutilmente, dos estudantes — Jovens e jovens moças: aquelle loc-

⁽¹⁾ Ver no n.º 1211 da "Resistencia", — e no Mosso III, 48-P

cado do balcão sobre as escadas e o arco d'Almedina parece estar em estado de sítio; a policia está reunida á fôrta, com 2 chefes de esquadra retirante.

Os rapazes, tumultuosamente, resolveram ir protestar ao governo civil; houve quem quizesse antes ir ao reitor; mas neste intervallo houve um estudante que conseguiu um caderno de papel em branco, rasgou-o em bocados pequenos e começou a distribuir. A policia viu; fôz um course... apilou a anelha... estendeu a garra... já até já, e... zão!

— Está feito!

O rapaz mostrou os papéis em branco... Garza-thada geral!

Mas, passado este intermezzo comico, os rapazes foram a casa do reitor, em bando; encontraram alguns e o Alfredo Pinheiro, em phrase inflamada, pediu providencias contra os desmandos policiaes. O Dr. João Vitubian, disse umas cousas, que as greves eram um crime, que não eram justificadas...

— Mas não me nos faizes civilizados, meu. Conheino! Nós é que somos um faiz de selvagens!

O reitor, confuso, disse duridas.

— Os panhones parece que usam pedras de chapeu na cabeça...

O Pinheiro adeantou-se logo:

— Quando é um pedido está bem que seja de chapeu na mão, como d'g. d. x^o; mas quando vimos reclamar aquillo a que temos direito e que é de justiça, então o que se tem de dizer, deve ser de

cabecas bem altas, de cabeça bem erguida, sui-come-
theiro!

Em que assados metteram o reitor!

Quiz fazer esdrescender: pôz o chafaz e foi com
os ralzes ao governo civil. O José Lobo mandou
enban os ralzes; e o reitor exôr o que havia e ye-
diu para mandam poltar o yesso. Placou então uma
ridicula pecca de interuaccimentos.

— Oh João! — dizia o governador civil que se
trata por tu com o reitor — como é o yinucino yedi-
do que me fazes...

— Bem nês...

— ... eu gosto de mostrar que sou amigo...

— Mas tã...

— ... eu quero ser esdrescendista...

— Agradeço-tã...

— Mas olha que é pó por esta ney...

É esdrescendista desdrescendista e o ralze foi polto.
Como os barbidanos das cousas pãd immensamen-
te divertidos!

Estes casos e outros contava-me o Jure Diabo do
Luís Mendes, quando me agarrava o meu candidi-
cigulo Saraiwa, alegre, de cara perfeitamente des-
muniada; abriu os braços de longe:

— Pode dar-me os zarabaus! Consegui com-
mover o honraem!

O honraem era o Jã. Conseguiu que elle se
não ofresse ao eão encerramento de matricula...
Eu achei graça.

Disto surge-me o Alfredo Pinheiro, d'olho iracundo:

— Vocês gostaram-se verdadeiramente!

Eu respondi, mas respondi verdadeiramente:

— Vocês, acho que é muita gente...

— Foi o que me disseram: que os officiaes resolveram encerrar matriculas americanas.

— É que tenho em conta que os officiaes resolveram ou não resolveram? Eu quero que os officiaes não á quem..., entenda o amigo?

O Pinheiro abraçou-me. Estavam feitas as feitas.

É quando vinha para casa, no americano, vi o menino Taveira e falar e o dizer — com que alegria! — que já estavam 237 alumnos matriculados.

Era verdade esse numero; mas desconfiava-me que os homens contavam no secretaria os "nob condições" o que tudo dava aquelle numero.

Era necessario uma vigilancia rigorosa sobre aquella cavalleia do secretaria, a começar pelo Manuel Gayo, pro protegido pelo Paço e arrastado a vergalheiros como carneiro em coiro de boi.

É depois, havia a nota triste do prolongamento do prazo para a entrega; o decreto dizia 31, mas hoje — ogerar de dia paulo — receberam muitos e até sabado que é 1 de junho, receberam ~~o~~ o resto...

Muito edificante.

D' tarde, claramente, fui ver a procissão de Carlos Christi, como me enuncia, depois de ter olha

do regularmente as columnas do Seculo — onde, por
 nigual vi um officio dirigido á Comissão central, por
 quatro estudantes de Beja, entre os quaes o meu com
 discipulo Luis de Mira Feio, protestando contra a
 quebra da dignidade da academia que assim, pelo en-
 cerramento de matriculas, se rebaixava cada vez
 mais.

À noite, até, combinámos eu, o Aguiar, o Pe-
 checo e o Alcantara em lhe mandar o seguinte tele-
 grammma:

Luis Mira Feio

Beja.

Muitos parabens. (cc) Pecheco, Aguiar, Al-
 cantara, Pimentel.

Mas, dizia eu, fui á procissão do Corpus Chris-
 ti; muita gente, muita policia, e a banda com uma
 grande effectivo, principalmente cavallaria.

Rondei de grupo em grupo, procurando gente
 conhecida; o Salgueiro veio dizer-me que tinha
 de encerrar matriculas:

— Elles obrigam a gente...

Eu então, contra o que tinha resolvido, refoi-
 tei; não! não dissessem elles que os obrigavam,
 elles é que queriam á força ser obrigados e achava
 mais franco dizerem-me francamente: « que
 diabo! isto é uma bella occasião de fazer acto! » O
 Salgueiro ficou um pouco pensativo, mas por fim

disse-lhe, como que arrependido já do que fizera:

— Florence, isto é um desabafo. Que tenho eu com que vocês encarem ou não matricula!... Cada um faz o que quer.

E topei com o meu querido João das Regras, o Luis Ribeiro que puxou uma carta do bolso e mi'a entregou.

— Aqui vai já o seu diário. Leia e medite... Vão também umas arguembasinhas ao Ceudastavel...

E voltou já o grupo que se congrega do Barreiros Tavares, do José Tavares, do Lucas do Couto e se me não engano, do Sergio Galisto.

Um "João das Regras" no mesmo conglomerado de imbecis...

No subir a rua dos Loyos, dei a carta; vi logo que era a respeito da Philantropia.

Os rapazes accusam a Philantropia de duas cousas: 1.^a: de parvia o governo; 2.^a: de não ter corpos gerentes legitimamente eleitos. Ora a carta era respeitante a estes casos⁽¹⁾ e no arquivo fica, como merece todo e qualquer documento.

À noite, mostrando-a ao Floro, esta commençação:

— Esse Ribeiro é um João das Regras refinado com o estudo de direito...

E depois do desfilan de procissão, deoci á baixa

⁽¹⁾ Coll. Cartas - I, 72-B

onde logo succumbi o Alcantara, folando, discutindo. Andava quasi doido, berrando contra os es-
detos que se arrichavam arredondados em volta
do discurso do Jesus e via-se obrigado a encerrar
tambem rubricado.

— São 20:000 reis que jogo, mas cuido e mi-
nha liberdade!

E acrescentava quasi comovido:

— Mas juro aos meus condiscipulos que antes
de ir aos actos vou a casa dos professores e digo-lhes
claramente que o curso não tem conhecimentos
para exames, e que em consciencia deviam ficar
regressados. E eu... hei-de ficar regressado, juro-o!⁽¹⁾

Damos uma volta, veio o Floro, o Aguiar, o
Emiliano Costa; e num momento em que o Al-
cantara e o Aguiar se afastaram não sei que
quê, appareceu... quem?

O Nicolau!...

O homem veio quasi confessar-se; o jogo, a
coacção... elle jogou para vaidade não viuha... en-
fim, cousas...

— E o meu amigo tem sobre quem fez juro
sobre meu jogo...

— Sei, calculo, jogo meusos.

E por brincadeira comeccei a fazer-lhe a agolo-
gia da desobediencia filial; mas elle atalhou:

— Pois pimi, mas a barriga?

⁽¹⁾ Não ficou. (Luz 27. fev. 911)

— Ora chi tem ... E' com a barriga que o Alvaro
 tanto cantava para enfiar no Joe e derizal-o...

— Mas escusava de falar em novelas!... disse el-
 le atalhado com a publicidade que eu dei ao no-
 me do seu protector.

— Quem não quer per lobo, não lhe veste a pelle.
 Othe, o meu amigo fez muito bem: obedeceu a seu
 Joe e ganhou um anno; sempre é um anno... Os
 tempos não são e quem não corre... Faz bem,
 fez muito bem...

E desandei-lhe, com um no caso, outra no
 ferradura, um descompostura tremenda a que o
 Floro achou zida.

Que diabo! é melhor dizer com franqueza que
 não quer perder o anno. E' mais digno. Mas
~~me~~ vir, comitadamente dizer que não sou de von-
 tade, que foi o Joe, que isto, que aquillo... é malan-
 drice grande!

O rapaz foi-se embora "a escorrer sangue", como
 dizia o Floro; e como tinha visto o Alcantara á espre-
 que elle se fosse embora, chamou-o:

— Oh Alcantara! o ambiente está desinfectado!

Com a presença do Aguiar e do Euziliano Costa
 começou a alegria. O Aguiar queria por força dar
 um berrão subversivo:

— Abaixo o templo da metaphysica!

De dito em dito, chegaram as nove horas; en-
 viu-se o recostar e o Alcantara foi-se embora com
 os outros; eu entrei no Lusitano com o Floro e ti.

no o encontro do Chico Pedro — encontro que exigiu um abraço de congratulação por haveres honrar a nossa terra natal.

Sentou-se também a nossa mesa e durante a converso ajurei factos de certo interesse.

No curso do 4º anno de medicina houve algumas duas não adherencias: uma esqueceu-me ^{de} quem foi; a outra do Seraffim Simões Pereira que foi meu condiscipulo no 1º anno da Universidade. Perguntando-se-lhe porque assim furava a grêve, respondeu isto:

— Porque o que o governo fizes está bem feito.

Este seraffim é de Oliveira do Hospital e é paquistá.

Na reunião do curso do 5º anno de medicina, no vergero, e que tanto successo causou, jorrou-se o seguinte: reunidos, o Geraldino Brites, murua folha de papel, fez uns traços como vão adiante, escreveram os nomes e ia fazendo a chamada e asentando a resposta. É o que se seguiu?

<u>Nomes</u>	Em consciencia o que intendem de- ver fazer?	O que tencionam fazer?
F.	Não encarnar nestes culos.	Encarnar nestes culos.
F.	Idem.	Idem.
F. ...	Idem.
.....

O Geraldino começou a chamar; e com excepção dos que hontem ficaram agitados (v. pag. 336) todos

responderam á 1.^a pergunta: "não encerrar matricula" e á 2.^a: "encerrar matricula."

É unico, verdadeiramente unico e incredível! É até os que assim procederam não negavam tal curso!... Unico.

Neste numero está incluido o Lucas do Coubo, o muito considerado Lucas do Coubo, que desta vez também assim respondeu "por equívoco..."

Por fim aqui já o Alto com o Floro e em casa já sei pelos olhos o Lucta que chamava a attenção já os alumnos das Bellas Artes que têm o anno perdido e que ficaram esquecidos do governo já que recebem decreto sobre a seu respeito.

É estou d'aqui a ver essa belle raganide de barba artistica, o Christo, cabelleira polta, gravatas e la Vallière, otheiras fundas e ghrassas puols, a enfiar-lhar com os outros estudantes, sem querer saber de consequencias e — o que é mais! — por uma ninhada de!

É essa academia de Coimbra, essa academia que conta tanta desera de bandetho, não vê aquillo, não já os olhos ali, naquelle exemplo!

É ali não elles, submissos, carneirada docil, ás curvaturas, eceitar a vilissima esmole d'um jedão d'actô!

Sóto não é descer, pois, oh geração nova? Que caracter quereis dar aos filhos, vós, que entras na vida sem elle? Que penhamentos de nobreza quereis incubir-lhes se pois sem penhamentos sem

verdadeiros lacaios? Que exemplos lhes podereis
 apontar se a vossa espinha em terra se habitou ás
 curvaturas? Não tendes vergalhos de avarice
 entrar em casa com a carta no mala, comprada
 a troco de umas baixas iguoril?

Sois novos, cheios de vida, de saúde, de força?...

Sois?...

Mas vamos ao Illustrado.

Três columnas e mais de desmembrados: desmen-
 tidos por causa da Philantropia, desmembrados a tele-
 grammas, desmembrados ás muscriculas, desmembrá-
 dos... sei lá! o diabo!

Para o Illustrado nada é verdade.

O diabo é o Illustrado. Bem se vê que é o or-
 gão do João Franco, o membrado.

Este, diz, agora: "xim xerher!" e logo: "não xe-
 rher!" — e o órgão reproduz o que manda o xef.

São ardeus... Toco e membrir... para desmembrir.

Coimbra =

= 31 de maio {6^a feira} =

Vamos a ver! Vamos é nos largos ver essa ge-
 ração nova entrar á Porta-ferrão altivamente!...

Grande movimento; guizo jarado; jolicias
 é jarta; tentos, subtilmente, escoando-se... Que
 felto, e deum kinemobographo para o espectáculo
 grandioso deum começo de século!

De cada e bobagem, o Nicolau Gonçalves e outro
condiscípulo João Antonio d'Almeida Junior pas-
savam perissamente encavacados pela rua, sob as
vistas dos grupos ironicos. Caráram, até!

Bom pizual... A consciencia ainda lhes deu
um rebatê e vá lá que já é alguma coisa... Podia
mesmo não dar rebatê.

Falei com uns e com outros; e ponde até o
miseravel espectáculo que se representava lá dentro,
no recrebaris.

Os rapazes iam encerrar maquina, e fubrica,
fumando, de chagou na cabeça; fazia-se barulho; len-
tes andavam por ali, deservando e prestando-se
imediatamente a emprestar dinheiro a alguns
que o não tivessem, amáveis, blandiciosos.

A um rapaz a quem estive no chão uns mes-
es de 5 tostões, veio presuroso o Dr. Vasconcellos, de
theologia, agachal-o, com gestos glaciados.

É tudo isto é verdade! Infelizmente, isto não
são anedotas!

É tem de se contar isto, aqui, para que se saiba!
O que são as cousas...

O Salgueiro, sempre o mesmo folado, veio
contar-me uma visita que fizera ao D. João d'Alar-
cão, consultando-o acerca d'um caso licudo que
bicho pido proposto por um rapaz de Lisboa. Elle
recebeu-o muito bem, e conversou sobre o caso
empunho não viuha a respeito do recrebaris. E
para embreter foi censurando o procedimento do

grevista, e mastigando ia dizendo que sim, que as-
pado, que isto, que aquillo...

— E depois, insinuou, no dia d'auros de suas
Majestades, naturalmente viuha o gendão dos exul-
sos... fazem os actos em outubro... e os que não en-
carraram matriculas ficaram comidos... Não é ver-
dade?

Mas o Salgueiro respondeu que nesse caso os ex-
gulos não faziam actos; tinha a certeza d'isso e o d.
João com um escolher d'lembros, foi junto na com-
versa.

Como elles insinuam causas lindas!... Como
elles são!

Fiquei enojado e desci a Baixa, onde vi na porta
do Lunitano um curioso estendal de telegrammas de
adhesões dos raizes; as columnas das portas cheias,
papeis impressos, telegrammas, cartas escritas e
com o reflexivo pello. Conservei umas ajevas, que
é a circular do 4º anno de Direito, declarando no que
si materia não encerra matriculas.⁽¹⁾

Conheci januaes: no Lucta continuei o Brito Ca-
rescho a malhar em artigo de fundo; no arcas con-
tinuam os desmembrados.

Hoje, então, vem um desmembrado do Joaquim
Carlos de Sousa sobre a questão da Philantropia e
nembo logoz largo umas beises de primeira ordem:

⁽¹⁾ No Masso III = 48-2.

« É preciso que o publico em geral ~~veja~~ e os esbudeantes em particular, saibam que essa comissão central academica — que se dissolveu em vista dos protestos dos seus camaradas e de novo se reuniu, depois de varios dos seus membros terem conferenciado com o Sr. Bernardino Machado que a Coimbra foi nessa occasião — está enganando injerendoavelmente os seus colegas. » Etc.

É depois, columna abaixo, e' ver em letras garrudas: « falta completamente a verdade » ou « é absolutamente falso. »

Em caso, ao jantar, meu Pai que fôra ao governo civil e que falára com o José Lobo, contou varias cousas entre as quaes desto estas tres:

— que o governo do civil lhe dissera que vieram alguns telegrammas de ralgores, suscitando suspiros, o que era o demonio!

— que contudo, a maioria e grande (e afirma isto!) is encerra a suspirulacinha;

— e que... oh! esta terceira vez contada com mais vagar:

He um alumno do 3º anno de Direito, chamado João Franco, filho do coronel João Chrysostomo Pereira Franco, do Guarda; e a quem, para o distinguir do outro, chamavam o João Cagão... Ora quando os ralgores fizeram a circular e que eu já aludi, mandáram-me um a qual elle responder um telegramma, em que dizia Franco mais

ou meusos: « Sou zelo grãe. Felicito o curso » e as
 signas: João Franco.

Ora o que havia de acontecer? Um zolicio tobei-
 gou o nome do grande homem arriguando um
 telegramma... zévista e logo, zás! aghendou-o e
 levou-o ao governador civil; este mostrou-o a meu
 Paé, zediudo zvidencias para aquella falsificacão...
 Tive de informar meu Paé e este lá levou ao gover-
 nodor civil a certeza de que tinham eshido meus lo-
 gos eugrados.

Os velhos de cabellos brancos cahem ás vezes em
 cada uma!

A tarde desce eu zelo Suelros-costas quando avel-
 vou a distribuir (com data antecigada de 1 de junho)
 um papel Carta a D. Quixote, assignado zelo Maria
 Monteiro.⁽¹⁾

Li-a e zerguntei depois: a que zofarito veni is-
 to? Não vale a zofria distribucão gratuita...

Na balçada o objecto era curioso. Muita gente,
 no maisaris estudantes, aginhando a rua; zolicia
 como fãtuns; e de psecreto... meu falar nisso! Euan-
 do zarei na borda do zasseio em frente do Lusitano
 zegarei que tinha um duru lado e outro do outro,
 for ~~de~~ signal que um d'elles fez um gesto za-
 ra o outro, for detrás de mim. Não sei o que re-
 ris, mas o que é certo é que cada um foi para seu
 lado.

⁽¹⁾ Mazo III, 48-R

Continuava a afluencia de telegrammas de adhe-
sões. Infelizmente, porém, contava-se que aumentaria
o numero de matrículas subleite!

Veio o Alcantara, veio o Pacheco, veio o Floro; o
Pacheco deu-me um telegramma do Feio, agradeceu-
do o que lhe mandáramos; — e pôe então ponde que o
Luis Francisco Bricudo tinha sido preso porque distribui-
ra a circular do 4.º anno.

Esses rapazes procuráram o reitor, mas não es-
tava em casa; procuráram o governador civil, mas
não recebia... E o Lacerda Ferjez andava furioso
porque os dois se tinham negado, que era uma
infamia e que iam processar os dois policias — o d'
hoje que prendeu o Bricudo e o d'hoje que
prendeu o Mariano Vieira por irem contra o esta-
belecido na lei da imprensa e respeito do afre-
mão de impressores.

Mas o Pacheco atotou logo:

— Não fazem nada... Isto de franquismo cifra-
se numo pó phrase: pão arde!... Para que porem
as leis?... São ardes e prometo!

Mas fomos atrahidos pelo baratto dentro do Lu-
sitano. Correu gente para dentro e de dentro para
gente açada. Sentia-se barrar, e o agerão era gran-
de quando o policia quiz romper. Então lá de den-
tro sahiram gritos violentos:

— Vão a policia!

— Morte a policia!

E eu vi grande quantidade de tacos de lithas, no

ar, em attitude amesquada, vi risco imminente de Germarda, mas a policia sahio e voltou para a rua.

Fôra o caso que se levantára questões entre o Pestano J.^o, todo entusiastico e fogo, e o Antonio Paes Provisco, calouro de direito — a que me referi já, a pag.^o 192 deste volume. Este, como o Pestano o insultou, disse-me pouco mais ou menos:

— Insultas-me, mas não és capaz de me dar um bofetão!

O Pestano, levantou-se; estendeu o braço e fez-lhe a vontade... E d'ahi o barulho.

O caso causou pensação e já se dizia que os rapazes começavam a dar signal de vida.

O Alcantara mostrou-me então o Ramos Paz, de botas de ardem, com brunet da ardem, todo no ardem e tão bello como tem este Alcantara que lhe vieram as lagrimas aos olhos. E dizia:

— É ver eu que foi aquelle o unico que teve coragem de se sacrificar!

Eu confesso que não julgava o Ramos Paz honrem para isto. A seu respeito devo ter no mesmo dos autos que levantei no 23, notas pouco abonadoras do seu caracter. Hoje estou convencido que elle é um destes taes desgraçados que andam por ahi aos pontalões da ponte.

Coitado, ao menos teve a coragem que outros mais bem considerados não tiveram.

O Pacheco comentava-me este caso:

— Ora regate que muitos destes caracteres não

firmes, às vezes, para causas boas e para causas más. Parece que não tem em si uma força qualquer que os dirigue e dar é visto uma certa direcção.

Os raios, por fim, foram-se embora e eu e o Floro, Lourenço acima, fomos para casa.

No caminho encontrei o Costa Lobo:

— Embaixo o seu. o que diz a isto?

— Isto, seu. Dr. é uma vergonha...

— Sim, bem vê... Foi a solução melhor... O

seu. já encontrou matriculas?

— Não, seu. Dr. Já que de outros faria não posso protestar, protestei assim, não me submetendo.

— Sim, bem vê... É para vender o anuário, isso é. Mas parece-me que godia in... que diabo!

— Eu já resolvi, seu. Dr.

— Sim... Mas agora era aproveitar a ocasião...

Isto é um ardão d'acto, meu deus; mas enfim, é a solução mais jurídica que se encontrou... É meu caro amigo: na vida o que se quer são soluções jurídicas...

Com mais duas causas, despedimo-nos. Olhei para o Floro; e ao recommençar ~~o~~ a publicação, eu bi-me como commentario unico a esta faria de se ciocinar e dar conselhos:

— Este diabo ainda vai a ministro...

Coimbra =

= 1 de junho (sábado) =

Para começar, um pedaço de uma carta:

« Com respeito á gráve creio que está completa-
mente furodo seguindo as infermeções officiaes que te-
nho do d. João; e o Belizário re zende o auno é Jan-
que quer e tenho grande desgosto Jan elle não encerra
mednicula não pó Jan elle zender o auno como Jan
não ser agradável ao d. João e ficar muito mal vis-
to no ministerio da guerra; mas enfim, elle lá fo-
rá o que lhe zerecar mais conveniente, mas o que
não tem direito é a queixar-se.

« O d. João não pó deixar de se conservar no
cargo de reitor, apesar de tudo, enquanto o caso se
não liquidar peja de que modo for. »

Estê bocesso zecioso é de uma carta de meu tio Jo-
sé Pinheiro, factorem zolítico do d. João, Jan meu
Pae. Não leva commentarios.

Por motivos zenderosos pó conseguir chegar á bai-
xe, cerca de 4 1/2 da tarde. No Luzitano o mesmo
estendal de telegrammas e adhesões ás circulares;
e a muito custo arranjei um numero do Lueta
e um papel do Padre Gancez que é curioso zela bur-
rice — o que eu trauserezo zorque o que arranjei
foi somente eszpedido.

Estil-o :

Avante rapazes!

Editor-propriet.º e redactor responsável
Francisco Colino de Silva Gancez.
Licent.º de Theologia e Grad.º de Direito.

São finalmente definin-se os camulos!

Sloje é que se não pater ao certo quem teve a coragem de se incorporar no grupo que promoveu os turmultos, os afedrejamentos e os insultos!

Que não foi a Academia em Jaso, como se proclama, já se sabe, mas não resta a menor duvida de que foi uma pequena parte dos seus membros!

Esses, comprehendendo-se bem que não queiram encerrar suas contas, não resguardando a parte de responsabilidade que lhes cabe nos heroicos feitos acima apontados.

Dão uma prova de coherencia e solidariedade que muito os honra e por isso são dignos de todo o elogio.

Avante rapazes!

Continuar a reunir aos vossos condiscipulos que ainda tendes tempo. Falae com elles e recomei ao telegrapho do caminho de ferro.

Diranjei a maioria dizendo que já a tendes.

Depois, dissei alternativamente que vos desentendades de um mandato que a Academia nunca vos confiou, sempre com verdade, sinceridade e lealdade. Sobretudo não deixeis de proclamar bem alto a vossa lealdade nas futuras assembleias da Academia!

Menti, menti peudre, que é o conselho de um
vosso digno regentante atávico.

x

Fui á Alta no primeiro americano para saber
quantas matriculas havia e ouvi dizer que eram
571, o que já não é mau.

Da sua Larga vi o José Taveira de Carvalho gas-
nar zelo João dos Agostinho, do 5.º anno de medicina
e fizeram o seguinte cumprimento:

— Adens, seu Jutha!

— Olá, Jutha amigo!

E assim que elles se cumprimentavam agora,
tratando-se ironicamente por Juthas, porque aquel-
les que não encerram matricula, assim os tratam.

É engrasado, não é? É engrasado e é triste.

Tratam-se por Juthas sem ser que maliciante o
pad...

No fundo do meu encanhei outro vez o
Taveira que pulô.

— Meus para aqui, o seu Taveira?

— Não, vou a casa do Dr. Garrett... Tenho que lá
ir...

E regentimonamente:

— Já ha 571 matriculados, sabe?... Já tenho e
maioria...

Uchei de mais aquelle tenho, mas enfim, che-
gando á Jutha despedi-me afavelmente e elle lá foi
pressuroso e alegre levar a nova da victoria aos ca-

tholicos da familia Garrett que jaz ali andam a deshonrar esse glorioso nome.

Até tãde, no Calçada, havia o mesmo movimento; encontrei o Graujo que eu não viro desde abril e que andava com cara de acatunhado.

— Então essa causa ha deixou vender um movimento tão bonito?

— Que se the ha-de fazer, homem!

E contou-me elle que o Mario Mauricio tinha sido preso jaz andam a distribuir a carta e que heu tem me referi, mas ja fãa polto; que o Bricudo ja estava polto e — que isto tudo é um bandalhice!

Com a sua cara de Pae-Graujo (como the chamam) remexendo os olhinhos vivos, mostrava a expressão dolorosa de dó e de desgosto.

Elle, na verdade, fãa um das grandes alianças do movimento e um das cabeças mais pensadas; era, segundo o Pacheco, pensato de mais.

O Restau Junior, sempre no mesmo entusiasmo, incitava á desobediencia: ninguém devia sair de Coimbra!

— Que nos vendam a todos!

E o Graujo:

— Homem, não fazes nada... Serás que sahem todos e ficam ali uns dore e vinte como tu e que não enfiolados... Vê lá.

O Bricudo jazava então triumphanté, de grão e de grão, curruqueado, obrigado a combater cousas da gisa — e elle contava que o metteram

meus jrisão onde os carcereiros eram feras, jois que mandavam e logo faziam botas na yelle; e eu sou a policia de o tratar mal, meu navio coureu-riu que mandasse vir de casa.

— Desisto heras incomunicavel!

E dizia-me então:

— Imagine o meu amigo que a parte do jolicia era de fazer a aguarhar uns annos de cadeia: incitamento á greve, á revolta; falta de respeito á autoridade; etc, etc — e de tal ordem que pseudo entre a parte ao poder judicial, o juiz e delegado viram que aquillo não jodia por assim e não a accitaram. Eis-me aqui solto e livre!...

— Mas como arranjou o meu amigo por jress?

— Eu jeguei minhas circulares do 4º an.º de direito e dirigi-me a um jolicia e quiz-lhe entregar umas. O homem rezontou. Eu disse-lhe que era para ver se tinha alguma coisa de illegal e se joderia distribuir... O homem rezpondeu: "ohe que agrava mais a sua situação..." E aqui tem. E no caminho ainda me comen um cigarro!

Mas onde o Bico do estivesse juntava-se muita gente; e eu, para não chamar a attenção, afastei-me. Encountrei logo o Gloro, o Aguiar, o Meximiano, o Costa e fomos ao Margues Pinto.

Lá estava o Dr. Guim Martins sentado, tomando do chá e do nosso jredo para elle, comecou a jaspas meus trocos do jidas.

Eu jenguntei se tinha lido o jafel do jodro Garner.

— Si e achei graça. Até parece escrito pelo Engarçosa, não...⁽¹⁾

Depois agradeço o cadete João Ribeiro Baptista Caldeira, do 3.º an.º de pharmacia medica, e que é subsidiado pela camara municipal d'Alcobaca, de onde é natural, contou que o Manuel Gayo se zangara com elle por elle estar sempre a perguntar se havia meios de recuperarmos a fazer artigos com Giodas; e dissera que havia de fazer com que lhe retirassem o subsidio da camara só para elle não ser brincarão!...

— Citados, dizem o Guim, elles perderam a colheita. Mas othem que os rapazes tem feito muito. Mas do tem a quantidade de grama que tem havido de todos os lados...

É depois de um gole de chá:

— Tem sido medonho, tem feito todo o jornal. Elles até já nem agradecerem é visto...

— Elles?...

— Os franquistas... Se lá se vê algum franquista a valer por ali, onde haja ajuntamento? O Martins de Carvalho quando sente barulho no rumo fuge logo para casa... É agora ainda falta ver outra coisa...

— Qual?...

— É os mestres que se mostrarem independentes.

⁽¹⁾ Bernardino Ramos d'Alte Engarçosa, já do José
 M.º Ramos d'Alte Engarçosa, já citado varias vezes.

tes a que não yonnetteram aos raios os actos fe-
ceis, irem yara os actos dar churubto bravo!

— São calozes d'isso!

— Oh, na não!

— Vocês são de ver... Vai per ragoza que té yarté.
Verão, verão...

E quando faram horas, pahirnos. O Aguiar cha-
mando-me á yarté, disse-me que umis comissão
de ragoza, entre os quaes o Laroy, fora a Lisboa, em
segredo, tratar de amnistia; os outros que faram
com elle são os condegnheiros da anti-greia.

Mais outra pabujice! Como, apesar de tudo, não
conseguem levar de vancida a ovedencia inteira,
ainda se vão lançar, mais umis vez, aos yés d'al-
guem — quem sabe mesmo se do yulgis João
Franco que elles aguláram!

Mais bandedeira no caso! mais curvaturas
que é yara a ardilha se acurtemen puetar! Luce-
ravel gente...

Antes de ir yara o Alta eu e o Gloro ainda yô-
mos ao Franco, Anudo ver quando pahir o livro
dos mestres — yois que os yervas já mobilizavam
o advento de tão celebre raio de luz... e faziam até
beriza com o caso.

A Resistencia, de Coimbra, diz que elle se chama
A faculdade de direito e o seu ensino; e comi-
derações engraçadas conyugando e um outro livro O
causillo e o seu ensino do yicador D. João de Mello...

A Lucta de Leiria até diz o título dos tres ca-

gítilos em que elle se divide e até transcreve uns períodos de Liadas a Theophilo Braga.

É o Franca a guardar tanto segredo! É elles a saberem tudo!...

Mas, entrando na livraria, vejo... o quê?

O começo dos cursos livres de direito!

Sentado, com jaletôt sobre os joelhos, o Dr. Marcos, falando gravemente, mas com voz alta e autoritaria; ouvindo-o estavam o Dr. Alvaro Basto, o Dr. Oliveira Guimarães (de theologia) o Fernandes Costa, de Pharmacia e um professor do Lyceu.

Falavam dum livro qualquer que tinha sido por to zelo suas de avaragem pelo Silvio Romero e depois pelo Luiz Michel, mas cujo nome e autor não conseguí saber.

— Pois é neste livro que o Theophilo Braga fundou essa obra (mas sei tambem qual). Ora vejiam se isto é admissivel! Elle é de uma ignorancia crassa! Então aquella licção de direito que elle fez aos rapazes em Lisboa! Pff!.....

É desaudavel nunca pora no jobre Theophilo, e tal que eu gostava de saber se — por acaso — o Theophilo entrasse na livraria, se elle seria capaz de continuar na mesma ordem de ideias... São valentes, mas ao longe.

É por ahí fora, o homem continuava na sua furia anti-theophiliana!

É dizia destas e doutras:

— Nós é que ponemos uns livros...

E terminou, num grande gesto:

— ... em adueixar todas as nulidades!

Gesto de acquiescencia do Alvaro Basto, franquista até aos cabellos.

— Os seus trabalhos de sociologia são um lastim!

E ouviria mais se não quizesse ver embora. Os lautes de ~~inimico~~ direito são levados do demónio.

Ah... ..

Em casa li o artigo de fundo da Lucta. Outro bello artigo! Não crimiava os rages que encerraram matriculas: lastime-os... Fallo de quantos juvenis dramas não haveria, entre paes e filhos; de quantos meios se lançou mão para abater a dignidade dos rages; e terminou com palavras que me pareceram do maior bom senso.

E para contrastar, lêi nem, assim como no Illustrado, uma carta do tenente Ross, do Jateo tenente Ross, a propósito da Philantropia — mas que modo vale.

O Illustrado continua a desmentir tudo e traz o decreto admitindo a actos, os alumnos dos Institutos industriaes e agronomicos de Lisboa e Porto; traz tres telegrammas do reitor em letras grandes acerca do numero de matriculas; e traz a pessimal noticia de que no noite da Jateo é com Jachis herganhole que está no D. Anselmo, um Lisboa, porque esta fez uma manifestação d'agredo é rainha, foram presos... quem? O Raimundo Pinto,

o Pinho Ferreira e o Carlos Olavo! Logo: (conclusão do Illustrado) a questão acadêmica e uma questão política.

Oh Deus misericordioso! Se tu existes e se és creatura de espinho, dá um bocado de luz divina e esta gente que não anda no teu divino graça!...

Que bores!...

Coincidentemente =

= 2 de junho (domingo) =

Beem cedo ainda aqui de casa, com a máquina photographica — com o fim de ver se illustrava este diário...

Fui à Universidade, onde havia já zoliceia, outra vez, é Porto-Jesus e dentro do jato. Uns jovens nos grupos de estudantes vendo não sei o quê; e o tenente-coronel Dias passando e conversando aqui mesadamente com o Bernardino Palos Engarosa, o tal que, deixando ao filho unico algumas centenas de esubos, tratou de por todos os modos ver se furava a grãue.

Andei com a máquina atroz d'ellos, mas não conseguí nada...

Resolvi ir com o Maximiliano que ali apparece, é secretario. Já ali entrar pela primeira vez depois de fevereiro ultimo; mas que causa nojentã!

D'gente que deita sobre o claustro, outro zoli-